

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

REDEMPCÃO (1924-1932):

Tradição e modernidade em círculos de intelectuais em Manaus

SARAH CÂMARA FREITAS

MANAUS

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

SARAH CÂMARA FREITAS

REDEMPÇÃO (1924-1932):

Tradição e modernidade em círculos de intelectuais em Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia da Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva.

MANAUS

2014

Freitas, Sarah Câmara

F866r Redenção (1924-1932) : Tradição e Modernidade em círculos de intelectuais em Manaus / Sarah Câmara Freitas. 2014
144 f.: 31 cm.

Orientador: Marco Aurélio Coelho de Paiva

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Campo intelectual. 2. Literatura. 3. Política. 4. Modernidade. I. Paiva, Marco Aurélio Coelho de II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

SARAH CÂMARA FREITAS

REDEMPCÃO (1924-1932):

Tradição e modernidade em círculos de intelectuais em Manaus

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia. Área de Concentração: Sociologia da Cultura.

Aprovado em 16 de Dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marco Aurélio Coelho de Paiva.
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Profa. Dra. Maria Luiza Ugarte Pinheiro
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

Prof. Dr. Odenei de Souza Ribeiro
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

*Podem passar todas as fases da vida, tudo pode
passar, o que você disse Clovis, fica,
ficará porque você pôs o nosso sentimento bem nu
(ENEIDA)*

Resumo

A revista *Redempção* (1924-1932) deve ser compreendida como uma das principais expressões do ambiente cultural manauara nos anos 1920 e 1930, principalmente com as eclosões das rebeliões políticas ocorridas neste período. Em torno desta publicação foi agrupado um conjunto variado de autores locais de diferentes tendências estéticas e ideológicas, conferindo-lhe um papel crucial para o debate público acerca de assuntos políticos e literários em um momento de redefinições da ordem nacional e local. Nos artigos, contos e debates explicitados nas suas páginas é possível delinear o perfil dos diferentes autores pretendentes a legislar com maior legitimidade acerca dos assuntos culturais e políticos mais candentes, convertendo a revista em uma verdadeira instância de consagração intelectual. Questões atinentes aos problemas da linguagem literária, por exemplo, demonstram como *Redempção* refletiu o ambiente intelectual e político vivenciado em um momento de transição pelo qual o Brasil passava a definir com maior concretude os conceitos de nacionalismo e brasilidade. Clóvis Barbosa, neste sentido, foi o autor central a articular todo um debate que, ao fim e ao cabo, delineou um campo intelectual manauara.

Palavras-chave: campo intelectual; literatura; política.

Abstract

Redempção (1924-1932) should be acknowledged as one of the main expressions of cultural environment in Manaus in the 1920's and 1930's, mainly due to the hatching of political rebellions during this period. Around this publication, a varied number of local authors gathered from different esthetic and ideological tendencies, to whom conferred a crucial role for the public debate about political and literary subjects in a time of redefinition of national and local order. In the articles, novels and debates indicated in their pages, it is possible to outline a profile for different authors intending to legislate with more legitimacy about most pressing cultural and political subjects, translating the magazine as a true resort of intellectual consecration. Matters pertaining to literal language issues, for example, demonstrate how *Redempção* reflected the intellectual began to define concepts of nationalism and "Brazility" in a more solidified approach. Clovis Barbosa, to that end, was the central author to articulate an entire debate that, after all, delineated an intellectual field in Manaus.

Keywords: intellectual field; literature; politics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I	
Da política para a cultura: a revista <i>Redempção</i> e a formação de um campo intelectual local.....	11
CAPÍTULO II	
Política e militância intelectual no Amazonas.....	29
- Dos encontros institucionais.....	37
- Da síntese temática.....	41
CAPÍTULO III	
Um modernismo amazonense? Perfil do intelectual na <i>Redempção</i>	48
CONCLUSÃO.....	71
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE A	
Catálogo das edições da revista <i>Redempção</i>	81
APÊNDICE B	
Colaborações analisadas.....	143

INTRODUÇÃO

Os anos 1920 e 1930 foram anos de efervescência política e intelectual no Brasil. O processo de constituição de uma identidade brasileira e de afirmação do potencial nacional diante dos outros países desencadeou uma crescente e profícua produção de bens simbólicos que refletiram as mudanças dos significados e valores culturais. No Amazonas, intelectuais locais então preocupados em apresentar as riquezas e peculiaridades da região, perceberam o debate acerca da cultura como uma das alternativas possíveis para a sua inserção proveitosa no debate nacional.

A revista *Redempção* pode ser considerada como uma publicação bem sucedida não só por sua relativa longevidade (apesar das dificuldades), mas também em função do seu papel em agregar um conjunto variado de autores locais de tendências políticas e estéticas diversas. No entanto, na história da intelectualidade brasileira, ela representa, além de um instrumento de diagnóstico por si só interessante, um espaço a um só tempo de embates e de legitimação do próprio trabalho intelectual. Parcela considerável dos intelectuais amazonenses resolveu agregar-se em torno dela, independente das suas preferências estéticas, a fim de inserirem-se no bojo do debate político então candente. Embora fosse um momento de ingerência da política nos afazeres do trabalho intelectual, as questões relativas ao modernismo propiciaram um primeiro passo para um delineamento de um espaço específico para o debate e o exercício do trabalho intelectual e literário.

Com a intenção de reunir o máximo de edições da revista, comecei pelo Museu Amazônico da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) onde a coleção ali existente de *Redempção* não apresentava boas condições para uma análise mais meticulosa. Em primeiro lugar, o Museu não poderia disponibilizar no ano de 2012 as edições originais, pois estavam em processo de reforma e as cópias existentes estavam esbranquiçadas e cortadas. Em segundo lugar, os números copiados estavam desordenados, impossibilitando a compreensão textual e a tematização da revista. Já no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (IGHA), os números da revista *Redempção* haviam sido arquivados em local errado, dificultando seu empréstimo. No Laboratório de História da Imprensa do Amazonas (LHIA), laboratório vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História Social da UFAM, me foi disponibilizado em mídia as duas fases da revista, encontradas anteriormente no IGHA. No entanto, recebi a informação que no processo da digitalização da revista, perceberam que ela havia sido encadernada em páginas abertas, uma em cima da outra, não definindo, dessa forma, o término de cada número. Na tentativa de ordená-las, até 2012, concluíram apenas o

primeiro número datado de novembro de 1924. No entanto, os demais números não foram finalizados em função de problemas administrativos do Museu Amazônico. Na Biblioteca Mário Ypiranga, por sua vez, encontrei os originais da primeira fase: ano I, números II, III, IV, V-VI, VII, VIII e o suplemento de 2 de novembro de 1932, todos em perfeitas condições. Em função da dificuldade de acesso integral à revista, propus digitalizar esses originais ordenadamente. Assim, reuni oito revistas devidamente ordenadas, conforme originais, e mais 38, totalizando 46 revistas. A partir desse volume, foi necessário construir um método de organização. Foi quando organizei um catálogo dos elementos das revistas tais como notas, fotos, artigos, poesias, contos, seções, onde especifiquei ano, mês, número da revista, categoria que abrange tipo de elemento e/ou nome da seção na revista, título e autor (ver Apêndice A). A partir dessa catalogação, pude então estabelecer uma visualização das peculiaridades da *Redempção* e perceber a relevância de analisar uma revista amazonense dos anos 1920 e 1930.

Como já salientado, a revista *Redempção* é fruto da iniciativa de parcela importante dos intelectuais locais tendo em vista o debate em torno das redefinições culturais e políticas do Brasil e, evidentemente, como a região amazônica, dadas as suas peculiaridades, poderia inserir-se nesse processo. Não é difícil imaginar como esse debate poderia propiciar aos diferentes autores possibilidades de transformarem-se em porta-vozes politicamente autorizados a definir ou estabelecer os eventuais critérios de regionalidade. A revista *Redempção*, dessa forma, apresenta-se como um veículo cultural a mesclar uma discussão política e estética acerca dos temas atinentes aos processos de representação da nação e da região. Mas, por outro lado, ela também acaba por desempenhar o importante papel de contrapor os diferentes autores em um debate importante acerca de problemas estéticos e políticos, esboçando, assim, um campo de disputa acerca de posições mais ou menos dependentes das ingerências do campo político. As rachaduras políticas geradas pela crise de dominação oligárquica nos anos 1920 teriam propiciado certo vislumbre de autonomia relativa do trabalho intelectual em relação às eventuais amarras do jogo político. Embora o desfecho da Revolução de 1930 tenha reafirmado essa presença da política como elemento importante de legitimação do trabalho intelectual, não se pode negar que um campo intelectual já havia sido ao menos delineado.

Tendo por objetivo principal compreender a revista *Redempção* como um espaço de consagração dos intelectuais locais, primeiro procurei localizá-la na história do Amazonas e da cidade de Manaus, salientando a atividade do seu editor Clóvis Barbosa. Em seguida,

busquei compreender o processo de organização da revista; em um terceiro momento, procurei entender como foi construída a temática da revista e, em um quarto momento, investiguei se a revista apresentava algum tipo de linguagem literária condicionada às visões de mundo do período de transição oligárquico-republicano. A partir desses objetivos, estabelecemos a escolha de sete autores para análise: Abguar Bastos, Álvaro Maia, Benjamin Lima, Clóvis Barbosa, Coriolano Durand, Péricles Morais e Raimundo Monteiro. Tendo feito essa escolha, construí um quadro de trajetórias onde delimitamos, respectivamente, o literato, seu local de nascimento, sua origem familiar, sua formação acadêmica, sua carreira, seus vínculos institucionais, seus tipos de produção e o tema trabalhado na revista. Para preencher esse quadro utilizamos o *Dicionário amazonense de biografias*, de Agnello Bittencourt, dados da própria revista *Redempção* e recortes de outros periódicos reunidos ao longo da pesquisa. Quanto à última delimitação do quadro, analisamos as contribuições dos autores e organizamos, a partir de uma leitura que visava a compreensão de um ideal de intelectual, a percepção da preferência estética na produção dos trabalhos (ver Apêndice B).

O primeiro capítulo aborda o contexto histórico-político que proporcionou a Clóvis Barbosa organizar a revista *Redempção*. O segundo capítulo expõe os acicates para a instauração de uma linguagem literária brasileira, tema que vinha a reboque do modernismo. Vale lembrar que a revista *Redempção* emerge como uma iniciativa de Clóvis Barbosa e da sua rede de relações a proporcionar a formação de uma temática peculiar quando da reunião de autores com diferentes preferências estéticas. O terceiro capítulo, por seu turno, aborda Clóvis Barbosa como o articulador da publicação e ponta de lança do modernismo na Amazônia a reclamar uma linguagem própria para a região.

CAPÍTULO I

DA POLÍTICA PARA A CULTURA A *Redenção* e a formação de um campo intelectual

As revistas literárias evidenciam práticas culturais que possibilitam diagnosticar a identidade de uma sociedade. No Brasil, a partir de 1889, as publicações de jornais e revistas deveriam amoldar-se não só aos interesses religiosos, mas também, e principalmente, aos imperativos da política. Quando se deu a proclamação da República, a necessidade de um maior controle da imprensa se fez necessário em função das possíveis reações por parte dos partidários da ordem monárquica então aliados. Mas logo a liberdade de imprensa foi restaurada. A dinâmica econômica do país estava em processo de transformação aguda. Indústrias, *grand magazines* e o comércio em geral redirecionaram a produção de periódicos em conformidade com a lógica do mercado (MARTINS, 2008). A palavra escrita passava a obedecer aos ditames impostos por um mercado cada vez mais em expansão nos centros urbanos. Nesse momento, o papel do redator-chefe, ou do editor, fazia-se de fundamental importância para a escolha e a organização dos artigos a serem publicados nos diferentes periódicos, pois tais operações determinariam a maior ou menor aceitação da publicação. Pode-se dizer que a própria dinâmica social levou à especialização das publicações.

Embora, nesse momento histórico preciso, a grande parte da imprensa ainda estivesse alinhada aos preceitos governistas, no decorrer dos anos de implantação e consolidação do regime republicano os jornais tenderiam a direcionar-se, a princípio, para a tomada de um posicionamento mais crítico em relação ao poder político vigente, e isso na medida em que buscavam posicionar-se como porta-vozes de possíveis ondas de opiniões contestadoras a emergir nos centros urbanos. As revistas, por seu turno, apesar de também se voltarem para um mercado em expansão, aprimoravam determinadas técnicas então utilizadas para a sua produção e cooptação de leitores, desprendendo-se, de certa forma, das discussões políticas e se debruçando sobre temas relacionados aos costumes, moda e letras. As revistas, além de inclinadas para as questões de convivência, representavam grupos institucionais e sociais que buscavam uma representação e maior inserção no jogo político. Assim, mesmo que suas preocupações fossem questões aparentemente mais amenas e de ordem da convivência social, elas também refletiam as vicissitudes de uma realidade mais dinâmica, contestando e questionando, de alguma forma, a legalidade e os limites do regime republicano. O sentido da contestação não prescindia da derrubada do sistema político, mas sim da sua organização e

possível aprimoramento. Outro ponto que se expressa nessa afirmação é a ressonância para os variados movimentos intelectuais/literários, tais como o modernismo, que se utilizou de diferentes revistas para, de um lado, repercutir os ideais de uma produção de caráter nacionalista e vanguardista e, de outro, a consagração e sobrevivência material e imaterial de campos intelectuais por todo país.

A aceitação do público e, portanto, a lucratividade das revistas, mesmo que dependessem de certos critérios então delineados pelo editor em consonância com o mercado de bens simbólicos, não era deixada de lado a representatividade do grupo específico de autores que a geriam a partir de posicionamentos ideológicos e estéticos específicos, propiciando a cada grupo um possível instrumento de consagração em um momento político e cultural efervescente. Podemos inferir que, a partir das concepções artísticas e ideológicas de cada cenáculo de intelectuais, e que, ao fim e ao cabo, fundamenta a produção em cada periódico, existiam pares escolhidos para compor o quadro de publicações dentro de linhas temáticas. Cabia ao redator/editor essa escolha e a articulação para torná-las inteligíveis ao leitor sem perder o “ar descontraído” que a revista deveria proporcionar. Na lógica do mercado, a partir de 1900, o literato passava a ser um profissional das letras e a sobreviver de suas produções. Surgia, dessa forma, a profissão literária. A colaboração para os periódicos passava a ser remunerada. Havia variação quanto ao pagamento, dependendo do grau de popularização atingido pelo literato ou, então, determinado literato era funcionário fixo de uma redação.

Assim, é possível perceber uma dupla consagração. A primeira relacionada à escolha do editor que reunia determinados intelectuais na intenção de aumentar o nível de aceitação do periódico e, a segunda, relacionada à receptividade da revista junto ao público, pois ao verem o literato em determinado periódico que apreciassem, tal fato tendia a conferir-lhe maior reconhecimento.

As revistas podiam ter temáticas variadas, exposição de diversos gêneros e escolas literárias e seções que eram alteradas conforme as estratégias de venda e aceitação dos leitores. As revistas literárias e recreativas, para permanecerem no mercado, deveriam manter boa receptividade junto a um público sempre crescente, abrindo espaço para diferentes temáticas, estilos literários e, conforme sua abrangência, correntes ideológicas. O editor, dessa forma, deveria ser alguém capacitado para reconhecer a necessidade de uma pluralidade de correntes políticas e ideológicas.

Quando se é considerada a habilidade necessária por parte do editor no sentido de se manter uma pluralidade de abordagens nas publicações e, por isso, uma boa receptividade junto ao público, corre-se o risco de certo descompromisso, a princípio, por parte do editor em relação às causas (políticas e/ou estéticas) do grupo organizador da revista (MARTINS, 2008). É verdade que podem ter existido revistas que, de maneira mais estrita, se preocupassem com a lucratividade, mas, como não poderia deixar de ser, a ação ou o produto final de uma ação é resultante da interpretação de diversos aspectos a envolver a realidade. Sendo assim, mesmo que a revista *Redenção* tenha sido organizada com o intuito do lucro, os colaboradores e o editor formularam conceitos e abordagens que foram absorvidos, de certa forma, pelos seus pares e pela sociedade, direcionando-os a determinadas ações. Afinal, revistas são um “instrumento disseminador de sonhos e ideias tão avessos à pecúnia [que] conformara sua sobrevivência às regras implacáveis do capital” (MARTINS, 2008, p. 86).

A revista *Redenção*, editada em duas fases, a primeira entre 1924/1927 e a segunda entre 1931/1932, pode ser entendida como fruto direto dessa convergência então havida entre moralização da ordem política e efervescência cultural, principalmente quanto ao tratamento de temas amazônicos. Inicialmente devotada para uma discussão sobre a realidade amazônica em um momento de ebulição política¹, os autores reunidos em torno dela propunham-se a fazer uma reflexão em torno da cultura amazonense. A diversidade e a flutuação temática em diferentes momentos expressam, por seu turno, como o ambiente político afetava diretamente a sua constituição enquanto um projeto cultural. Entre 1924 a 1926 ela era denominada de “revista política, literária, econômica, social e comercial”. No ano de 1927, “resenha mensal de artes e atualidades” e, entre 1931 a 1932, “atualidades, política, letras e problemas sociais”. A revista *Redenção* buscava atender as demandas de um mercado² ainda incipiente de bens simbólicos na cidade de Manaus, mas, por meio do seu editor Clóvis Barbosa, mantinha a preocupação com a transformação da realidade amazônica a partir de uma atuação dos intelectuais locais.

¹ A criação da *Redenção* em Manaus em 1924 tem conexão direta com a Revolta Tenentista ocorrida no mesmo ano. Para maiores esclarecimentos sobre a Revolta Tenentista em Manaus ver Santos, 2001.

² As revistas, em geral, contribuíram com o desenvolvimento de gerações literárias, criando um mercado de editoração nacional. A *Redenção*, bem como outras revistas, apresentava novos gêneros literários tais como crônicas e reportagens, característico do momento de modernidade em que estava inserida, além de seguir a estratégia de seriação, onde romances, contos e artigos em geral podiam ser fragmentados em dois ou três números da revista, sequencialmente, ou a fragmentação poderia ocorrer no interior de um único número, condicionando o passeio do leitor por todo o número, instigando sua leitura completa, incentivando interesses por outros temas e a leitura dos números consecutivos.

A *Redenção*, nos termos que se apresentava, almejava converter-se no testemunho documental de uma mobilização de certos intelectuais amazônidas (além de outros colaboradores nacionais) no processo de reconstrução política e cultural do Amazonas em consonância com a produção artístico-literária local. Produção esta que, de um lado, limitava-se a reproduzir a tradição literária brasileira, utilizando, por exemplo, o parnasianismo como modelo de expressão poética, e, de outro, buscava construir uma linguagem própria, amazônida, como reflexo direto da difusão propagada pelo movimento modernista.

O Brasil vivia uma grave crise econômica e política no decorrer dos anos 1920, com o sistema oligárquico já sinalizando suas limitações em função das novas demandas geradas pelos ambientes urbanos em expansão. As forças armadas assumiam gradativamente o papel de porta-vozes dos setores médios urbanos e arvoravam-se como instituição responsável pela República no Brasil a ser pautada por uma prática democrática. Cabia aos militares, segundo os seus próprios pontos de vista, reorganizar e zelar pelo sistema político, a despeito de sacrificar suas vidas na luta contra a “corrupção da democracia”. A preocupação com o sistema republicano por parte dos militares pode ser entendida como uma ação política destinada a promover uma reorganização social a partir da efetivação de um regime legal e constitucional, e que vinha sendo tratado e distorcido conforme as vontades das diferentes facções oligárquicas. A deterioração do sistema oligárquico no decorrer dos anos 1920 foi a principal motivação para os levantes tenentistas de 1924, e que foram promovidos como uma estratégia de aproximação com a sociedade civil, mas que, devido à força das vontades e articulações oligárquicas, não obteve o resultado esperado (BASTOS, 1969). A ação militar de 1924, de certa forma, foi uma intervenção social, pois mobilizou diferentes grupos de intelectuais em prol de ideias reformistas.

A situação política em Manaus estava então marcada pelas disputas acirradas entre as oligarquias locais. Momento em que pesavam sobre os Rego Monteiro, facção hegemônica, a acusação, por parte da facção dos Nery, de terem deturpado a ordem e a moral republicana. Os periódicos nesse momento foram, de certa forma, instrumentos cruciais a viabilizar a união entre a sociedade civil e o grupo de militares que se denominavam de revolucionários.

Foi lançado em 23 de julho de 1924, após a tomada do poder pela união revolucionária vinculada à facção Nery, o *Jornal do Povo*, veículo a exercer o papel de porta-voz dos acontecimentos revolucionários para a população e que sobreviveu em 30 edições, sendo gerenciado pelo redator-chefe Paulino de Brito, os redatores Clóvis Barbosa e Antóvilva Mourão Vieira e o chefe de revisão Vinício Azevedo (LOBO, 2002). Era dividido em

diferentes seções: o noticiário, a moralização política e o editorial. Nos noticiários estavam as atividades do governador, Ten. Ribeiro Júnior, e as conquistas em Óbidos. Na moralização política publicava-se o processo político contra os Rego Monteiro e, ainda, o controle do *Tributo da Redenção*³.

A crítica aos Rego Monteiro direcionou o olhar da população para a rebelião tenentista como um evento político atrelado às particularidades da política local, privando-a do entendimento de que o apoio à Revolução Tenentista consistia em certo oportunismo dos grupos oligárquicos para estabelecerem-se no poder. Neste sentido, o discurso da moralização política, o mote do tenentismo em escala nacional, ficou manietado no plano local, pois não houve de fato moralização na medida em que se substituiu uma oligarquia por outra. A população, encerrada nos limites impostos pelas demandas regionais, entendia que a deposição do governo Rego Monteiro representava, em si, a queda do sistema político que havia deturpado o ideal republicano.

O *Jornal do Povo* apresentava o ideário dos militares e o pensamento dos civis que apoiavam a rebelião e participavam do governo revolucionário. Segundo Santos,

Esse periódico, agindo como propagador das ideias dos militares rebeldes, vulgarizava os seus propósitos, tornando-os inteligíveis àquela população urbana, cuja participação tornou-se efetiva no processo de desenvolvimento da rebelião, através de manifestações promovidas por elementos civis ligados ao proletariado urbano e do funcionalismo estadual. (SANTOS, 2001, p.120)

Nas vésperas da dissolução da revolução tenentista em Manaus, Clóvis Barbosa publicou no *Jornal do Povo* o artigo *Contentes e descontentes – Abaixo os Medalhões!*, como podemos verificar:

[...] Sim! O Amazonas, ponto culminante da flibusteria, receptáculo dos mais célebres ladravazes, vai surgindo, esplendorosamente, das cinzas do aniquilamento, esse aniquilamento produto da caliginosa vertigem de ambição dos seus administradores. O gigante acordou. O gigante não continuará a ser vilipendiado... Uns atribuem o sofrimento do Amazonas à bondade nímia e pecaminosa de seus filhos para com os aventureiros. Outros asseveram, categoricamente, que, - frustradas todas as nobres vontades do povo amazonense, vontades essas sempre imbuídas de verdade e justiça, essas verdades e justiças que não convinham ao Sr. Presidente da República, o todo poderoso da política do País e criatura que nomeia os chefes de Estado, o povo do Amazonas se prendeu nas teias do fatalismo...

³ O *Tributo da Redenção* consistia no combate à miséria pela qual passava a população de Manaus, gerenciado pelo tenente Ribeiro Júnior, onde, conforme Santos (2001, p. 107), “através de guias de recolhimento, cujos fundos eram provenientes de confiscos bancários ou como resultado de leilão de bens móveis, o ‘governo revolucionário’ adquiria dinheiro e efetuava os pagamentos de funcionários públicos, garantindo desse modo a sua popularidade, face a esse setor da população de Manaus”.

Entoemos, ó mocidade redentora, o nosso hino de vitória; espalhemos, por toda a parte, as tendas de nossa energia e, absolutamente, não consintamos que os velhos, que os coronéis, continuem com essa política aviltante e destruidora, inspirada pela especulação, pela incongruência, pela ambição, pela tradição! Abaixo os Medalhões! (BARBOSA, 1924, p. 1)

Após a revolta tenentista e a intervenção do poder central por meio do interventor Alfredo Sá, acreditou-se que o Estado inseria-se em um momento de restauro, glória e redenção.

Em 24 de novembro do mesmo ano, Clóvis Barbosa organizou a revista *Redenção* a partir do apoio direto de Agésilau de Araújo⁴, em um momento de transição, quando o Amazonas, por assim dizer, preparava-se para uma transformação política e social. Em seu primeiro editorial, intitulado *Redenção*⁵, verificamos o sentido do surgimento dessa revista.

O próprio nome desta revista explica os motivos de seu aparecimento, quando o Amazonas se apossa das chaves misteriosas que hão de abrir as portas de bronze de seu grande porvir, até agora trancadas por fatores sob vários pontos removíveis. Na luta hercúlea, cristalizando as forças palpitantes do Estado, não poderia ficar em olvido o elemento intelectual, que as movimenta e esconde, que as ilumina e se oculta na sombra, ao guande dos preconceitos absurdos. Além dessa promessa, já de si respeitável, assume esta publicação uma responsabilidade para com esta magnífica terra, - a elevada responsabilidade de fazer-lhe a propaganda no país e no estrangeiro. Será também um repositório fiel do nosso movimento, mostrando aos interessados como um espelho nítido, os vários prismas em que se reparte a nossa vida econômica e financeira. Não temos um programa restrito: as nossas páginas estarão abertas às múltiplas manifestações do pensamento. Mas julgamos ser de máximo proveito para um Estado novo a explicação de suas riquezas, de suas reservas: daremos preferência a assuntos puramente regionais. E não vemos nossa forma de agir uma estreiteza de métodos. Antes de compreensão do nosso tempo e do papel que nos compete na defesa do nosso lugar ao sol.

A hora, que atravessamos nervosamente, é rara: a História não a reproduz muitas vezes. Estamos no dever de aproveitá-la com amor, defendê-la com sangue, segui-la com entusiasmo: é o que pretendemos fazer nestas colunas, abertas à exaltação de nossas coisas. Dizemos assim conscientemente, sem desvio de sentido, porque falar no Amazonas, após tanta amargura, é uma divina e sagrada exaltação, bastante para redimir todas as audácias e desculpar todos os sacrifícios... (REDEMPCÃO, 1924a).

Seu objetivo, portanto, era o de inserir de forma efetiva os intelectuais locais no âmbito do debate político. Segundo seus organizadores, o elemento intelectual movimenta as “chaves misteriosas que hão de abrir as portas de bronze de seu grande porvir” (REDEMPCÃO, 1924a, p. 1), o que, por si só, já denota o papel a ser atribuído aos próprios intelectuais enquanto portadores quase iluminados das soluções a solver quaisquer problemas de ordem política. E, pelo fato de a atividade intelectual sofrer preconceitos, havia obstáculos

⁴ A revista *Redenção*, em um primeiro momento, foi patrocinada/organizada por Agésilau Araújo e Clóvis Barbosa, este último responsável direto pela existência da revista dada a sua obstinação. Clóvis Barbosa era um representante do círculo intelectual e literário do Amazonas e que se empenhou para a existência da revista a despeito das dificuldades. Agésilau Araújo, filho de J. G. Araújo, conhecido como “homem de imprensa de combatividade”, associado a Clóvis Barbosa, regulamentou a revista *Redenção* a partir de janeiro de 1926.

⁵ Editorial provavelmente escrito por Clóvis Barbosa.

a serem vencidos no sentido de conferir aos próprios intelectuais a importância que eles próprios se atribuíam. Por isso, ao evidenciarem as suas supostas importâncias dentro de um novo contexto político e cultural, bem como suas estratégias a serem desenvolvidas, deixavam de se ocultar nas sombras e promoviam-se como atores políticos ativos. Dessa forma, além de se converter em um meio de propaganda do poder público local, a revista *Redenção* mostraria como os intelectuais envolviam-se, por direito, nas discussões políticas mais candentes, além de intervirem nos rumos da vida econômica e financeira.

A atividade intelectual como atividade pretensamente salientadora das desventuras sociais não seguiu, por seu turno, um rumo específico e direcionado em termos ideológicos e estéticos, mas sim diversas orientações foram permitidas, independente dos estilos e posicionamento político dos autores. Conferiu-se preferência, no entanto, aos assuntos regionais com o objetivo de a população local compreender, de um lado, as riquezas próprias da região, bem como o tempo histórico então vivenciado, e, de outro, o papel do próprio intelectual na defesa e na redenção do Amazonas. Assim, conforme o primeiro editorial:

O aparecimento de REDEMPCÃO, com tantos empecilhos a vencer, sem faltar mesmo a indiferença do meio, é, por certo, um sacrifício e uma audácia... Mas a vida só é bela com esses arrojos, que a dignificam, e nós queremos viver... (REDEMPCÃO, 1924a, p. 1).

A revista *Redenção* buscava posicionar-se politicamente, portanto, de modo a reconhecer os direitos então conquistados após a intervenção federal, influenciando os cidadãos que ainda não haviam aderido à causa. Um posicionamento político que tendia a conferir ao momento histórico e ao movimento das forças sociais em conflito uma simbologia de esperança para a população local.

A intervenção federal havia iniciado em 29 de setembro de 1924 e se estendeu até 15 de dezembro de 1925. Como podemos observar na edição de número 8 do primeiro ano de publicação da *Redenção*, datada de outubro de 1925, diversas páginas fazem uma referência positiva a essa intervenção no Amazonas. Como a revolução não era entendida como propriamente uma dissolução do sistema republicano, mas como sua reorganização, segundo Abguar Bastos (1969, p.180), “tudo dependia de uma simples mudança de homens e de uma certa mobilização do exercício do voto”. A partir do artigo de Álvaro Maia, *Em campo aberto*, presente tanto no número de abertura da primeira fase da revista quanto na segunda, compreendemos que o projeto de existência do periódico, ao tentar dar certa expressão a um movimento de ordem artística e intelectual, também se enfronta no debate político. A inserção no debate político por parte dos variados e distintos autores da revista *Redenção*,

por seu turno, sofreu os efeitos das limitações próprias do mundo intelectual em relação ao jogo político. Pode-se dizer que foi uma atuação indireta e cautelosa, embora com pretensões de instigar a população ao raciocínio de sua situação e seu dever em agir política e socialmente a favor de “um tempo em que se possa viver serenamente” (MAIA, 1924, p. 5).

A atuação política por parte da revista, inicialmente, tendia a demonstrar que a intervenção do poder central não deveria gerar certo acomodamento político por parte da população, ou seja, que ela não sedimentasse a crença de que os problemas políticos estariam resolvidos pela ação daquela ou de outra autoridade, mas sim que o voto e a cobrança direta seriam os reais mecanismos de mudança. A esperança se fundamentava na possibilidade de maior participação social nas definições de seus representantes e construção do ideal definidor das atitudes e atividades públicas que garantissem a democratização dos serviços. Fazia-se necessário esse encorajamento porque o jogo político vinha sendo definido, tradicionalmente, em meio às disputas oligárquicas, impedindo a participação efetiva de outros grupos sociais então emergentes e obliterando uma prática governamental no sentido de melhoramento das condições de vida do conjunto da população. As ações governamentais, na medida em que eram sempre delineadas em função do jogo oligárquico assentado nas regras dos favores de parte a parte para a manutenção de fatias do poder em prol de determinadas facções políticas, impossibilitavam e travavam o atendimento de demandas geradas pela sociedade, além de imobilizar qualquer ação mais efetiva quanto a uma solução para a situação de calamidade vivenciada com a crise da borracha. A luta se inscrevia, dessa forma, não na instalação do ideário republicano, mas sim no exercício de uma democracia. O voto, em princípio, seria um instrumento a serviço da transformação daquela realidade. No entanto, levando-se em consideração que, por conta das acirradas disputas entre as forças oligárquicas, as eleições então existentes eram corriqueiramente burladas para o favorecimento de determinada facção, o processo eleitoral, por si só, caiu em descrédito. É fácil constatar, portanto, a não existência efetiva de um regime republicano pleno (MAIA, 1924).

A revista *Redenção*, em seu terceiro número, homenageou o interventor federal Alfredo Sá e seus auxiliares, afirmando que a reconstrução do Amazonas foi possível por conta de suas atividades. Os autores da revista, por meio de seu editor Clóvis Barbosa, entendiam o papel do interventor como alguém que vinha “restaurando o direito e a moral na administração pública... como um reconstrutor e um modelador” (*REDEMPCÃO*, 1925a, p.1). O interventor seria o personagem que assegurava a liberdade do voto. Clóvis Barbosa enaltecia a atitude cívica por excelência e que se efetivava por meio de um ato direto de

transformação, o voto. A sociedade deveria, naquele momento em que as urnas poderiam livremente exercer o seu papel, “agir surdos a lamúrias e a falsos arrependimentos, certos de que [estariam] colaborando para dar ao Amazonas homens honestos e capazes, épocas prósperas e tranquilas” (*REDEMPCÃO*, 1925b, p. 11).

A receptividade da revista, dentre outros periódicos existentes naquele momento, foi satisfatória. Os jornais *Diário Oficial*, *O Libertador*, *A Lucta Social*, *A Liberdade*, *A União Portuguesa* e *O Jornal do Comércio*, em nota, qualificaram-na e a parabenizaram-na por marcar um acontecimento novo na vida intelectual do Amazonas. A imagem que esses periódicos figuraram acerca da *Redempção* foi como a chegada de um tempo que há muito se esperava, um agente que corporificasse e vocalizasse as angústias sociais de forma transparente. A revista vinha sendo divulgada em pregões, nos quais prometiam ser ela um “atestado dos recursos e possibilidades do meio intelectual amazonense”, no uso de suas técnicas, para divulgar uma “seleção de valores morais e mentais” (*REDEMPCÃO*, 1924b, p. 32). Falou-se em ventura da sua inauguração, como marco de uma imprensa indígena⁶. Imprensa indígena, provavelmente, foi a denominação dada às produções artísticas e literárias amazônicas que buscavam ressaltar as características regionais, sinalizando um esforço intelectual de construir e legitimar um campo intelectual e literário no extremo norte brasileiro. Em seu terceiro aniversário, a revista da Associação Comercial do Amazonas parabenizou a revista *Redempção* por ter estimulado o meio artístico para o empreendimento de novas revistas (*REDEMPCÃO*, 1926).

A revista *Redempção*, por volta de março/abril de 1925, expôs as dificuldades de sobrevivência devido ao alto custo de sua produção que, aparentemente, era custeada por Agesilau de Araújo e administrada por Clóvis Barbosa. No entanto, ao entenderem que a continuidade da transformação do Estado dependia diretamente da existência da revista, conclamaram a mocidade a não esmorecer, principalmente naquele momento em que a publicação da revista alcançara o país e, com isso, aumentava o número de edições. No mesmo número, como “um ato de fé”, foi prestada uma homenagem ao comércio de Manaus, uma demonstração de que o mundo comercial vinha amparando com anúncios e assinaturas a revista e que apoiava o “soerguimento do Amazonas” (*REDEMPCÃO*, 1925c).

Em maio de 1925, a revista homenageou o Estado do Acre por seu desenvolvimento cultural, econômico e político, ressaltando a importância de um Estado conhecer o outro para

⁶ *A Lucta Social*, de 23 de novembro de 1924, apud “Como fomos recebidos”, In. *Redempção*, número 2, ano I, dezembro de 1924b.

que, nas crises, pudessem ajudar-se e reconhecer os erros. Nesta homenagem, é possível entrever não só uma motivação de ordem política e econômica acerca dos interesses regionais, mas também os esforços no sentido de constituição de um campo intelectual e literário regional (*REDEMPCÃO*, 1925d).

Em seus editoriais, há uma constante lembrança de um tempo em que o Amazonas havia passado em grande miséria e estagnado em seu progresso. “Homens de energia”, em grito de fôlego, iniciaram o reflorescimento do Estado. No entanto, colocaram em evidência que a transformação não se fazia por eles diretamente, mas “graças à resistência, o Amazonas levanta-se apoiado a forças permanentes, que, aproveitadas com inteligência, [evitariam] os dissabores destes últimos tempos” (*REDEMPCÃO*, 1925e, p.1). O Estado passava a pertencer ao povo. Mas, o povo deveria apreender as lições que a história relatava para que pudessem se defender “conscientemente contra os que tentarem perturbar estes meses de calma e prosperidade, conquistados em anos de atrozes sofrimentos” (*REDEMPCÃO*, 1925e, p.1).

Quando a resenha mensal da revista *Redempção* denominou-se “Artes e Atualidades”, passou-se a publicar crônicas, poemas, louvores a personalidades e oportunamente reflexões diretas sobre o cotidiano, embora ambas exprimissem reflexões de cunho político de maneira indireta. No editorial desta edição publicou-se uma crônica de Coriolano Durand, membro da Academia Amazonense de Letras, intitulada *O Carriça*, a qual conta a história de um homem que costumava ir a uma casa de pasto, tomava caldo verde e verdasco de truz, cujo lema era “antes da sopa lava-se a boca! Sopa tomada, boca lavada!” (DURAND, 1927, p. 2). Um dia, no entanto, a cidade sofreu com uma peste onde diversas pessoas morreram. Carriça, embriagado e sem se importar com outra coisa que não seu ritual na casa de pasto, deitou-se na calçada e adormeceu. Devido a peste, o “caminhão da morte” recolhia os mortos deixados à rua. Carriça também foi confundido como uma das vítimas da peste e, recolhido vivo, acabou morrendo embaixo do monte de corpos que o caminhão descarregou no cemitério. A moral da história é que se o povo não atentasse para o que se passava à sua frente e adormecesse, seria levado à derrota.

Redempção, em sua primeira fase, foi uma publicação mensal, tornando-se semanal na segunda fase. Abrangendo o período entre novembro de 1924 e, provavelmente, fevereiro de 1927, na primeira fase pode-se contabilizar doze edições regulares e dois suplementos⁷. Os

⁷ A edição de número I é de novembro de 1924; a de número II é de dezembro de 1924; já a edição de número III é de janeiro de 1925; a de número IV é de fevereiro de 1925 e as de número V e VI são de março e abril de 1925. Em maio de 1925 vem a público a edição de número VII, e em outubro do mesmo ano a de número VIII. As

suplementos, ou números especiais⁸, foram destinados às reportagens e considerações sobre catástrofes ocorridas no Amazonas. A segunda fase da revista, em publicações semanais, abrange trinta e uma edições regulares e um suplemento, os quais sobrevivem de 1º de janeiro de 1931 a 2 de novembro de 1932⁹. Apresenta-se como uma revista de “Atualidades, Política, Letras e Problemas Sociais”. Os editoriais, em seu primeiro momento, são repletos de poesias, demonstrando alguma filiação intelectual com o sul do país (Rio de Janeiro/São Paulo), e, em um segundo momento, prestando homenagens a personagens significativas da história regional amazônica, tais como Oswaldo Aranha, Juarez Távora, Assis Brasil, Francisco Campos, Araújo Filho, João Neves da Fontoura e o Capitão Barata. Há também considerações sobre a realidade manauara através de Álvaro Maia e Santana Marques, por exemplo.

Álvaro Maia, como intelectual já renomado no âmbito local e, nesse tempo, interventor do Amazonas, fez uso da revista para expor os impedimentos do progresso amazônico. Era uma carência de meios. O funcionalismo público estava sem pagamentos novamente. O setor comercial se mostrava corrupto, pois não exercia seu dever de pagamentos de impostos, justamente por não possuir renda suficiente. Álvaro Maia comunicou o envio de *sem trabalho* para Estados com recursos e onde suas famílias estavam (MAIA, 1931a). Em outro artigo, ele expõe “as responsabilidades revolucionárias da juventude”, onde relembra o tempo de infortúnio pelo qual o Amazonas havia passado, chamando a atenção para o ensino que vinha sendo dado às crianças nas escolas. Não havia direcionamento para um olhar crítico da realidade; as revoluções de 1924 e 1930 tinham sido esquecidas. Os jovens da revolução deviam combater os tiranos que ainda existiam (MAIA, 1931b).

edições de número IX e X são de novembro e dezembro de 1925. Em março de 1926 é publicada uma edição especial. A edição de número XI vem a público em julho de 1926, com outra edição especial em agosto do mesmo ano. A edição de número XII é de dezembro de 1926. As edições de número XIII e XIV aparecem em 1927, encerrando essa primeira fase da revista. Essas são as edições a que tivemos acesso e que podemos listar nesta pesquisa.

⁸ Foi possível o acesso a três edições especiais da revista, as de março de 1926, a de agosto de 1926 e o suplemento da edição de novembro de 1932, já na segunda fase da revista.

⁹ Número 1 de 01/01/1931, número 2 de 08/01/1931, número 3 de 15/01/1931, número 4 de 24/01/1931, número 5 de 31/01/1931, número 6 de 07/02/1931, número 7 de 14/02/1931, número 8 de 21/02/1931, número 9 de 28/02/1931, número 10 de 07/03/1931, número 11 de 14/03/1931, número 12 de 21/03/1931, número 13 de 28/03/1931, número 14 de 04/04/1931, número 15 de 11/04/1931, número 16 de 18/04/1931, número 17 de 25/04/1931, número 18 de 02/05/1931, número 19 de 09/05/1931, número 20 de 16/05/1931, número 21 de 23/05/1931, número 22 de 30/05/1931, número 23 de 06/06/1931, número 24 de 13/06/1931, número 25 de 20/06/1931, número 26 de 27/06/1931, número 27 data desconhecida, número 28 de 11/07/1931, número 29 de 23/07/1931, número 30 de agosto de 1931, número 31 de janeiro de 1932 e o suplemento de 02/11/1932. Essas são as edições a que tivemos acesso e que podemos contabilizar.

Santana Marques expõe a diferença entre o regime militar que se impôs após a Revolução de outubro de 1930 entre Brasil e Portugal. No Brasil, a moral que havia se construído no decorrer dos anos se findava com a esperteza da velha política que se esmerava no poder. As disputas por cargos empobreciam a ideia de restauração. O país novamente estava em sangue (MARQUES, 1931).

Os editoriais ainda apresentavam crônicas, romances e homenagens a intelectuais como Raul Bopp, Myriam Moraes, Ida Souto Uchôa e Clóvis Barbosa, o qual, por seu turno, também em editoriais, escreveu crônicas e homenagens. Abguar Bastos homenageia Clóvis Barbosa ao referir-se à revista *equador*¹⁰ como uma “representação mista de valores regionais” em termos de produção artística (BASTOS, 1931a, p. 2). Atribui a Clóvis Barbosa um ato de heroísmo ao tomar a iniciativa de criação daquela publicação, pontuando sua trajetória em duas fases. “A primeira, lógica, vexada pelo ambiente. A segunda, rebelde, sem soalho clássico para a dança maravilhosa das competições modernas” (BASTOS, 1931a, p. 2). Abguar Bastos refere-se aqui à postura sempre inquieta de Clóvis Barbosa quanto a não feitura de uma linguagem e produções artísticas próprias do Amazonas e sem referência explícita à sua condição social.

Clóvis Barbosa nasceu na Paraíba em 18 de julho de 1904 e morreu em 1989. Filho de João Alves Barbosa e de Severina da Silva Barbosa, ele transferiu-se ainda pequeno com seus pais para Manaus, cidade a que sempre permaneceu fiel (LOBO, 2002). Diplomado pela Escola Normal do Amazonas e jornalista, “retrata-se espiritualmente e moralmente em tudo quanto escreve, vivo, cintilante, corajoso, indomável” (COSTA, 1960). Em 29 de janeiro de 1922 foi eleito como membro do corpo dirigente do Grêmio Literário Rio Branco¹¹ juntamente com Lindolfo J. de Medeiros, Aguinaldo de Paula Ribeiro, Waterloo Landin, José de Alencar, Artur Gama, Sebastião Stelles Castro e Costa, Chagas de Printes, Antônio de Castro Carneiro, Manuel Gomes Pimenta, Carlos Costa, Antônio Gomes Figueiredo e Laurindo Góes. Foi revolucionário de 1924 e redator do *Jornal do Povo* enquanto funcionário público federal, onde ensaiava a inserção do Amazonas no modernismo (TOCANTINS,

¹⁰ A revista *equador* (com “e” minúsculo) representou o panorama literário no Norte brasileiro. Produzida na véspera da Revolução de 1930, é a reunião dos velhos e dos novos da literatura amazônica. Dos românticos aos modernos. Foi, podemos dizer, uma ação militante de Clóvis Barbosa na lição de brasilidade. Um produto de pesquisas sociológicas e reunião de cânticos e problemas. Preocupa-se com a mentalidade social e física absolutamente brasileira. Aos seus 75 anos, Clóvis Barbosa cogitou o segundo número de *equador* que conteria ensaios, antologia de poetas e pensadores, história e biologia. Essa cogitação surgiu da inquietação de “por que um amazonense nunca atingiu a ABL?”.

¹¹ Fundado em 1920, com sede na casa de número 17 da Praça da Saudade em Manaus, tendo como presidente Paulo Eleutério e Vice- Presidente Paulo Rezende. Em 15 de janeiro de 1922 houve a discussão de seu novo estatuto e em 29 do mesmo mês eleição da nova diretoria.

1974). Serviu como oficial de gabinete em momentos diferentes, tanto do prefeito de Manaus, Araújo Lima, quanto do interventor Rogério Coimbra; foi chefe de gabinete do interventor Nelson de Melo e seu secretário quando chefiou a Polícia do Rio de Janeiro. Foi, paralelamente, professor de português do Colégio Dom Bosco em Manaus, redator do *Jornal do Comércio* e colaborador do *Diário Oficial*, mas, por ter criticado determinado político, o qual não foi possível identificar, foi demitido dos jornais. Clóvis Barbosa foi autor de conferências e ensaios sobre o movimento de nacionalização da arte brasileira. No final dos anos 1920 sofreu de impaludismo e, como sua aparência era caracterizada por tons amarelos e verdes, utilizava a si mesmo como uma analogia para falar de brasilidade, como uma estética da raça. Brasilidade, para Clóvis Barbosa (1931i) não seria a reprodução de um discurso sobre o Brasil, mas uma compreensão da “psicologia coletiva” envolta em seu meio ambiente. Essa compreensão levaria a uma “arte humanizada”, um louvor ao “gênio da raça” que evidencia as lendas e tradições. Quando discursou no Teatro Amazonas, após Álvaro Maia, no dia em que o famoso poema “Canção de fé e esperança” foi pronunciado, apesar de ter tido o sonho de ser orador, foi a sua última experiência de manifestação pública. “Desanimado em atingir aquele máximo, Clóvis decidiu nunca mais falar em público e sustentou seu voto” (BITTENCOURT, 1984). A partir de 1956¹² foi membro correspondente da Academia Amazonense de Letras. Nos anos 1980, foi vítima de glicose e glaucoma e quase ficou cego (BARBOSA, 1985).

Clóvis Barbosa, segundo Aldo Moraes, era modernista e, como tal, herdou o uso da frase curta e “inflamada”. Teve influências na linguagem e ideias de Camillo, Fialho, Silva Pinto, Mário de Andrade¹³ e Oswald de Andrade. Suas produções são caracterizadas por colocar a “alma da paisagem dentro da sintaxe” (MORAES, 1931, p. 8). Clóvis Barbosa pode ser caracterizado como elemento único dentre os intelectuais do Amazonas. Tendo por objetivo apoiar e criar meios para que os intelectuais locais produzissem uma linguagem própria da terra, não se sobrepuja ou tentava igualar-se a algum par, mas criticava suas posições com as causas regionais. Longe de demonstrar lamentações acerca da realidade local, adotava uma postura de enfrentamento frente às adversidades a partir do mundo das

¹² Nas revistas da Academia Amazonense de Letras aparece como correspondente a partir desse ano de 1956. Concluímos que seu ingresso ocorreu nesse período e, no artigo “Um benemérito das letras”, do Pe. Nonato Pinheiro, publicado no jornal *A Crítica* de 27/02/1985, também aparece referência a essa data.

¹³ Quando Mário de Andrade esteve em Manaus, em 05/06/1927, Clóvis Barbosa era oficial de gabinete do prefeito Araújo Lima. Na oportunidade fizeram amizade e, quando Clóvis Barbosa foi ao Rio de Janeiro, encontraram-se.

letras amazônicas. Cada palavra sua estava banhada de veneno feito de desilusões com a política local.

Clóvis Barbosa, segundo seus pares, era impiedoso em julgar a humanidade. Criava sensações regionais no papel de “bizarro publicista” e sintetizava a cultura mental do Amazonas. Era “tumultuoso e sentimental, combativo e sonhador, um pouco poeta e um tanto de espadachim... homem de pensamento e ação” (COELHO, 19--). Foi pioneiro do movimento literário no Amazonas, lutando contra a indiferença do meio e colocando-se à frente do movimento de brasilidade. Brasilidade, diferente do movimento antropofágico e do verde-amarelismo, caracterizava-se, pode-se dizer, por certa *amazonidade* (MENDONÇA, 1975). Raul Bopp também o considerava representante do modernismo no Amazonas. Clóvis Barbosa promoveu uma ruptura quanto ao uso das fórmulas clássicas e de importação. Foi um “polemista e intelectual de sólidos conhecimentos literários” (BASTOS, 1984). Diversamente de seus pares, que buscavam filiar-se aos portugueses ou franceses ou a clássicos, rompia com a tradição e abraçava o modernismo. Aliciava jovens talentos e abria suas revistas para demonstração das novas possibilidades do pensamento. Consagrou-se pelos artigos e contos publicados em toda a imprensa.

Clóvis Barbosa organizou, além de *Redenção*, outras revistas tais como *equador*, em 1929, *A Selva*, em 1937¹⁴, *Primeiro de Janeiro*, em 1929¹⁵. Foi nomeado correspondente telegráfico, epistolar e representante de *O Estado do Pará*. Proferiu conferências, dentre elas, *Patriarca da nossa independência*. Publicou, conforme pudemos conferir, *Uma festa de brasilidade*¹⁶, *Black-bottom*¹⁷, *A poetisa de Manaus*¹⁸, *Carnaval do homem-mulher*¹⁹, *Um fraque - novela dum deprimido* (dedicado a Abguar Bastos)²⁰, *A moça mais leviana da minha província, posando para posteridade*²¹, *Adesão*²², *Apenas uma penalta*²³, *Carta ao Santo de Casa*²⁴, *Uma raposa corre da noite*²⁵ e *Cacela*²⁶.

¹⁴ Em alusão direta ao romance *A selva*, de Ferreira de Castro, essa revista teve como correspondentes Ferreira de Castro, Mário de Andrade e Benjamin Lima. *A Selva* representou o uso da inteligência política, segundo Clóvis Barbosa. Sobreviveu ao golpe militar e os melhores do país vinham escrever em suas páginas. No entanto, quando Clóvis Barbosa examinou o destino da ditadura e dos manifestos estéticos, citando *Macunaíma* e *Canaã*, a revista foi cassada e fechou.

¹⁵ Publicada em um único número em 01/01/1929, redigida por Clóvis Barbosa e Abguar Bastos, teve como característica a paisagem amazônica traduzida na linguagem brasileira, segundo os termos do movimento modernista.

¹⁶ *Redenção*, número 8, de 21/02/1931.

¹⁷ *Redenção*, número 16, de 13/04/1931.

¹⁸ *Redenção*, número 25, de 20/06/1931.

¹⁹ *Redenção*, número 7, de 14/02/1931.

²⁰ *Redenção*, número 6, de 07/02/1931.

²¹ *Redenção*, número 11, de 14/03/1931.

Clóvis Barbosa tinha planos de fundar uma editora na cidade do Rio de Janeiro, mas em função de um infarto, passou a dedicar-se somente ao exame de contos, romances e ensaios publicados “sem um primor” necessário, já com seus 65 anos de idade e aposentado do Ministério da Justiça e do jornalismo (TOCANTINS, 1974). Há referência a um romance de Clóvis Barbosa intitulado *Marapatá, a Amazônia nua e casta*, que não foi concluído porque o próprio autor o destruiu, alegando não demonstrar de fato a natureza amazônica. Ainda há referência ao *Jornal dos seus Jornais*, que aparentemente findou ainda nas conversas de sua organização (BARBOSA, 1976).

Clóvis Barbosa também teve uma atuação como funcionário do Ministério da Justiça, prestando serviços à Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia – SPVEA, no Rio de Janeiro, no Setor de Documentação. No governo Juscelino Kubitschek, à SPVEA cabia, dentro do “capital programa de recuperação da Amazônia” (MONTEIRO, 19--), recuperar a economia e a cultura regional. Em sua programação cultural, Clóvis Barbosa elaborou cerca de quinze volumes de documentários sobre “história, economia, planejamento, finanças, ensaios diversos, colonização, navegação, artigos de jornal, geografia, sociologia” (MONTEIRO, 19--). O serviço de documentação da SPVEA, antes de Clóvis Barbosa, reduzia-se a um mero serviço de documentação, passando a ser um gabinete de divulgação cultural importante com ressonância no campo intelectual regional e nacional. Seu papel, com Clóvis Barbosa, passou a ser o de dar maior notoriedade à Amazônia por meio da exposição dos “pensamentos dos homens”. Foi a partir da atuação de Clóvis Barbosa que as coleções *Araújo Lima*²⁷, *Pedro Teixeira*²⁸ e ainda a coleção dos *Clássicos Amazônicos*²⁹ e a coleção de *Cadernos Belém-Brasília*³⁰ foram montadas. Ainda quando no exercício do cargo responsável pela documentação da SPVEA, Clóvis Barbosa teria recebido um telegrama do Ministério de

²² *Diário da Tarde* de 18/03/1934.

²³ *O Jornal*, em 1940.

²⁴ *Jornal do Comércio*, de 25/03/1953.

²⁵ *Pará Ilustrado*, de 25/01/1941.

²⁶ *Folha do Norte*, de 19/06/1940.

²⁷ Existe uma série de doze trabalhos com estudos variados acerca da Amazônia, como “A Bacia de Mar Doce” de Alberto Rangel, “A conquista acreana” de Abgvar Bastos, “Os intérpretes da Amazônia” de Péricles Moraes e “Navegação e portos da Amazônia” de Agnello Bittencourt.

²⁸ Com estudos como “Rio Purus” de Euclides da Cunha, “A expansão portuguesa na Amazônia” de Arthur Reis, “A estrada de ferro Madeira Mamoré” de Julio Nogueira, “Expedição ao Rio Branco” de Hamilton Rice e “Aspectos econômicos da dominação portuguesa na Amazônia” de Arthur Reis.

²⁹ Apresenta, por exemplo, um estudo sobre Alfredo Ladislau por Eldorfe Moreira e “Estudo da vida amazônica” de Sócrates Bonfim.

³⁰ Apresenta as reportagens mais famosas sobre a rodovia nacional. A participação de Clóvis Barbosa nessa coleção representa uma ação integradora entre o Norte e o Brasil. Foi, segundo Aben-Athar Netto, no artigo “O direito de tisanar”, para *O Liberal* de 03/02/1962, um ato de “defesa, sobrevivência, salvaguarda, presente e futuro”.

Viação e Obras Públicas o convocando para comparecer às reuniões da Comissão Especial Mista de regulamentação da Zona Franca de Manaus, às quais, aparentemente, não comparecia. Waldir Bouhid, superintendente da SPVEA, ratificou a convocação³¹.

Araújo Lima, ao fazer algumas considerações sobre a revista *A selva*, e em alusão direta a Clóvis Barbosa, criticou o uso de uma linguagem “cacofônica”. Não compreendeu a simplificação ortográfica que, a seu ver, sacrificava o “efeito estético da palavra escrita”. Atribuiu ao modernismo essa “consagração da pobreza”, onde “artistas sem capacidade criadora no domínio literário entram no domínio das letras”. A simplificação da palavra descaracterizava a sua plena representação artística – “imagem, sentimento, efeito de arte ou pensamento”. Sua inquietude foi um reflexo da alteração ortográfica, provavelmente feita por Clóvis Barbosa, da “homenagem ao Curió” que Araújo Lima havia escrito para a revista (LIMA, 19--). Clóvis Barbosa, nesse episódio, pode ser considerado como um editor encarregado de “desmistificar” a linguagem que vinha sendo empregada, principalmente em periódicos, enredando um relacionamento ideológico mais direto com a população. A simplificação da linguagem, por um lado, servia à construção de uma estética regional e, por outro, à nacionalização da produção intelectual. Nacionalizar as produções pode ser entendido como um ato político, em que facilitaria a receptividade de tais reflexões próprias do mundo intelectual para o conjunto da população amazônica, nortista e brasileira.

Mantendo um planejamento editorial que consistia em “dar um programa para cada gosto de leitores”, Clóvis Barbosa conseguia organizar suas revistas de tal forma que levava a população, sem hábitos de leitura, a consumir sua literatura. A edição de suas revistas tinha como característica o condicionamento das matérias e seleção de artigos às exigências daqueles receptores. A linguagem simplificada e a utilização dos conhecimentos populares para reflexão conjunta – do literato e do leitor – acerca da realidade mostrava-se como uma estratégia de maior possibilidade de aceitação. Um dos aspectos que podem facilmente ser percebidos na revista *Redempção* é a leveza na comunicação, o apelo a uma mobilização social e o jogo entre gostos populares e a exposição de ideias. Por exemplo, a realização de concursos, comuns em revistas literárias e recreativas das décadas de 1920 e 1930, tais como “o príncipe dos poetas amazonenses”, “a criança mais bonita” ou “a moça mais bonita”, demonstra certa estratégia e pretensão de aproximar o mundo intelectual do conjunto da população. Ora, tais certames patrocinados pela revista faziam com que houvesse uma aproximação maior do mundo intelectual com uma camada da população que começava a

³¹ Não foi possível identificar os motivos do seu não comparecimento às reuniões.

ganhar importância no jogo político. Não é difícil imaginar como, por meio da revista e de seus artigos, um campo intelectual buscasse se configurar dentro de um novo contexto histórico e cultural.

A revista *Redenção*, por ser editada fora dos centros culturais mais dinâmicos do país, principalmente da capital federal, Rio de Janeiro, representou uma das “façanhas do periodismo regional”. Se tivesse sido organizada no ambiente carioca seria reconhecida e equiparada às melhores produções ditas nacionais. Esse caráter nacional, portanto, definia-se não em função de uma suposta superioridade dos autores em relação àqueles cenáculos confinados nas regiões afastadas dos centros culturais, mas simplesmente em decorrência do peso político concentrado nos centros decisórios do país. *Redenção* foi a concretização de um empreendimento cultural nascido no âmbito regional, mas em consonância com o que vinha ocorrendo no cenário nacional (LIMA, 1938). Clóvis Barbosa, seu mentor, destacou-se no campo de produção cultural devido seus diferentes e variados projetos de periódicos, rompeu com a ideia de que a produção literária e cultural deveria confinar-se somente naqueles polos mais dinâmicos do país, centros considerados de efervescência e mobilizações políticas e culturais. O regionalismo estampado nos projetos editoriais de Clóvis Barbosa não promovia uma apartação das discussões propriamente regionais amazônicas das discussões e debates que fervilhavam nos centros culturais mais importantes do país. Clóvis Barbosa procurava mobilizar um conjunto variado e abrangente de intelectuais regionais para discutir e problematizar questões atinentes à realidade amazônica, a despeito de eventuais e fortes divergências existentes dentro desse vasto conjunto de autores. Assim, pode-se dizer, Clóvis Barbosa desempenhou um crucial e importante papel dentro do contexto regional: ele organizou e delineou o campo intelectual local, a despeito das fortes e decisivas ingerências do mundo político.

A revista *Redenção* representou a “renascença literária no Amazonas” (MORAIS, 1926), onde se encontram estampados os valores daquela geração. É a “afirmação da beleza material que demonstra o surto estético e plástico do Amazonas” (MORAIS, 1926). A revista apresenta grande avanço tipográfico, equiparando-se, segundo o autor de *Na planície amazônica*, Raymundo Moraes, às revistas da capital do país.

Clóvis Barbosa declarou ter em sua vida se embandeirado e, já aos oitenta anos, constatou que naquele momento colhia os frutos. A “estética do Brasil”, que entendemos como uma exposição de um estilo que representa não somente o ambiente brasileiro, mas a moral do indivíduo desse ambiente, a moral transcrita como representação da alma brasileira e

que constitui a exposição dos elementos imaginários e dos elementos concretos. A arte pela qual Clóvis Barbosa embandeirou-se flexionava, por um lado, entre a política – em uma crítica às resoluções que inibiam o desenvolvimento econômico do norte brasileiro – e a liberdade para usufruir dos prazeres da modernidade e, por outro, o de exercer ou criar um conceito de produção intelectual próprio e fiel à região amazônica (BARBOSA, 1984).

A revista *Redempção*, inicialmente, foi um meio de exposição do mundo vivido pelos amazônidas em um momento de redefinição política e cultural e, depois, uma possibilidade de reconstruir a realidade local. A partir de uma reflexão não somente feita pelos intelectuais, mas pelo conjunto da sociedade que se espelhava, de alguma forma, naquela publicação, intentava-se recriar ou dar evidência à cultura local. Uma cultura onde a sociedade, ao refletir a partir de seus valores, dentro de uma interpretação do mundo vivido, moldasse uma ação de intervenção na política, na economia e na produção/reprodução da cultura.

Assim, podemos dizer que a revista *Redempção* foi uma “intervenção federal no Amazonas”, um “saneamento na administração pública” e “espelhava o estado de espírito de homens e de economistas”. Em suas considerações, refere-se ao “ouro negro” representado pela tinta das gráficas ou da papelaria Velho Lino, empresa que se encarregava de imprimir e reproduzir a revista. Sem essa colaboração, a *Redempção* não possuiria uma arte gráfica tão rica. Para seu organizador, faltou, dentre outros motivos, um melhor gerenciamento na sua primeira fase, acabando por ficar distanciada e suspensa por volta de quatro anos. Quando retomada em sua segunda fase, passou a ser um semanário “com a caricatura, o pasquim, a mensagem amarela, franca, rindo dos tabus, tudo comprometendo a hierarquia acadêmica e empalhando as tradicionais armas da Província”. Portanto, “deixou serviço averbado na História”. Clóvis Barbosa queria uma arte regional a favor de uma “assimilação dos valores do modernismo para dar lugar a um processo especulativo e criativo essencialmente regional” (BARBOSA, 1984). Assim, o modernismo em Manaus, mesmo sem querer ou saber, por não ter contato, esteve mais próximo do “regionalismo tradicionalista e modernista” de Recife do que do modernismo paulista/carioca (TOCANTINS, 1974).

No próximo capítulo intenta-se fazer um “mapeamento” das diferentes estratégias de consagração na revista *Redempção* a partir da análise das trajetórias e vínculos institucionais de certos autores, descambando em uma análise temática. Assim, trataremos respectivamente da motivação de uma linguagem literária brasileira e amazonense, da *Redempção* como um espaço de relações políticas, econômicas e intelectuais, da formação de uma rede de relações e de temas.

CAPÍTULO II

POLÍTICA E “MILITÂNCIA” INTELLECTUAL NO AMAZONAS

O conjunto de artigos e autores reunidos em torno da revista *Redenção* nos faz ver como, por meio da construção temática e da apresentação de uma linguagem literária construída a partir de elementos da estética tradicional e moderna, remetem a uma representação da cultura brasileira em processo de redefinição e alvo de disputa por parte de diferentes facções políticas então em confronto. O Brasil dos anos 1920 era um país politicamente instável e em processo de mudança quanto a um novo acordo a ser gerido entre os atores políticos e, por conta disso, necessitava tomar consciência das suas características culturais para enredar um novo arranjo dentre as forças então em disputa, viabilizando, assim, a preservação da supremacia oligárquica, por um lado, e a incorporação dos novos atores sociais oriundos das camadas médias urbanas, por outro.

O manejo de uma linguagem literária especificamente brasileira deveria tornar-se um dos elementos fundamentais para a afirmação de uma cultura singular, pois tenderia a aglutinar, ideologicamente, as contribuições advindas das populações indígenas, africanas e europeias que historicamente haviam se miscigenado no Brasil. A invenção da brasilidade ou do entendimento do que é ser brasileiro e, ainda, a construção de um conceito de cultura próprio ao Brasil, dependiam do intercâmbio linguístico e cultural entre o passado e o presente, bem como de uma linguagem moderna destinada a inventar ou expor uma brasilidade construída em pouco mais de 400 anos. Essa linguagem moderna, por seu turno, apresentaria um Brasil e, – particularmente por parte dos autores da revista *Redenção* –, um Amazonas até então desconhecido ou simplesmente caricaturado. Mostraria o homem regional em suas vivências e na sua relação com a natureza, fosse na cidade ou no interior da floresta. Uma representação literária do homem regional deveria mirar, prioritariamente, os modos de vida próprios da região, sem acréscimos romantizados e idealizados. As diferentes temáticas e assuntos abordados pela revista *Redenção* ressaltam não só a vigência de um debate acerca da formação de uma cultura amazônica, mas também explicita e torna visível o jogo de legitimação e consagração intelectual entre distintos autores. Tais autores utilizavam-se das páginas da revista tanto para contribuir com um pretense diagnóstico cultural, político e econômico do Brasil e da Amazônia, quanto para inserirem-se e/ou serem reconhecidos pelos grupos intelectuais já existentes no âmbito regional e nacional.

Embora o delineamento, mesmo que precário, de um campo intelectual, tanto no âmbito nacional quanto no plano regional amazônico, possa ser indicado quando do surgimento do debate em torno do modernismo e da fundação de revistas literárias e recreativas tais como a *Redempção*, não se deve negligenciar o papel ainda subordinado que a própria atividade intelectual e literária cumpria perante a esfera política. Só assim é possível compreender plenamente os motivos que, até para se viabilizarem editorialmente, tais publicações precisavam do apoio do poder público; tal fato, por sua vez, implicava certos cerceamentos quanto aos argumentos e diagnósticos propalados. A propaganda dos governos de Ephigênio Salles³² e de Araújo Lima, por exemplo, foi uma dessas decorrências inevitáveis para a existência da revista.

É interessante salientar que alguns autores e colaboradores frequentes da *Redempção*, inclusive seu editor, Clóvis Barbosa, foram funcionários do governo. A ocupação de cargos públicos por parte de uma intelectualidade regional e nacional no âmbito do aparato estatal então em processo de expansão, conferiu um perfil específico para a intelectualidade no Brasil. Tal articulação havida entre os intelectuais e o poder político, além do mais, viabilizou mais facilmente uma legitimação por parte de determinados grupos de intelectuais e de literatos frente a outros cenáculos concorrentes. O relacionamento com os grupos dominantes possibilitou, ainda, um suporte material para o desempenho de tarefas de ordem simbólica explicitados por uma linguagem ou literatura que mais bem representasse as características culturais do Amazonas. O vínculo entre esses intelectuais e a política, por seu turno, promoveu os atrativos econômicos da região, reinserindo a Amazônia no rol de interesses do país, e do qual havia sido retirado após o fim do ciclo da borracha.

Portanto, a revista *Redempção* pode ser considerada a concretização de uma dada estratégia advinda do jogo então estabelecido entre a política e o campo intelectual local. Por ser um produto desse jogo, as esferas estética e política aparecem quase sobrepostas nas páginas da revista por meio de críticas, contos, poesias e outras formas literárias expressivas. Vale notar, porém, que a outra face desse jogo também deveria ressaltar a relevância de

³² Segundo a nota sobre o Cel. Alfredo Marques da Silveira, presente na *Redempção* de número 5 de 1931, e o artigo *Adeus, São Luiz* (BARBOSA, 1931c), Clóvis Barbosa manifesta o seu desgosto com o governo de Ephigênio Salles, passando a criticá-lo e, por conta disso, sofreu represálias, inibindo sua subsistência como alguém devotado às letras. Dessa forma, entre os anos de 1927 e 1931, *Redempção* teve sua publicação suspensa. Entre os anos de suspensão, Clóvis Barbosa viajou pelo país adensando sua rede de contatos e consolidando seu ponto de vista estético e político. Na segunda fase de publicação da revista, ele utilizou o pseudônimo “A. C.” em três artigos sobre a questão política no Amazonas, respectivamente encontrados nas edições de número 1, 2 e 4 de 1931, os quais serão analisados no próximo capítulo quando do tratamento do posicionamento político de Clóvis Barbosa.

integrantes do governo, eventuais lideranças políticas e do comércio manauara por meio de notas e artigos laudatórios.

Se o aparecimento da revista pode revelar, em um primeiro momento, o anseio por parte de grupos de intelectuais locais no sentido de demarcarem um espaço social próprio de discussão e tratamento de temáticas específicas atinentes a uma vida intelectual (e tal fato não pode ser apartado do processo de surgimento e consolidação de novos setores médios urbanos ao longo da década de 1920), vale notar que tais anseios só puderam efetivar-se na medida em que a subordinação da vida cultural aos ditames da ordem política foi reconhecida. Daí a necessária referência nos artigos e notas da revista a grupos e lideranças políticas específicas. Na medida em que a política colonizava a esfera de produção simbólica, pode-se concluir, delineou-se um modo de ação política por parte dos intelectuais com efeitos e consequências para o próprio modo do trabalho intelectual se configurar. De um lado, o empenho por parte de literatos e intelectuais na construção de uma identidade amazônica, e, de outro, a legitimação necessária de grupos políticos específicos em um momento de esfacelamento do domínio oligárquico.

Esse rebatimento entre política e cultura demonstra, por seu turno, que o intelectual e o artista lidam com uma linha tênue entre a realidade e a imaginação, e que ambas não se anulam, necessariamente, quando uma se faz presente frente a outra. Os modos de representação da realidade, ou das singularidades de uma determinada realidade, podem se efetivar precisamente quando esses dois fatores se combinam. Assim, *Redempção* acabou por expor em suas páginas os prazeres e os desprazeres da vida (estratégias políticas, problemas sociais, economia) e da mente (amor, dor, angústias, sonhos e valores) no âmbito daquela realidade regional ora em transição. No entanto, essa exposição realizou-se por meio de diferentes formas de expressão artística e literária.

Vale notar, no entanto, que o tipo de mobilidade um tanto quanto restrita desses intelectuais em torno da esfera política em nada diferia das estratégias então utilizadas por artistas e intelectuais ao longo dos séculos XVIII e XIX, por exemplo. A condição estrutural de subordinação da cultura ao polo do poder no âmbito do espaço social faz com que intelectuais e artistas assumam uma posição como fração dominada da classe dominante (BOURDIEU, 2009). Tal condição subordinada também faz com que uma teia de relações seja, de alguma forma, construída com os setores dominantes no sentido de viabilizar a própria produção de bens simbólicos. No entanto, o desenvolvimento da arte, ou o pretenso desenvolvimento de uma linguagem e literatura propriamente amazonenses que indicasse uma

relativa autonomização de um campo literário e intelectual local, dependia da criação de balizas para a legitimação do próprio trabalho simbólico a ser levado a cabo pelos autores. Tais balizas, por sua vez, em um primeiro momento, dependiam do apoio e do reconhecimento por parte dos setores dominantes. Por conta dessa busca por reconhecimento, autores já consagrados e não residentes no Amazonas foram convidados e tornaram-se colaboradores da revista *Redempção*, autores tais como Ângelo Guido, Mário de Andrade, Berilo Neves, Graça Aranha, Martins Santana. A visibilidade e a aceitação desses intelectuais possibilitaram à revista converter-se em instância local de legitimação e consagração.

Com o objetivo de melhor entender a linha editorial então assumida pela *Redempção*, vale destacar o artigo de seu editor/redator, Clóvis Barbosa, acerca do crítico Benjamin Lima. O artigo *Benjamin Lima: paradigma do jornalismo sadio*, em muito demonstra não só o tipo de influência temática então apregoada pelo editor, mas também o modo de circunscrever temas e assuntos atinentes a um mundo intelectual.

Atualidades era a sua coluna diária de comentários fluentes e profundos: documento seguro da poeira luminosa da sua cultura multicolor e da emotiva e solene espontaneidade de sua forma. As questões de política internacional, os movimentos literários do mundo, os problemas econômicos, as inquietudes da moda, eram, nesta seção, discutidas com doutrina, com profundidade, com clareza, com precisão, na magia de requintadas florações de estesia. Era, como Ramalho Ortigão, no juízo esplêndido de Alcides Maia, um “anotador em devaneio”.

No Rio, a vida jornalística de Benjamin Lima é um espelho luzente denunciador das pulsáteis incisivas e apaixonadas defesas das grandes causas deste Estado. (BARBOSA, 1926)

A referência laudatória a Benjamin Lima, já residente na cidade do Rio de Janeiro, revela por parte do editor como era possível e necessário, a partir de assuntos mundanos, se fazer abordagens e considerações carregadas de questões atinentes ao estilo, ou seja, a dimensão estética era intencionalmente valorizada por Clóvis Barbosa no sentido de demonstrar a importância própria das questões referentes à forma, pois por meio desse prisma viabilizava-se um entendimento e uma atuação política específica por parte dos intelectuais. Um determinado estilo, portanto, estava necessariamente vinculado a uma postura política que deveria converter a imprensa, por exemplo, em instrumento de mobilização da opinião pública com o intuito de acelerar o processo de modernização da sociedade.

Redempção, dessa forma, procurava alinhar-se aos movimentos reivindicatórios das camadas médias urbanas e, de certa maneira, sinalizava para eventuais mudanças no sistema político até então dominado pelas oligarquias tradicionais. Os intelectuais enquanto um grupo social específico, por seu turno, encontrava-se diluído entre posições políticas distintas, posições estas que nem sempre coincidiam com as pregações de mudança. De um lado, vislumbrava-se a reforma política e, de outro, uma reforma social. Se, ao mesmo tempo,

entendia-se a necessidade de reformulação do sistema político, também temia-se a inserção popular como força política nova a constituir o processo de modernização do Estado.

O elo entre a política e a cultura representado pela revista *Redempção* faz realçar uma postura de esclarecimento levada a cabo pelos intelectuais locais acerca das necessidades de reformulação do Estado. Conforme nos relata o periódico, a sociedade amazonense não suportaria mais um sistema político que retardasse o alcance dos eventuais benefícios da modernidade a todos os níveis sociais. *Redempção*, no entanto, deve ser apreendida menos como uma manifestação libertária da população de um sistema político oligárquico envelhecido, e mais como uma vocalização de um grupo social específico a reivindicar a sua própria legitimação, os intelectuais.

Clóvis Barbosa relata que os trabalhos jornalísticos de Benjamin Lima tiveram grande visibilidade e notoriedade no jornal *A Imprensa*. Tal jornal, por sua vez, pertencia ao poeta Álvaro Maia e tornou-se uma espécie de órgão oficioso quando da sua nomeação como interventor no Estado em 1930. Vale notar que Álvaro Maia, ao longo das décadas de 1910 e 1920, exercia forte influência sobre a mocidade manauara, fosse por meio de seus pronunciamentos, fosse por intermédio da sua produção poética a mesclar parnasianismo e simbolismo. Benjamin Lima, por sua vez, também constituiu-se como liderança intelectual de relevo no decorrer daquelas décadas iniciais do século XX, tornando-se exemplo de atuação intelectual para o próprio Clóvis Barbosa ao arquitetar a estrutura da revista *Redempção*.

Com essa majestosa comunhão (Álvaro e Benjamin), sob diretriz tão predestinada, exprimiu-se, em Manaus, a alvorada vitoriosa do florescimento duma imprensa modelo, educadora, superior, tersa, ponderada, doutrinária e luminosa, onde um chuveiro de ideias novas e de novas conquistas efundia, em claridades harmoniosas, as grandes questões sociais e os sadios teoremas artísticos. (BARBOSA, 1926).

Os argumentos fazem transparecer que *Redempção* foi parte de um grupo de periódicos versado em assuntos políticos e artísticos que emergiu em Manaus em plena efervescência de uma vida intelectual por volta de 1917, período em que foram organizados cenáculos e associações intelectuais, tais como a Sociedade dos Homens de Letras, que viria se tornar a Academia Amazonense de Letras, em 1918. Tais intelectuais tendiam a adotar uma postura mais liberal em favor da organização de uma democracia que seria estabelecida a partir de uma redefinição do sistema republicano. A prioridade em tais periódicos seria disseminar a discussão em torno de questões políticas, econômicas e culturais no âmbito de uma esfera pública então redefinida. Dar-se-ia preferência, em princípio, a posturas e discursos que vinculassem modos de apreensão da realidade a determinadas posições

estéticas, associando, dessa forma, sua produção à construção de uma teoria social fundamentada, por exemplo, em Euclides da Cunha, a despeito de seu passadismo literário, mas que produziu sua obra a partir de uma meticulosa pesquisa de campo ao articular ciência e estética.

Foram selecionados Abguar Bastos, Álvaro Maia, Benjamin Lima, Coriolano Durand, Clóvis Barbosa, Péricles Moraes e Raimundo Monteiro como autores representativos dentro do vasto conjunto de colaboradores da revista. Tal seleção, por sua vez, possibilita um mapeamento das temáticas e das abordagens levadas a cabo na revista *Redempção*. Ao tomarmos como princípio de análise as questões atinentes a uma legitimação do trabalho intelectual dentro desse contexto de mudança política, levou-se em consideração não só as trajetórias e possíveis vínculos de tais autores com grupos políticos e círculos de intelectuais, mas também as temáticas dos variados artigos presentes no periódico como expressivos dos esforços para o alcance de um diagnóstico cultural, político e econômico da região, conferindo, portanto, à revista *Redempção* a importância por ela alcançada no que diz respeito à constituição de um campo intelectual local. A preocupação por parte de alguns autores quanto ao papel a ser assumido por uma linguagem literária, as aproximações ou distanciamentos ideológicos com outros centros culturais do país, por sua vez, são aspectos decisivos para o entendimento das pretensões almejadas.

Assim, ao considerar o papel desempenhado pela *Redempção* como um marco importante para a formação de um campo intelectual local, intenta-se conferir certo papel legitimador do ponto de vista da produção simbólica, bem como instância autorizada a propor certo delineamento da realidade amazônica como região singular dentro do quadro nacional em processo de mudança política. A escolha desses autores supracitados, por sua vez, se deu não só em função da relevância por eles assumida no decorrer da construção de uma história intelectual local, mas também como decorrência das divergências ideológicas e estéticas que separava e aproximava uns dos outros dentro de um quadro ainda indefinido quanto aos desdobramentos políticos futuros. Pode-se definir esse conjunto de autores como distribuídos em dois grupos: os acadêmicos/tradicionais, ainda atrelados a um passadismo literário com forte influência franco-portuguesa, e os modernos, devotados a questões estéticas intrinsecamente atreladas às possíveis influências nativistas do Brasil ou preocupados com a confluência de elementos estrangeiros e nativos para a observação do processo de formação cultural brasileira. No grupo dos tradicionais é possível identificar Álvaro Maia, Coriolano Durand, Benjamin Lima, Péricles Moraes e Raimundo Monteiro. Já no grupo dos modernos

destacam-se Abguar Bastos e o editor/redator da revista *Redempção*, Clóvis Barbosa, e que, apesar de adeptos ao modernismo, apresentam posturas diversas quanto ao próprio movimento. No entanto, essa classificação prévia não implica isolamento de uns em relação aos outros, mas sim uma maneira de configurar a interação e o debate quanto aos diferentes temas presentes em *Redempção*. A atuação de Clóvis Barbosa como uma figura a agregar em torno do periódico autores de tendências estéticas e políticas variadas e conflitantes, em muito sinaliza as implicações propriamente intelectuais envolvidas na existência do empreendimento representado pela revista.

A revista *Redempção* como instância de consagração intelectual no âmbito local ao longo das décadas de 1920 e 1930 nos faz ver como a atuação catalisadora de Clóvis Barbosa, a despeito das divergências estéticas e políticas vigentes dentro do leque de colaboradores, conferiu visibilidade aos reclamos próprios do trabalho intelectual e artístico enquanto tarefa específica no plano simbólico. Embora as ingerências de ordem política ainda se fizessem presentes enquanto recurso para a legitimação intelectual, o surgimento de pequenos cenáculos ou de publicações jornalísticas e em revistas em muito começou a colaborar para o delineamento de espaços próprios de definição de padrões artísticos e intelectuais. Clóvis Barbosa, dessa forma, parece ter compreendido que a autonomia a ser conquistada pelos artistas e intelectuais dependia, intrinsecamente, do modo como eles próprios poderiam associar-se e relacionar-se.

É possível apreender essa postura de Clóvis Barbosa a partir do trecho do conto *Um fraque: novela dum deprimido*, publicado em *Redempção* (1931g). Um escritor concebe o seu próprio trabalho literário como uma missão a ser cumprida e, assim, procura firmar-se, primeiro, a partir de sua própria produção e, segundo, pela sua posição social como um possível recurso facilitador para o alcance de um reconhecimento artístico. No entanto, e na medida em que concebe o fazer artístico como uma missão, não aceita quaisquer formas de associação e recusa-se a receber quaisquer tipos de renda em troca do seu trabalho, o que redundaria no seu gradativo empobrecimento, principalmente após ter utilizado os últimos recursos oriundos do seu tempo de serviço no funcionalismo público. O trecho do conto relata a trajetória de um escritor que, em busca de uma legitimação artística, vivencia um intrincado jogo de relações a oscilar entre questões de ordem política e problemas estéticos, a concorrência entre os pares em função da necessidade de publicação dos trabalhos, a luta por uma postura imparcial frente ao poder e a afirmação de uma colocação social que supostamente o favoreceria diante dos outros artistas. Dessa forma, faz-se uma crítica ao

artista que se priva das relações políticas no sentido de preservar uma suposta pureza própria do fazer artístico e literário, o que, em última instância, redundava em dificuldades quanto à visibilidade do próprio trabalho, mesmo que este esteja marcado por uma crítica às inconformidades sociais. Ter a arte como missão, podemos dizer, não está associado ao fato de conceber-se o trabalho artístico e intelectual como desatrelado dos problemas mundanos, mas sim vinculado a uma postura algo pretensiosa de distanciamento dos fatos para o exercício de uma análise.

A dedicatória a Abguar Bastos, por sua vez, é reveladora de uma preocupação por parte de Clóvis Barbosa com a divulgação do movimento modernista na região norte, além de se pretender fazer uma discussão sobre as possibilidades de um modernismo regional amazônico. Há, no entanto, dois elementos fundamentais no conto: o fraque e a depressão. Esses dois elementos circundam um determinado personagem, o Dr. Raimundo Nonato Piedade, homem solteiro que visitava regularmente o cabaré e, honestíssimo, procurava reprimir a malícia sobre os outros e não compactuar com as negociações de seus colegas, sendo, por conta disso, afastado do serviço público. Angustiado pela desonra política, passou a escrever em um periódico no qual expunha suas críticas às articulações políticas e à literatura em evidência. Sua atuação como intelectual causou certo estranhamento porque não se esperava de alguém com posições conservadoras uma exposição pública das suas insatisfações, principalmente utilizando uma linguagem considerada própria de uma arte que discutia, sobretudo, a beleza e o amor. Do ponto de vista artístico, não poderia haver uma conexão entre um tema político e uma linguagem pura. No entanto, aquela situação era interessante, pois não era comum alguém adepto de posições conservadoras criticar seus colegas. Como membro desse mundo artístico e literário, e assumindo o papel de inquiridor, entendeu que o relacionamento e/ou a subserviência a chefes políticos poderiam render à sua arte um freio desnecessário. Tal pensamento advinha da sua consciência de que o escritor deveria dedicar-se ao seu ofício em prol de uma missão e não como um mero meio de sobrevivência. Sem o investimento desses personagens, seu trabalho ficou manietado a panfletos inflamados a denegrir a imagem da política. Dr. Raimundo tornou-se alvo de boicote e, ao cometer seu primeiro deslize, viu-se alijado do círculo de publicações. Em um esforço de manter-se à altura de seus pares, usava um fraque que, com o tempo, ficou visivelmente desgastado. O uso do fraque representa, dessa forma, um tipo de mascaramento social a viabilizar a sua aceitação dentro de determinadas relações sociais.

O elemento da depressão, por sua vez, está vinculado, em primeiro lugar, à receptividade dos trabalhos do autor por conta do boicote que seus adversários políticos levantaram contra ele e, em segundo lugar, pelo uso de uma linguagem pura para a crítica das atividades políticas e da literatura em evidência. Dr. Raimundo, em determinado momento de sua carreira, abandonou Camillo como referência literária e se filiou ao dramaturgo modernista Pirandello, renegando a tradição em uma tentativa de dar continuidade às suas críticas a partir de um viés satírico. Filiado a essa linguagem modernista, percebeu que a crítica ao trabalho e às concepções do outro eram comuns nessa arena intelectual, deixando-o prevenido quanto às assertivas. Sua sobrevivência não poderia depender da atividade intelectual já que a encarava como uma missão.

Neste conto, enfim, percebemos que o processo de afirmação de um artista não somente depende da sua aceitação social, mas da sua aprovação por parte dos seus pares. Clóvis Barbosa aponta que o cultivo de relacionamentos com os pares e com a esfera política possibilitaria o equilíbrio entre as denúncias de patologias sociais e a estabilidade para a publicação dos trabalhos, conferindo ao artista, pelo domínio da palavra, o controle da comunicação entre as diversas esferas sociais, e atribuindo-lhe uma atitude analítica diante das suas atividades. O autor aponta também que o relacionamento com a esfera política e intelectual viabilizariam melhores condições de aceitação dos trabalhos daqueles intelectuais interessados em serem porta-vozes das incongruências sociais. Indica ainda que a linguagem utilizada para a análise social não dependia da filiação necessária a determinado experimentalismo estético, porque a missão do intelectual deveria estar voltada mais para a preocupação com o diagnóstico das patologias sociais e a apresentação da cultura e menos com a forma com que se escreveria esse diagnóstico. A linguagem pretendida por Clóvis Barbosa viabilizava certa congruência entre os dois extremos.

I) DOS ENCONTROS INSTITUCIONAIS

Grupo dos Tradicionais

A) Álvaro Maia

Nascido em Humaitá, município do Estado do Amazonas, mudou-se para Manaus ainda jovem para cursar o secundário no Ginásio Amazonense, publicando a partir dos seus 11 anos no jornal estudantil *Curumi* e, logo após, em 1907, até o fim dos estudos, em 1912, na

revista *Aura*. Suas influências relacionais com a política foram, provavelmente, seus irmãos Antônio Botelho Maia – antigo fiscal de consumo, ex-Prefeito de Manaus e ex-Deputado Federal do Amazonas – e Raimundo Botelho Maia, funcionário federal. Iniciou em 1913 os estudos em Direito na Faculdade de Direito do Ceará, onde contribuiu no *Jornal Estudantil Vaticano* e no *Jornal Radical*, findando seus estudos em 1917 na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro. Entre 1917 e 1918 contribuiu no *A Imprensa* e no *Jornal do Comércio*. Foi Procurador da República interino em Manaus e em 1918 candidato a Deputado Federal, além de ter sido um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras. Em 1918-1919 foi Auditor da Força Policial e, em 1921-1922, Secretário da Comissão de Propaganda e Organização do Centenário no Pará, além de colaborador da *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro. Entre 1922-1926 foi integrante da Comissão de Saneamento Rural do Amazonas. Em 1924, quando da Revolta Tenentista, foi secretário da Prefeitura de Manaus. Contribuiu com a revista *Redenção* entre 1924 e 1931. Em 1925 foi professor interino do Ginásio Amazonense. Em 1926 foi Diretor da Imprensa Oficial, contribuindo com o jornal da Imprensa Oficial e passou a ocupar a cadeira de Português no Ginásio Amazonense. Em 1930, professor de Português no Colégio Dom Bosco, Consultor Jurídico da Associação Comercial do Amazonas e redator da revista da Associação Comercial do Amazonas. Nesse mesmo ano foi nomeado Interventor Federal do Amazonas.

B) Benjamin Lima

Nascido em Óbidos, município do Estado do Pará, em 27 de novembro de 1885, foi crítico de teatro, jornalista, conferencista e funcionário público. Contribuiu nos periódicos *A Imprensa*, *O Paiz*, no Rio de Janeiro, e assinou uma coluna no *Jornal do Brasil*. Professor interino de História da Civilização no Ginásio Amazonense e professor de Economia Política na Escola de Comércio de Manaus. Primeiro presidente da Academia Amazonense de Letras, Diretor do Curso Prático de Teatro em Manaus, Diretor da Biblioteca Pública, Promotor de Justiça, Juiz de Direito em Manaus, Oficial de Gabinete do Governador do Estado, Diretor da Penitenciária, Procurador do Estado, Secretário da Prefeitura de Manaus e Delegado Regional do Recenseamento do Amazonas.

C) Coriolano Durand

Nascido em Tabatinga, município do Amazonas, em 12 de abril de 1878, teve uma trajetória profissional marcada, até o período de participação na *Redenção*, pela sua atuação como fundador do Externato Durand e da Academia Amazonense de Letras. Foi professor

catedrático de Francês no Ginásio Amazonense Dom Pedro II, professor primário de escola municipal noturna em Manaus, professor primário do Atheneu Amazonense, ocupou a cadeira de Português da Escola Complementar para alunos do sexo masculino. Em Manicoré, município do Amazonas, foi, respectivamente, Procurador-Tesoureiro, Promotor Público e exerceu advocacia. Em Manaus, foi Delegado de Polícia e, em 1924, em Manaus, posicionou-se como militante da Revolta Tenentista, sendo preso como revolucionário na intervenção de Alfredo Sá. Atuou como secretário da Prefeitura na administração de Araújo Lima e foi encarregado da construção de oito bangalôs na Praça da Saudade na administração do Ten. Emanuel de Moraes. Contribuiu nos periódicos *O Amazonas*, *O Imparcial* e *O Paiz*, no Rio de Janeiro, dentre outros.

D) Péricles Moraes

O manauara Péricles Moraes foi um crítico literário cioso e dedicado ao estudo da língua e literatura francesa, as quais lecionou mesmo quando estava na vida pública. Segundo Agnello Bittencourt (1973), apesar de ter ido à Europa apenas duas vezes, sempre demonstrou profundo conhecimento e apreço pela cultura francesa. Filho de um Deputado Estadual, estava propenso a se envolver na carreira política. Foi Prefeito de Coari e Parintins, municípios do Amazonas, após ter deixado de contribuir para a revista *Redempção*. Os relatos biográficos de Péricles Moraes enfatizam, no momento de sua produção para a revista *Redempção*, seu vínculo com a docência e o incentivo da ciência e das letras, fundando sociedades intelectuais em Belém, como o Apostolado Cruz e Souza, e em Manaus, a Sociedade de Homens de Letras, antecessora imediata da Academia Amazonense de Letras. Foi considerado o Príncipe dos Prosadores do Amazonas e detentor de uma mentalidade francesa.

E) Raymundo Monteiro

Com a mesma naturalidade de Álvaro Maia, sendo 11 anos mais velho, filho de abastado comerciante, logo que concluiu seus estudos primários em Manaus foi enviado à Europa a fim de estudar os idiomas nas respectivas cidades: Inglaterra, França, Espanha e Portugal, tornando-se membro da Academia Amazonense de Letras, administrador dos negócios do pai e tabelião em Manaus.

Grupo dos Modernos

A) Abguar Bastos

O paraense nascido em 22 de novembro de 1902 cursou a Faculdade de Direito em Manaus entre 1921 a 1925. Foi romancista, poeta, folclorista, sociólogo, historiador, conferencista, teatrólogo, jornalista, tradutor, político, administrador, membro do Instituto Histórico e Geográfico do Pará e de São Paulo, membro honorário da Associação Brasileira do Folclore, membro fundador da antiga ABDE, que se transformou em UBE – União Brasileira de Escritores. Em 1927 redigiu o *Manifesto Flaminaçu*³³, em referência ao *Manifesto Pau-Brasil* de Oswald de Andrade. Contribuiu na *Revista Nova Belém*, foi militante ativo da Frente Parlamentar Nacionalista ligada à esquerda e participou da Revolução de 1930. Ainda no funcionalismo público, foi bancário em Belém, secretário da prefeitura e prefeito interinamente em Coari, município do Amazonas. Entre 1926 e 1928 foi tabelião, e em 1929 redator de debates da Assembleia Legislativa do Amazonas.

Sendo assim, as trajetórias dos autores aqui escolhidos e que podem ser relacionadas com a de Clóvis Barbosa³⁴ apresentam os vínculos que possibilitaram a organização da revista *Redempção*, onde identificamos cinco ambientes de encontros (figura 1).

Figura 1 - Ciclo de encontros entre Clovis Barbosa e os autores escolhidos



³³ “Flaminaçu” significa, em nheengatu, “grande chama”.

³⁴ Trajetória apresentada no Capítulo I – Da política para a cultura: a revista *Redempção* e a formação de um campo intelectual local.

Na análise desses ambientes, percebemos que a participação de Clóvis Barbosa na Revolta de 1924 teve como incentivo a ideologia republicana, difundida pelos professores do Ginásio Amazonense. O jovem Clóvis Barbosa³⁵ recebeu de professores como Benjamin Lima, Coriolano Durand e Álvaro Maia não só uma determinada formação política, mas também um impulso para a atividade artística. É interessante perceber que Álvaro Maia, por exemplo, como professor do Ginásio Amazonense, ao colocar-se em uma postura contrária ao governo de Rego Monteiro, estreitava relações com seus alunos a partir da formação de uma ideologia republicana e da idealização de uma postura intelectual diante da realidade. Ser aluno do Ginásio Amazonense representava, no âmbito da sociedade, o desfrute de um status social e intelectual³⁶, e foi provavelmente o ambiente onde se difundiram os ideais de uma atividade intelectual que analisasse criticamente a realidade social.

A vida intelectual da juventude dos anos 1920 e 1930, em Manaus, estava atrelada à militância política. Essa militância não findava em um posicionamento contra um Estado não democrático, mas procurava estabelecer, dentro de uma ideologia nacionalista, a visibilidade do Estado do Amazonas como integrante do Brasil. Por conta disso é que foram adotados movimentos estéticos tal como o Modernismo no sul do país. Clóvis Barbosa entendia, como intelectual, que a militância política deveria interferir objetivamente e subjetivamente na sociedade, por isso, junto a outros intelectuais, desenvolveu o conceito de *brasilidade*, e que pode ser entendido como *amazonidade*. A forma de divulgar esses ideais ao maior número de pessoas seria por meio da utilização de um periódico que reunisse personalidades e intelectuais já consagrados, tais como Péricles Morais e Raimundo Monteiro, também membros da Academia Amazonense de Letras. Nesse periódico político e literário, novos intelectuais também poderiam apresentar seus ideais de Brasil, tal como Abguar Bastos. O alinhamento entre estética e discurso político foi o método que Clóvis Barbosa utilizou para organizar um memorial da história das transformações democráticas no Amazonas e no Brasil.

II) DA SÍNTESE TEMÁTICA

Grupo dos Tradicionais

A) Álvaro Maia

³⁵ Provavelmente Clóvis Barbosa foi um dos seus alunos por conta da sua participação no Grêmio Literário Rio Branco, liderado, a princípio, por Paulo Eleutério, professor do Ginásio.

³⁶ Para o aprofundamento do significado de ser aluno do Ginásio Amazonense ver AGUIAR, 2002.

A produção de Álvaro Maia na revista *Redenção*, e como um reflexo de sua trajetória, transita entre uma discussão política e artística, muitas vezes interconectadas, ora através de poesias aludindo a temas políticos, ora através de discursos políticos intercedendo por uma perspectiva artística. Politicamente, convida a sociedade a reagir diante das condições de crise econômica promovida pela gestão política anterior ligada a uma oligarquia que, em plena República, ainda controlava determinados personagens da política do Estado. Defende o revisionismo político e procura educar a população a fim de fortalecer a ideologia republicana. Quando Interventor, empregou medidas que amenizaram as condições paupérrimas da grande maioria da população. Procurou estabelecer relações políticas tanto no plano partidário quanto artístico. Utilizou sua voz política para defender a musa de suas produções, a natureza, acusando as ações humanas pelos seus males. E ainda criticou as produções artísticas que denegriam a beleza e segurança do Estado, apontando como dever do artista uma propaganda lisonjeira do Amazonas. Artisticamente, ao apresentar a natureza como musa, interpõe a cidade e o interior/campo ressaltando as diferentes visões de mundo no contrapeso entre a soberba e a simplicidade. Ao mesmo tempo em que a natureza é sinônimo de beleza, o amor é de desilusão e sofrimento. A linguagem utilizada em seus escritos, e que abrange ensaios, poesia, crônicas, teses, discursos e conferências, valoriza a construção lírica da realidade, o uso acirrado de normas textuais e a melodia do texto como se ambos não somente construíssem uma leitura harmoniosa, mas também transmitissem musicalidade – elemento entendido como essencial para confecção, podemos dizer, de uma arte pura. Compreende que o elemento estrangeiro na arte não descaracteriza sua regionalidade; pelo contrário, agrega valor à arte regional. Tendo em vista essas características e os seus discursos sobre a forma, critica o modernismo por não utilizar as noções de sonoridade, vulgarizando a arte.

A análise da trajetória de Álvaro Maia, em consonância com sua produção, nos apresenta um intelectual vinculado a um campo político de oposição, que luta a favor de uma reorganização social, tendo em vista o estado de pobreza e desorganização do Amazonas. A postura republicana motivou intelectuais a se organizarem em favor de uma conscientização popular. Álvaro Maia (1927), no poema *Jangada de Cedros*, compara sua trajetória aos cedros que deixam as margens dos rios e vão ao mar, mas que na memória guardam a beleza do lugar apesar do sofrimento vivido. Sua experiência no interior do Amazonas repercute na temática de sua produção. A natureza em sua beleza e resplendor envolve o homem que é condicionado a permanecer naquela realidade; mas quando esse homem aventura-se por

outros lugares, de certa forma encontra liberdade, embora não esqueça do seu passado. Álvaro Maia (1927) compreende que sua experiência nos centros culturais lhe proporcionou condições de produzir uma arte pura, propícia para ocupar o centro do ambiente intelectual local.

B) Benjamin Lima

A participação de Benjamin Lima na revista *Redenção* revela-se pela sua apreciação pelo formato da revista como um instrumento de diálogo e propaganda do Estado. Benjamin Lima revela a preocupação da intelectualidade dos anos 1920 e 1930 com o fortalecimento da arte nacional. Acreditava, tal como Rui Barbosa, na reformulação da ortografia a valorizar a cadência da linguagem brasileira para expressão não somente de uma realidade, mas dos avanços e possibilidades estéticas do campo intelectual brasileiro.

C) Coriolano Durand

Sua colaboração na revista *Redenção* abrange notas, contos, crônicas, artigo científico e uma novela cujo enredo apresenta um literato inclinado a estreitar laços com determinados personagens políticos e, dessa forma, contribuir com o desenvolvimento intelectual da sociedade. Afirma-se, portanto, um posicionamento estético, primeiro, com a explícita aproximação com autores de origem francesa e, depois, com a valorização de um modelo de intelectual como “gênio”.

No intuito de estreitar os seus próprios laços políticos, Coriolano Durand, na crônica *O meu aniversário*, parabeniza Adriano Jorge pela passagem do seu aniversário em festa organizada pelos membros da revista *Redenção* no Ideal Club. A crônica relata o constante envelhecimento do homem, hora após hora, e que este, por sua vez, não deve ficar desesperado pelo envelhecimento, mas entender que a vida é um constante passar de segundos os quais podem ser inícios ou finais, sendo o envelhecimento natural ao homem e a única coisa que o pode retardar é a morte. Ressalta que a vida é uma continuidade dos pais e que somente com eles o homem se sente criança novamente (DURAND, 1926b).

Como professor primário, esteve preocupado em idealizar formas pedagógicas para o aprimoramento do ensino das crianças e jovens do Amazonas. Assim, no artigo *Para ler e escrever números*, Durand (1925b) apresenta proposta de método de ensino da leitura e escrita de números para as crianças que estão iniciando na aritmética. Ele ressalta não querer premiações pelo feito, acreditando que a real aplicação do método por outros professores beneficiará a sociedade como um todo.

Seu posicionamento estético consistia no entendimento da realidade através da apresentação das peculiaridades nacionais, utilizando, no entanto, abordagens características de uma literatura europeia e uma linguagem necessariamente distanciada da grande massa. O manejo dessa linguagem, propositalmente, conferia ao intelectual a tutela para com a sociedade, sendo somente ele capaz de diagnosticar seus problemas. Durand estava vinculado a uma tradição literária francesa devido, sobretudo, à sua formação como professor de francês. Faz referência a autores como Gaston Leroux, literato de obras de mistério, tal como *O Fantasma da ópera*, que tinham como característica certo realismo e o questionamento de quais os efeitos da modernidade sobre o homem e, analogicamente, a Paul Claudel, simbolista francês. Sua temática apresenta cenários que abrangem desde o interior de um cortiço, passando por um café/bar, a um apartamento de classe média francês. Podemos dizer que a temática de Durand descreve, por analogia, os efeitos da modernidade sobre o homem, tais como a necessidade de resguardar os princípios de uma arte frente às grandes transformações sociais (*O carriça*), a necessidade do consumo (*O morto que riu*), o fetiche da felicidade e da satisfação (*Sonho de criança e mágoa de velho*), a atitude blasé e prosaica (*Zacheu Snuk: episódio trágico em um ato, em verso*), a necessidade de relações políticas para sobrevivência no mercado e nos grupos intelectuais (*O meu aniversário* e em *Dr. Pedrosa*), e ainda a necessidade constante da produção intelectual para manutenção dos vínculos acadêmicos em *Para ler e escrever números*.

D) Péricles Moraes

Contribuiu com a revista *Redenção* somente com seis artigos entre 1924 e 1926. Esta curta contribuição está ligada a um desentendimento entre o crítico e Clóvis Barbosa. No artigo de Clóvis Barbosa intitulado *Adesão*, no jornal *Diário da Tarde*, provavelmente de 18 de março de 1934, e ao aderir à candidatura de Leopoldo Peres para presidente da Associação Amazonense de Imprensa, define Péricles Moraes como “inimigo feudal”, uma referência ao crítico como partidário de uma postura estética divergente. Péricles Moraes, por seu turno, se sentiu ofendido quando Clóvis Barbosa convidou um desafeto e inimigo seu para publicar em sua revista (BARBOSA, 1934). No artigo *Exceto*, Clóvis Barbosa (1927) responde a uma homenagem feita a ele na sessão solene da União Caixeiral Desportiva e agradece ao orador pela sua defesa por ocasião das acusações de seus inimigos. No entanto, afirma que seus ditos inimigos não merecem crédito, pois não debatem frente a frente e nem mesmo são inteligentes o bastante para levantar uma boa injúria contra ele, atijando algum tipo de revide. Clóvis

Barbosa ressalta que somente houve falar de possíveis armadilhas de alguns “homecos” que fogem no primeiro movimento de reação. Assim, são inúteis até como inimigos.

As contribuições de Péricles Moraes para *Redempção* oscilam desde a crítica literária e política, até a crônica e notas laudatórias. É notória a sua filiação a uma estética tradicional de inspiração francesa e uma negação do modernismo.

E) Raimundo Monteiro

Aderiu às convicções estéticas simbolistas que privilegiavam uma poesia menos ritmada e apresentavam como musa os sentimentos do coração, buscando na sua descrição o entendimento do *eu*. Suas contribuições para *Redempção* abrangem poemas, sonetos e artigos que fazem referência a uma estética clássica de origem grega, no uso da tradição helênica e do poema elegíaco para interpretação dos sentimentos humanos. Mas também faz sugestões de ordem política e homenageia personalidades do campo intelectual e político, tais como o crítico Péricles Moraes, os poetas Hannibal Theófilo e Martins Fontes, o possível comerciante Edgar de Menezes Castro, o então prefeito de Manaus, Dr. Araújo Lima, o simbolista francês Paul Verlaine, além de fazer uma referência a Victor Hugo. Raimundo Monteiro, membro da Academia Amazonense de Letras, representa na *Redempção* o que poderia ser designado como a vanguarda do grupo acadêmico, dada a sua adesão ao simbolismo. Foi considerado em seu tempo um “clássico do vernáculo”, apresentando a poesia como elemento de preenchimento do tempo, representando o amor como o sentido da vida e a dualidade da mulher em sua força e fraqueza. O poeta, seguindo a postura política da revista, também atentou para o modo como a sociedade amazonense vinha reagindo diante dos seus problemas, e fez isso por meio da lenda das Amazonas – guerreiras e caçadoras – que passavam a ser caça de uma matilha. Raimundo Monteiro também se preocupou com as dificuldades enfrentadas pelos pequenos produtores agrícolas e, ainda, deixou clara a sua pretensão de reavivar a *belle époque* (MONTEIRO, 1925b, 1925c, 1925d, 1926a, 1926b, 1926c, 1926d, 1927, 1931, 1932).

Grupo dos Modernos

A) Abguar Bastos

Sua contribuição na revista *Redempção* estendeu-se de 15 de janeiro a 6 de junho de 1931 por meio de poemas, artigos, contos e crítica política e literária, apresentando, inicialmente, a discussão sobre o perfil da literatura produzida no norte, onde o artista deveria, ao representar o homem, evidenciar sua cosmovisão na subordinação da realidade aos

conhecimentos tradicionais. Também demonstrou a necessidade de vinculação de intelectuais decepcionados com o apoio e a receptividade da arte passadista ao grupo moderno, além do incentivo a uma ação militante em favor do fortalecimento e manutenção da Terceira República instaurada após a Revolução de 1930.

B) Clóvis Barbosa

A participação de Clóvis Barbosa na revista *Redenção* inclui reportagens, artigos políticos, contos, crítica literária, discurso, crônica e conferência, promovendo o processo de nacionalização da arte brasileira. Procurou realizar uma teoria social de cunho realista e que discutisse as patologias da vida moderna por meio do uso de uma linguagem original. Linguagem esta que viabilizasse a expressão da realidade amazônica ao discutir temas como a atividade literária em Manaus, e que até então estava voltada para uma arte mistificadora da natureza. Clóvis Barbosa, assim, tinha plena consciência da disputa em torno de uma legitimação do trabalho literário e intelectual quando da eclosão do modernismo como uma nova forma de abordar a realidade. O intelectual, portanto, deveria cumprir a missão de porta-voz do povo ao expor a cultura moderna e exercer a sua liberdade de expressão.

Desse modo, as temáticas presentes na revista *Redenção* se inscrevem como resultado de duas experiências de Clóvis Barbosa. A primeira, na sua juventude militante, em favor da deposição oligárquica do governo republicano. A segunda, por ter sido aluno de intelectuais como Álvaro Maia, Paulo Eleutério, Benjamin Lima, Coriolano Durand, o que provocou a atuação política e intelectual para as transformações do mundo a partir de estudos da produção artística. Clóvis Barbosa foi sempre um interessado em entender os movimentos artísticos do Brasil, tal como podemos constatar na carta endereçada a Mário Ypiranga Monteiro de 11 de fevereiro de 1976, quando relata a sua participação na Semana de Arte Moderna em 1922. Nela descreve o ambiente da reunião e explicita suas preferências estéticas.

Semana de Arte Moderna. Parecia piada de salão. Era realmente anedota de granfino viajado e rico. Os cabotinos se espalharam. Empalharam-se na mediocridade... Escritores amadureceram, somando valores, cartolas, ideias filtradas, cátedras, de defuntos mais ou menos vivos. Monteiro Lobato chiou. Estendeu-se pela história. Com sobranceiras e façanhas. Enorme e legal. O Graça Aranha comanda a revolução... Mário de Andrade desvaira-se, astuto. Sabe o destino. Ganha-se dimensão, se enxuto. Espreme o caráter brasileiro, fonte de inspiração... (BARBOSA, 1976)

O contraste presente em *Redenção* entre uma estética moderna e uma estética tradicional ocorre como sinalização e expressão possível da modernidade manauara ao enveredar por uma temática que vinculava a discussão política e as disputas no plano estético. Naquele momento de autotransformação pela interlocução com a cultura norte-americana e

transformação das coisas ao redor, como o sistema político, causou em Clóvis Barbosa a necessidade de um discurso que, de certa forma, ao debater-se com as visões de mundo então existentes, preservasse a essência do homem amazônico. No turbilhão da modernidade, revelando a condição do povo amazonense, descreveu a história social da metamorfose cultural do Amazonas. Por conta disso, a linguagem literária que Clóvis Barbosa pretendeu construir, como veremos no próximo capítulo, buscou mesclar a estética moderna com o passadismo literário ainda reinante tendo em vista dois objetivos principais: primeiro, dar visibilidade ao intelectual como porta-voz das transformações culturais e, segundo, a construção de uma linguagem literária que representasse de fato o norte do país.

CAPÍTULO III
UM MODERNISMO AMAZONENSE?
Perfil do intelectual na *Redempção*

Os anos de publicação da revista *Redempção* representam um período de manifestações políticas e culturais contra a forma com que estava organizada a república no Brasil. Não é difícil constatar nos artigos publicados na revista *Redempção* que, naquele período, o regime republicano era controlado por uma oligarquia voltada para os seus próprios interesses em detrimento dos anseios de uma camada média urbana que então emergia no cenário político nacional como nova força. Por conta disso, manifestações e sublevações começaram a ocorrer, tais como as Revoltas Tenentistas ainda nos anos 1920 e, posteriormente, a Revolução de 1930. Dentro desse ambiente político de conturbação e mudanças, deve-se enquadrar as manifestações culturais como eventos igualmente expressivos por transformações mais radicais. A Semana de Arte Moderna de 1922, neste sentido, possui esse significado, a despeito do seu patrocínio ter sido feito pela oligarquia cafeeira de São Paulo.

A revista *Redempção* converteu-se, portanto, em um meio possível de expressão artística e intelectual destinado, também, ao tratamento de temáticas atinentes aos eventos políticos em ebulição. Não é difícil associar tais problemas de ordem propriamente política com questões de ordem mais estritamente intelectual e artística como sintoma de um quadro social em processo de mudança. Clóvis Barbosa, adepto de uma estética modernista, compreendia que o intelectual amazonense deveria estar preocupado em contribuir com a apresentação das peculiaridades da região. Tais peculiaridades residiriam, segundo ele, nas formas de reação da sociedade frente às decisões políticas e aos desdobramentos econômicos, bem como em relação às possíveis transformações de ordem estética. Tal entendimento acerca de uma possível relação entre as dimensões política e econômica com as questões estéticas fazia parte de um movimento de nacionalização da arte, movimento do qual Clóvis Barbosa fazia parte como um representante na região norte.

Apresentar as peculiaridades nacionais a partir de uma linguagem que almejava representar as novas condições sociais proporcionadas pelos avanços da industrialização nos centros urbanos do país configurava menos uma ação política e mais uma deliberação de autonomia relativa do campo intelectual. Segundo Marshall Berman (2007), podemos entender a modernidade como um movimento de autotransformação e transformação das

coisas ao redor que culminam na formação de novas visões de mundo e, com isso, a transformação da realidade. Esse processo de modernidade ocorre em duas fases: a primeira é o modernismo no campo das ideias; a segunda é a modernização no campo econômico e político. A “militância intelectual” que pode ser constatada na revista *Redenção* traz à tona a emergência das questões atreladas ao modernismo e à modernização na medida em que os temas ali tratados tendem a vincular uma dimensão a outra. O papel do intelectual dentro desse contexto de contestações e mudanças políticas seria, a princípio, o de diagnosticar as características de uma identidade brasileira.

Clóvis Barbosa empenhou-se desde o primeiro momento para o desenvolvimento de uma estética modernista. Sua trajetória como jornalista e o seu vínculo com os intelectuais participantes da Semana de Arte Moderna de 1922 converteram-se em parâmetros cruciais para a sua formação. Portanto, foram seus posicionamentos políticos e estéticos que possibilitaram sua militância intelectual em favor da democratização dos direitos sociais próprios de um regime republicano. Podemos perceber nos artigos assinados por Clóvis Barbosa (muitos assinados com as iniciais A. C.) certa crítica às articulações políticas então levadas a cabo pelas oligarquias.

Clóvis Barbosa relata que a presidência do Estado, no final dos anos 1920 e início dos anos 1930, estava marcada por articulações políticas levianas, pois havia facções políticas que manipulavam cargos a fim de extorquir o tesouro público. Tais facções estavam ligadas ao presidente Washington Luís deposto com a Revolução de 1930. Clóvis Barbosa desnuda o costume entre os políticos amazonenses das desfiliações partidárias em função da aproximação com o grupo no poder. Nos artigos *Retrospecto político de um farsante*, *Grandeza e decadência dum macaco de circo* e *Voos vertiginosos duma curica*, Clóvis Barbosa contesta o caráter de Dorval Porto, Ephigênio Salles, Alcides Bahia e Aristides Rocha. Aponta que suas trajetórias são marcadas por trapagens em eleições, associações e dissociações políticas que lhes garantiram cargos públicos, a indisposição na resolução dos problemas públicos, o uso indevido do tesouro e o não pagamento de dívidas externas. Situações que foram desveladas com a Revolução de 1930 (BARBOSA, 1931a,1931b,1931d).

No artigo *Verônica*, Clóvis Barbosa transcreve uma das reações às suas denúncias.

Amostra grátis: És o coveiro dos teus desafetos. E a tua vilania nunca te abandonará na elegância moral dum perdão. Enquanto os outros, menos frívolos, mais vividos, douram as suas ambições, nesta hora propícia às escaladas excepcionais, perdoando, amparando os que caíram, os que tiveram um signo menos favorável, tu corres, insensatamente, pelos esgotos odientos da insolência, levantando a água suja dos transe alheios. Para os outros florejam triunfos promissores e tu, no holocausto da

câmara ardente, vais respirando o oxigênio, cada vez mais mesquinho, das incompatibilidades, até novo ostracismo, até favorizar o diabo com a tua alma. (BARBOSA, 1931e)

Clóvis Barbosa relata que tal “amostra grátis” estava em um panfleto assinado por alguém de pseudônimo “Um íntimo”, que recriminava sua atitude em ter escrito os artigos “viperinos” na seção Câmara Ardente da revista *Redempção*, pois, segundo o tal “Um íntimo”, denegriam a imagem dos homens públicos que foram filiados a Ephigênio Sales.

Na segunda fase da revista *Redempção*, que compreende os anos 1931-1932, Clóvis Barbosa já havia sido exilado, digamos assim, por conta da sua postura contrária ao governo Ephigênio Salles. No artigo *Adeus São Luiz*, Clóvis Barbosa relata:

Quando a política do Sr. Ephigenio Salles me fechou todas as portas para a subsistência da minha vida modesta, em virtude de críticas minhas contra as imoralidades administrativas do seu sobrinho, o pobre diabo José Victor, saí pelas cidades do Norte, feito caixeiro-viajante das letras amazônicas. (BARBOSA, 1931c)

Nesse período de exílio, entre provavelmente 1927-1930, Clóvis Barbosa transitou entre Belém e São Luís a fim de manter-se financeiramente por meio de conferências e publicações, tal como a revista *Primeiro de Janeiro*, organizada em parceria com Abguar Bastos. Quando se deu a retirada do governo Ephigênio Salles em outubro de 1930, Clóvis Barbosa retornou para o Amazonas e, já em janeiro de 1931, a revista *Redempção* foi posta novamente em circulação. Por conta dessa perseguição foi que Clóvis Barbosa utilizou o pseudônimo “A. C.” na denúncia de corrupção na arena política.

A partir do seu posicionamento político, por sua vez, Clóvis Barbosa compreendeu a necessidade de um empreendimento estético como possível arma de combate dentro de um ambiente político e cultural marcado fortemente pela tradição. No entanto, e justamente em função desse ambiente cultural tradicional, fez-se necessário certo esforço no sentido de agregar um conjunto variado de intelectuais locais então adeptos de diferentes perspectivas estéticas. Coube a Clóvis Barbosa esse papel agregador em nome dos seus ideais, a um só tempo políticos e estéticos. Portanto, o perfil do intelectual na revista *Redempção* pode ser definido a partir da interconexão dos discursos sobre a forma de produção da arte apresentados tanto pelos autores ligados ao modernismo, como notadamente Abguar Bastos e Clóvis Barbosa, quanto pelos autores ligados a uma concepção passadista e tradicional em termos de arte e literatura, tais como Álvaro Maia, Benjamin Lima, Coriolano Durand, Péricles Moraes e Raymundo Monteiro.

Para Clóvis Barbosa, o artista e o intelectual deveriam representar a realidade regional conforme a linguagem utilizada pelo homem em seu próprio ambiente, desconstruindo,

portanto, a barreira existente entre uma estética tradicional e uma estética moderna. Em *A poetisa de Manaus*, Clóvis Barbosa (1931n) aproveita para pontuar alguns fundamentos do perfil do intelectual amazonense. Myriam Moraes, neste sentido, é tomada como um bom exemplo. Ela provinha de um ambiente dividido entre passadistas e modernistas. Seu pai, Raimundo Moraes, apesar de ser um autor passadista, defendeu Mário de Andrade quando acusado de imitar em seu romance-rapsódia *Macunaíma* o personagem do alemão Koch-Gruenberg³⁷, filiando-se, dessa forma, ao estilo propagado pelos modernistas.

Myriam não é mais a filha do escritor passadista Raimundo Moraes... Nem apenas a irmã do querido poeta modernista Aldo Moraes. Fugiu de casa com a poesia. (BARBOSA, 1931n)

O literato amazonense, segundo Clóvis Barbosa, nascia em meio a essa discussão: arte tradicional *versus* arte moderna e, por conta disso, tinha duas escolhas: a primeira, ater-se à tradição passadista; a segunda, ser livre e poder criar uma forma expressiva mais adequada ao ambiente moderno que vivenciavam. Clóvis Barbosa utiliza a figura de Myriam Moraes porque, para ele, ela era

A única expressão de poesia local que pode ser levada a sério. Não faz a poesia brasileira, cheia de vivacidades modernistas, como a paraense Eneida e a cearense Rachel de Queiroz. Através das suas emoções, ninguém bebe os refrescos sentimentais, de saborosa bobice lírica, como os versos da rio-grandense Palmyra Wanderley. Nunca fez um soneto, mas é doidinha pela eloquência. Ainda não descobriu o mundo exterior. Sua arte nunca passou pela Amazônia do seu pai... (BARBOSA, 1931n).

Essa luminosa guria é subjetiva. O subsídio emocional vem do seu “desassossego íntimo”. Os sentidos, mordidos pelo sol tropical. Das convulsões do subconsciente traduz a intenção sincera, moral, da sua poesia. “O artista máximo deve ser o próprio assunto da sua arte” [Graça Aranha]. (BARBOSA, 1931n)

Nesse sentido, Myriam Moraes tornava-se para Clóvis Barbosa um exemplo de ideal de intelectual porque conseguia mesclar elementos originários de uma tradição passadista com elementos oriundos de uma estética modernista, afastando-se de um lirismo derramado. Clóvis Barbosa propunha um ecletismo como saída viável para o artista então confinado pela tradição. Para o jornalista, o objetivo não seria negar a estética tradicional, mas apresentar a ideologia modernista como uma possibilidade de expressão da realidade em suas peculiaridades, pretendendo, em primeiro lugar, mostrar a vida do homem amazônico não somente em sua canoa na floresta, mas a sua astúcia nos bares, salões, ruas, casas e, em segundo lugar, a “vida de artista” no mundo moderno frente às diversas possibilidades de criação, desenvolvimento e aprimoramento na arte da representação do mundo.

³⁷ PAIVA, 2013

Em *Festa da brasilidade*, conferência realizada no Teatro da Paz em Belém em fevereiro de 1930, Clóvis Barbosa (1931i) apresentou sua perspectiva sobre o sentido de brasilidade, denominada por Djard de Mendonça (1975) como *amazonidade*. A brasilidade seria para Clóvis Barbosa a linguagem ideal para o uso dos intelectuais amazonenses. Seu entendimento está vinculado aos ideais de nacionalismo de José Américo de Almeida e às teorias de Graça Aranha. Segundo Clóvis Barbosa, a brasilidade como corrente estética configura-se na exposição das realidades brasileiras tais como de fato são. A brasilidade deveria apresentar as peculiaridades humanas em seu próprio habitat, não como um personagem indefeso, mas o homem e sua cultura a desvelar a alma brasileira. Ao realizar tal missão, a brasilidade revelaria por completo a sua originalidade. Segundo Clóvis Barbosa,

Brasilidade é nacionalismo. Brasilidade é a inteligência do patriotismo.
 Brasilidade é o ritmo duma realidade nova do fenômeno nacional. Brasilidade é a representação artística das vozes da natureza, integralmente transfundidas na alma brasileira.
 Brasilidade é a convergência das vibrações da nacionalidade desde o período colonial, dos primeiros voos de ‘americanismo’, até o delírio sentimental da ‘antropofagia’ (Barbosa, 1931i).

Esse brasilismo (a referência é ao ‘pau-brasil’) de Afrânio Peixoto – “com a frase curta, o verbo desamparado de sujeito e complemento, o pronome íncito começando arrogantemente o período, o solecismo arvorado como bandeira anti-clássica de independência”, esse não tem uma finalidade séria. Está errado.
 Estou com José Américo de Almeida. “Eu só acredito no nacionalismo que se abraça com o matuto para querer-lhe bem e apalpar-lhe a alma (que também é alma nacional) e se debruça sobre a terra para tomar-lhe o cheiro”.
 Mas há uma gente inocente embebedando-se no sabor da beleza bárbara da literatura regional. Daí essa falta de integridade nos movimentos renovadores de cultura que se exercitam a procura do ritmo da consciência do Brasil.
 Brasilidade não é a embromação das retroativas ladainhas sentimentais do patriotismo sem patriotismo. Tem que ser uma compreensão da psicologia coletiva, animada pelo meio físico, mas com a energia braba da sensibilidade brasileira. Sem o círculo vicioso da monotonia ou do isolamento. Com a diretriz saudável dos motivos de arte geradores das nacionalidades. Uma arte humanizada. Mas humanizada com o consciente que vem do subconsciente das leis da evolução do gênio da raça.
 Eu quero uma brasilidade que sinta, realmente, a alma das coisas. E apreenda toda a natureza como arte, tal qual na teoria de Graça Aranha. (BARBOSA, 1931i)

Verificamos, dessa forma, três fundamentos da brasilidade. O primeiro é o nacionalismo a incorporar a representação cultural dos diferentes grupos regionais do país, produzindo uma arte que aponte para as singularidades da sociedade brasileira e sua interação com o ambiente, moldando uma estética original porque representativa daquele mundo singular surgido da convergência entre o colonialismo, a estética clássica e a antropofagia propagada pelo modernismo. O segundo é a originalidade estética, onde a escrita não traduz uma reorganização da sintaxe, mas a exposição das linguagens/vocábulos dos personagens tal como são na vida real, ou seja, na alternância entre expressões regionais e estrangeiras. O

terceiro é a arte humanizada, onde o produto da arte é a representação dos conflitos que realmente ocorrem no cotidiano imbricados com o meio físico em que se desenrolam na intenção de capturar a alma das personagens com suas trajetórias e valores diversos, fundindo realidade e imaginação.

Na nota *A glória do violão*, Clóvis Barbosa relata que

O violão veio das noites sertanejas, inocentes de luar, numa vitoriosa exaltação lírica, à alegria civilizada dos salões. O seu despotismo sentimental iluminou o cassangue dos trovadores, a boemia das serenatas e prestigiou-se, refinando-se na alma harmoniosa da sociedade brasileira. (BARBOSA, 1931f)

Podemos compreender que sua intenção estava em ressaltar a importância de inserir elementos característicos de um círculo artístico então considerado “rebaixado” (menos legítimo, portanto) nas amostras de arte dos salões frequentados por artistas renomados. Essa inserção garantiria a exposição do folclore brasileiro e, assim, a possibilidade de intercâmbio entre os artistas, propiciando uma possível receptividade dos elementos populares da cultura brasileira na produção de uma “arte legitimada”. No entanto, podemos compreender que os artistas renomados, que poderiam dar maior visibilidade a tais elementos por conta de sua legitimação, ainda não entendiam que a beleza da arte não estava somente na simetria, no ritmo e na repetição de temas helênicos, mas também estava na apresentação do conflito e na capacidade da arte causar o desconforto. A arte, segundo Clóvis Barbosa, não precisava seguir uma única forma, pois fazia-se necessário mesclar diferentes elementos técnicos para representar a diversidade da cultura brasileira. Na utilização de diferentes técnicas e elementos populares, o literato deveria expor suas ideias sem sutilezas, sendo direto e não deixando para depois o que deveria ser dito naquele momento, economizando o trabalho de explicá-las.

Abguar Bastos (1931d), no artigo *Sentido real de brasilidade*, salienta a diferenciação entre a brasilidade e o próprio movimento modernista ao considerar o sentimento de brasilidade como um movimento intrinsecamente nacional, enquanto o movimento modernista, por ter sido importado segundo os modelos vanguardistas de Paris, trazia elementos que divergiam da realidade brasileira. Os modernistas, para Abguar Bastos:

Eram falsos, porque queriam meter o caráter nacional numa teoria universal.
Eram corruptores, porque queriam levar o Brasil ‘do que é para o que há de ser, em vez de levá-lo do que foi para o que possa ser’. Queriam trazer o progresso para o Brasil em vez de levarem o Brasil para o progresso. Queriam a máquina em vez do homem.

Isto é, queriam o nacional integrado na evolução sem prepará-lo convenientemente.
O grupo de brasilidade era o que propunha o Brasil purinho. Brasil-gente-de-casa. Dono das suas virtudes e das suas coisas. Sem teorias de ninguém.

Era o que não “subia”. “Descia”, para voltar novamente. (BASTOS, 1931d)

O objetivo da brasilidade, ou neo-brasilidade, segundo Bastos (1931d), seria desenvolver um conhecimento sobre as necessidades reais do povo brasileiro na apresentação do homem natural envolvido em suas tradições étnicas, construindo, dessa forma, o progresso do país e não impondo um modelo pré-fabricado tal como na produção cultural do Brasil colonial. Quatro parâmetros foram destacados pelo autor para a neo-brasilidade poder seguir adiante em seus propósitos. O primeiro: levar o Brasil ao progresso a partir de suas necessidades; segundo: apresentar o homem natural sem as catequeses jesuíticas e coloniais; terceiro: divulgar o "real objetivo como ambiente e o real subjetivo do meio, como personagem" (BASTOS, 1931d) e, quarto: utilizar a locução popular na construção do texto para apresentar a síntese da vida sem as retóricas passadistas, construindo, dessa forma, uma gramática própria do Brasil, representativa de sua realidade.

A divergência quanto ao entendimento do conceito de brasilidade entre Clóvis Barbosa e Abguar Bastos referia-se à preparação da palavra. Enquanto Abguar Bastos rejeita o uso de uma “língua emprestada”, Clóvis Barbosa permite o uso de vocábulos estrangeiros conectados aos vocábulos populares, pois entende que esta conexão representa a identidade do homem brasileiro daquele presente. Verificamos que Abguar Bastos compreendia que “a determinação fonética de um objeto ou de um sentimento é quase sempre involuntária. É um sopro de emergência sobre a expressão” (BASTOS, 1931d). Assim, podemos dizer que Clóvis Barbosa, apesar de fazer uso de vocábulos estrangeiros, não negava a ideia de “estilização do nacionalismo” que Abguar Bastos defendia.

Ambos os autores compreendiam que a representação da realidade brasileira, especificamente do norte brasileiro, deveria evidenciar a união entre visões de mundo tradicionais produzidas pelas populações nativas do Brasil e visões de mundo trazidas pelos colonizadores europeus e pelos comerciantes norte-americanos. Enquanto Clóvis Barbosa apresentava a ação do homem amazonense como resultado da reflexão dos valores nativos e estrangeiros que, por sua vez, geravam novas visões de mundo, formando, assim, concomitantemente, o mundo moderno. E, Abguar Bastos procurava evidenciar o lugar de cada um no contexto social, como podemos perceber no conto *A sucuri que tinha cabeça de ouro* e no poema *Uiara*.

Em *A sucuri que tinha cabeça de ouro*, Abguar Bastos (1931c) relata a história de dois amigos viajantes, ambos crentes da existência de ouro em abundância na terra dos índios Pacajás. Jão, representante do homem da região, procura o ouro conforme a lenda da sucuri

com cabeça de ouro. Sabino, um estranho no mundo amazônico, utiliza a lenda como pista para *El dourado*. Sabino encontra a praia com ouro e vê-se em meio a caravelas e escravos. Jão, já doente e com alucinações, degola-o, confundindo-o com a sucuri tão almejada por ele – podemos dizer que esta ação representa uma tentativa do caboclo em proteger suas riquezas e valores. Jão percebe em sua alucinação que a sucuri transforma-se na paisagem, fundindo-se o mundo real com o imaginário. Imaginário este que, por sua vez, é produto das vivências dos homens da região. Ao final do conto, abre-se a possibilidade de uma nova história. O paralelo entre imaginário e realidade constrói um mundo vivenciado pelos personagens, viabilizando o enlace entre a vida cotidiana e os valores tradicionais que permeiam o homem do norte do Brasil e o uso do conhecimento desse homem para a exploração da região.

Em *Uiara*, Abguar Bastos (1931e) ressalta a origem da beleza da mulher amazônica como oriunda da lenda da “Mãe das Águas” – Uiara. Ela abranda o calor do meio dia e protege o segredo das Amazonas ao esconder em si mesma o tesouro mítico da região, *El dourado*. Esse modo de fabulação proposta pelo autor indica a subordinação da realidade aos conhecimentos tradicionais e a valorização da cultura brasileira como meio de diagnóstico da realidade amazônica.

A relação entre Abguar Bastos e Clóvis Barbosa estava assentada, pode-se dizer, no incentivo mútuo para a construção de uma linguagem diferenciada para os artistas do norte do Brasil. Em carta intitulada *Ritmos do coração* e destinada a Clóvis Barbosa, Abguar Bastos relata que:

No afã do vai e vem, muitas vezes, encontramos um homem que nos abraça. Bom dia. Fica sendo nosso amigo, porque nos abraçou em cima da linha, sem receio de cair violentamente ao chão. (BASTOS, 1931b)

Podemos perceber que havia certa rejeição no âmbito do campo intelectual local aos ideais de linguagem tais como expressos pelos princípios de “brasilidade”. No entanto, a militância desses intelectuais não deixou de causar abalos nesse ambiente intelectual do norte brasileiro.

Assim como os outros, nós. As horas não desgastam a lealdade dum amplexo, que chegou a sacudir as flautas rústicas dos pastores do som. Daí, alegrar-me comovidamente com a vitória, que você vai alcançando, contra todas as notas dos descontentes. Alcança-a pelo talento vivo, sadio e bom. Não fica vencido. Levanta-se e brinda o Sol, todas as manhãs, porque a luz é perene caminho das ideias afortunadas. REDEMPÇÃO está no ponto ascensional. Bonita. Pelo seu novo sucesso literário, pelo seu coração rebelde, mas sincero, vão estas linhas de saudade amiga, do – Abguar Bastos. (BASTOS, 1931b)

A revista *Redempção* é, portanto, um marco na cultura amazonense, pois configura um elemento de inserção da voz amazônica na formação da noção de cultura brasileira. Abguar

Bastos (1931a) no editorial *Projeção de heroísmo e talento*, em referência à revista *equador*, relata que

‘equador’, tendo um fim absolutamente moderno, transformou-se numa representação mista de valores regionais, sem mais a sua verdadeira intenção. Fê-lo forçado pelo ambiente essencialmente provincial, subjetivismo claudicante e retórico, sentimentalismo pessoal, coma desvairada humanização das ideias: caráter enfermiço de gerações estacionadas pra lá da Idade Média: mitológicos seiscentistas e mágicos pregadores de universalismo inútil.

Contudo, o prefácio de Clóvis salva a situação. Explica. Expõe. Mostra que a mocidade sobrenada aos pélagos parnasianos ou românticos. Reage. Convence. E conclui: ‘participaremos da visão alada dos mistérios do Paraíso Verde e mais da sabedoria perseverante e simples do homem nortista, sempre amansando a natureza’. (BASTOS, 1931a)

Considerando que a revista *equador* foi um dos periódicos organizados por Clóvis Barbosa, tal qual a revista *Redempção*, podemos, por analogia, compreender que, apesar de Clóvis Barbosa ser um rebelde contra o passadismo, o editor Clóvis Barbosa teve que ceder ao uso da linguagem passadista em seu ofício de organizar os diferentes periódicos sob sua responsabilidade, e tal fato se deu porque o meio intelectual amazônico ainda vivenciava um período de transição entre “tempos passados” e “tempos modernos”. Por conta disso, não foi possível deixar de convidar autores passadistas na medida em que suas contribuições confeririam aos periódicos uma legitimidade maior junto ao público leitor e, portanto, maior divulgação da ideologia da brasilidade produzida pelos adeptos do modernismo que “sobrenada aos pélagos parnasianos ou românticos” (BASTOS, 1931a). Clóvis Barbosa entendia que aproximar no âmbito de um periódico autores de linguagem passadista e outros atrelados a uma linguagem moderna poderia inserir no ambiente intelectual local, sorrateiramente, os ideais modernistas. Esse intercâmbio possibilitaria a realização de uma “mentalidade social e física absolutamente brasileira” (BASTOS, 1931a). Essa estratégia de aproximação consagraria a brasilidade e seus porta-vozes, mesmo que, a princípio, alguns autores estivessem inconscientes de que realizavam seus trabalhos sob ideais modernistas.

Em contrapartida ao perfil de intelectual tal como delineados em Abguar Bastos e Clóvis Barbosa quando definiram os princípios da produção artística a partir da brasilidade, defronta-se o perfil gerado pelos intelectuais adeptos de uma estética tradicional. Conforme Álvaro Maia (1925) na crônica *Uma ressurreição da helade*, quando homenageia Aldeída Durand, filha de Coriolano Durand, membro da Academia Amazonense de Letras e esposa de Benjamin Ferreira, contador da Inspeção das Águas, a inspiração helenística seria a característica fundamental para a produção artística de 1930, estabelecendo, dessa forma, uma crítica ao modernismo.

Assegurava eu que me sentia arrastado pelo mais justo entusiasmo à forma impressionante por que Aldeída Durand dissera os versos sonoros de Flexa Ribeiro, dedicados à grande artista Isadora Duncan, que vai ressurgindo, neste século de guerras e vertigens, prestigiada pela eternidade da beleza e pelas fulgurações do movimento, os tempos áureos da Grécia heroica...

Flexa Ribeiro pretende demonstrar, em sua encantadora poesia, a transparência das danças gregas, superior às outras pela cadência, pela harmonia empolgadora dos movimentos, que dão sempre uma lúcida percepção de encanto, numa fina volúpia quase imperceptível, quase invisível, diferentes das que o gosto moderno introduziu nos salões, revelando uma inficionadora licenciosidade. Coube a Isadora Duncan a ingente luta de eternizar aquelas atitudes divinas, numa torturada ânsia de helenismo para os nossos dias. (MAIA,1925)

A arte helênica apresenta, segundo o autor, cadência, forma e valorização da estética, ao contrário da arte moderna que repelia essa tradição formal e melodiosa. O autor compreende, conforme podemos observar em *A buzina*, que o elemento estrangeiro na composição da arte brasileira não a agredia, pelo contrário, lhe acrescentava vitalidade (MAIA, 1926). Divergente de Álvaro Maia, no entanto, estava Benjamin Lima (1925) que, em nota da seção *A feira do livro* do jornal *O Paiz*, transcrita para a revista *Redenção*, faz referência à crítica literária de João Leda em *A Ortografia de Ruy Barbosa*. João Leda relata o incômodo dos intelectuais de uma linha tradicional pela simplificação ortográfica feita por Ruy Barbosa de algumas palavras quando reeditou suas obras, motivado, segundo João Leda (1925), pela

Mutação das ideias, pela precisão inflexível de transgredir com os princípios vitoriosos, com os novos modos de ser da sociedade, com a modernidade das teorias que, nos países de sã cultura, não se podem quedar em hirteza neste século de focalização dos máximos problemas sociais. (LEDA,1925)

Assim, Benjamin Lima na nota transcrita para a revista *Redenção* mostra sua admiração por João Leda quando se posiciona em favor de uma regularização do vocabulário brasileiro, visto que os intelectuais com frequência utilizavam elementos estrangeiros na produção literária. João Leda afirmava que os artistas brasileiros tendiam a incorporar expressões estrangeiras para dar mais sonoridade e sofisticação aos trabalhos, possibilitando sua consagração. Contudo, alertava-os que a legitimidade dos seus trabalhos estaria em penetrar e utilizar os artifícios da linguagem brasileira, tal como Ruy Barbosa na reformulação da ortografia. Assegurava João Leda, por outro lado, não haver necessidade de preocupação entre os seus pares, pois o uso de elementos estrangeiros não abateria a língua nacional.

Na crítica ao movimento modernista brasileiro, Coriolano Durand (1927), no conto *O Carriça*, onde é apresentada a história de um dono de pequena embarcação que se embebeda e é levado a óbito por ter sido confundido com uma pessoa morta, representa, de um lado, o estado de apatia social frente aos acontecimentos políticos do Estado e, de outro, um alerta

aos artistas que passavam a se familiarizar com as novas tendências de produção da arte onde pensavam estar buscando uma real linguagem nacional. Mas, inversamente, estavam ora se distanciando da ordem estética como reflexo ideal da realidade brasileira, ora repetindo os movimentos de vanguarda estrangeiros, o que não condizia com o princípio de nacionalidade que pretendiam para as suas produções.

Na análise da novela *Zacheu Snuk: episódio trágico em um ato, em verso*, é possível identificar a própria trajetória de Coriolano Durand (1924). Há na novela quatro personagens que se encontram em um café. Os personagens são Zacheu Snuk, Renato, o caixeiro e o ébrio. A novela se passa em um café, pela manhã. Estava sentado em uma das mesas, Zacheu Snuk embriagado e a espera de mais uma dose. Em pé, e no desempenho de suas funções, estava o caixeiro pronto a servir mais uma dose. Zacheu Snuk espera sempre sua dose puríssima e não admite seu copo vazio. A certa altura entra em cena Renato. O caixeiro pergunta a Renato se deseja o de sempre: leite, manteiga e pão. Ouve-se uma resposta afirmativa. Zacheu Snuk em indireta a Renato:

É bom, mas não fustiga os nervos de um poeta. Entope-lhe a barriga e só. Quanto à cabeça, é certa, frígideira, onde tempera e guisa um zero co'uma asneira. Toma do copo e levanta-o, como uma saudação. A inspiração cá está... Alma exul e sutil de um deus que viu a luz num arco de barril, divisando, através desse infinito de aço, o nada, o vácuo azul d'outro infinito – o espaço... (DURAND, 1924)

Logo adiante entra em cena o ébrio. Homem simples, cumprimenta Zacheu Snuk em um ato de identificação. Zacheu Snuk fica indignado com a comparação e tenta afastá-lo. O ébrio, que compreende uma igualdade entre si e Zacheu Snuk, tenta aproximar-se. Oferece pagar-lhe a próxima dose. Zacheu Snuk, em sua indignação, o agride primeiro verbalmente e depois tenta fisicamente, mas é impedido por Renato e pelo caixeiro.

Pode-se interpretar a pequena trama do conto como uma metáfora do debate entre arte moderna e classicismo. Caso consideremos o caixeiro como um personagem a representar a arte em si, na medida em que disponibiliza diferentes recursos para os artistas, o álcool – substância que propicia a evocação do próprio sentimento –, de um lado, e o leite, o pão e a manteiga – como referências cotidianas de uma prática rotineira, de outro, convertem-se nas duas opções presentes naquele ambiente. Zacheu, por sua vez, encarna a figura do poeta clássico preocupado com a preservação da forma da escrita. Por meio de Zacheu Snuk, Coriolano Durand ressalta que a beleza e a feiura se complementam quando a pureza é preservada. Mas quando o artista, agindo conforme a mudança do mundo, desregula esses critérios, seu trabalho deve ser desvalorizado na medida em que tende a criar outros tipos de

regras, algo que deveria ser controlado/eliminado tal como um vício. Renato, por sua vez, representa outro tipo de poeta que conhece o álcool, mas prefere algo mais substancial. Zacheu Snuk critica Renato, pois o alimento por ele consumido não proporciona o mesmo tipo de exercício mental como o seu. Entende que somente ele pode alcançar a beleza imortal. Um personagem peculiar, no entanto, é o Ébrio que se mostra disposto a pagar a bebida que consumiu. Por conta dessa sua atitude, podemos inferir que ele encarna na trama e de maneira alegórica, o próprio leitor. Esse leitor mostra grande simpatia por Zacheu. No entanto, Zacheu Snuk consome para descrever a intensidade do sentimento em busca do sentido e da beleza; já o Ébrio, por seu turno, por não ter um conhecimento prévio, vive por viver, sem a capacidade de comparar-se ao poeta Zacheu. O poeta mostra-se irritado com a sua comparação a um homem comum e reage ao insulto. Coriolano Durand, membro da Academia Amazonense de Letras, ao mesmo tempo em que admoesta o poeta que não procura a essência humana, revela ao leitor a imagem tradicional do poeta como um intelectual capaz de experimentar, com certo distanciamento, os sentimentos humanos, e isso a ponto de elucidar sua substância. Coloca ainda o intelectual em um patamar acima dos outros homens, como se o artista/intelectual fosse perante os outros mais capaz quanto às possibilidades de discernimento e fruição de sentimentos mais elevados.

Tal como no conto de Coriolano Durand (1925a) *O morto que riu*, o intelectual deveria privilegiar a linguagem ligada à tradição luso-europeia, apropriando-se de técnicas para representar a realidade amazônica e utilizando, por exemplo, o jogo de enigmas característico dos romances de mistério francês e inglês do século XIX. O conto *O morto que riu* foi dedicado a M. Gaston Leroux³⁸, ainda em vida. São cinco personagens que desenvolvem a trama: Antônio Furão, Pedro Sovina, Marcolina Boró, a velha Terência e os ratos. O primeiro enigma refere-se aos apelidos de Antônio e Pedro que, no decorrer do trecho, desvendam a motivação da tragédia. Eles são amigos e estivadores, moram em um cortiço e trabalham juntos. A tragédia começa quando Antônio Furão se apaixona por Marcolina Boró e esta lhe pede uma fantasia de carnaval. Ele, Antônio Furão, não tem dinheiro para comprar a tal fantasia e a única forma para consegui-la é trabalhar mais. Quando Pedro Sovina adoece, Antônio Furão percebe a oportunidade de substituí-lo na estiva. Começa então o segundo enigma: Antônio Furão deixa Pedro no cortiço, doente. Quando retorna, os moradores do cortiço estão em frente ao quarto. Pedro estava morto. Antônio mostra-se temeroso e confuso,

³⁸ Gaston Leroux foi jornalista, bacharel em direito e literato de obras de mistério que recebiam um ar de realismo, influenciado por Edgar Allan Poe e Victor Hugo que, podemos dizer, procuravam compreender quais os efeitos da modernidade sobre o homem.

mas zela pelo corpo. Os ratos, no entanto, foram testemunhas da tragédia e revelam o enigma. Os ratos comeram as pálpebras e os beijos do cadáver, dando a impressão a Antônio, por um breve momento, que Pedro ainda estava vivo. Mas desfazendo a dúvida acerca da morte de Pedro, Antônio confessa seu crime. Antônio, o Furão, perfurou a cabeça de Pedro, o Sovina. O recurso aos gêneros e às técnicas literárias provenientes de outras tradições intelectuais, tais como o jogo de enigma para representação da realidade, não agride os fundamentos da brasilidade, conforme Clóvis Barbosa.

Para a análise e o diagnóstico dos sentimentos humanos, Coriolano Durand (1926a) em seu conto *Sonho de criança, mágoa de velho*, dedicado a Álvaro Maia, discute a importância do encontro do escritor com suas emoções para a produção de uma “arte real”. A história é sobre o jovem Paulo, criado pela mãe já viúva, Sr.^a Claudel, que assume o papel masculino no gerenciamento do comércio de seu falecido marido. A educação familiar de Paulo Claudel, direcionada de maneira rígida para o desempenho de papéis masculinos, indica o seu encaminhamento para o mundo econômico ou político. A mãe esmera-se na criação e formação do filho a tal ponto de privá-lo dos desejos e brincadeiras infantis. Paulo, no entanto, em sua maturidade, havia se tornado um escritor que a França e mundo admiravam. A sua produção literária, apesar de carregada de sentimentalismo, não expressava sua vivência pessoal. Somente na velhice, quando ocorre uma reconciliação com a mãe, personagem a encarnar a própria estrutura social a formar o indivíduo em sua duplicidade de ente masculino/feminino (dinheiro/arte) é que o artista passa a realizar uma “arte realista”. A liberdade, para Coriolano Durand (1926a), é o elemento fundamental de uma arte pura, ou seja, além da estética, a experiência de vida converte-se em dado crucial para a transmissão de emoção na arte.

Nos textos de Raimundo Monteiro e Péricles Moraes que aparecem na revista *Redenção* é possível perceber que ambos os autores, ao privilegiarem um estilo literário passadista e tradicional, inclusive com referências ao legado helênico, tal como fez Raimundo Monteiro, por exemplo, nos poemas *As horas lentas* e *Elegia Pagã*, demonstram o distanciamento então existente da proposta inovadora de Clóvis Barbosa ao aderir aos princípios do modernismo (MONTEIRO, R., 1924, 1925a).

O crítico literário Péricles Moraes foi o maior defensor de uma tradição literária no âmbito do campo intelectual manauara ainda em formação. Na nota de falecimento reproduzida pela revista *Redenção*, Péricles Moraes (1925b) homenageou a pianista e

intérprete Maria Sylvia Jardim Silva d'Oliveira³⁹, esposa do também musicista e professor Mauro Oliveira. Ele destacou a inspiração propiciada pela homenageada e expôs o modo pelo qual a pianista interpretava com emoção, algo que só os “grandes mestres da arte sagrada” eram capazes de fazer. Péricles Moraes relata:

[...] Devo ao luminoso talento de D. Maria Sylvia Jardim de Oliveira não pequenas emoções artísticas na minha vida de melômano impenitente. Foi no Conservatório de sua proficiente direção que experimentei, talvez o melhor do que em muitas salas de concerto, a intensidade do fluido musical na vertigem de suas fascinações. Essa pianista insigne, como poucas, deu-me a sentir o colorido expressivo do ritmo, os requintes da harmonia, os avatares do sentimento melódico, a dolência comovida, a cismativa dolência da alma dos artistas, comunicando às partituras o enlevo e a febre inspiradora que lhe cadenciaram as formidáveis tragédias musicais. Todos os grandes mestres da arte sagrada têm nessa extraordinária virtuosidade um intérprete admirável. Através de sua vibração e de sua sensibilidade, vibração que é um tumulto e sensibilidade que é uma emoção delicada a reproduzir-se indefinidamente, estão refletidas todas as cambiantes da alma humana que essa “magicienne” do piano sabe projetar como ninguém, tal o seu poder de expressão e de técnica. Traduzam essas palavras a minha homenagem a esse formoso casal de artistas – O professor Mauro de Oliveira, da nobre estirpe dos grandes musicistas, e a senhora Mauro, a minha grande conterrânea, que tanto honra o nome e as tradições da gleba natal.
Manaus, 10 de Dezembro de 1923. (MORAES, P. 1925b)

Da perspectiva artística de Péricles Moraes, portanto, pode-se fazer um paralelo entre a sua concepção estética e a interpretação da pianista. Péricles Moraes aponta cinco aspectos essenciais para a elaboração de uma “arte verdadeira”: ritmo, harmonia, comunicação, vibração e sensibilidade. Esses aspectos podem ser dispostos em dois campos que atuam de maneira sinérgica: expressão e técnica. No campo da expressão estão o ritmo, a vibração e a sensibilidade, que podem ser relacionados com a percepção do leitor quanto à intensidade da emoção do artista transmitida pela disposição das palavras por meio da fonética ora branda, ora intensa. No campo da técnica estão a harmonia e a comunicação, que podem ser relacionados com o estilo do texto no que diz respeito ao uso “requintado” tanto da grafia quanto das palavras; isso no sentido de uma linguagem rebuscada que comunicasse o belo e a tragédia tal como preservados pelas posições ainda hegemônicas do campo literário nos centros culturais mais dinâmicos do país.

No artigo *Coelho Netto* de crítica literária, ao analisar as carreiras e obras de Aluizio de Azevedo⁴⁰, do próprio Coelho Netto e de Euclides da Cunha, Péricles Moraes (1925a) pontua três fundamentos sobre a carreira do artista ideal.

³⁹ A nota de falecimento foi transcrita do livro de visitas do Externato Musical Joaquim Franco, dirigido por Maria Sylvia Jardim de Oliveira.

⁴⁰ Aluizio Azevedo foi o mestre de Coelho Netto e o orientou na sua carreira de artista.

O artista segue-lhe a vida, examinando-lhe as transições e os reveses. Mas não lhe basta, como colorido, esse claro-escuro vago do destino. Impulsado pela nevrose dos insaciados da forma e da perfeição, retoca-lhe as arestas ásperas, coligindo, como se redigisse um memorial, os profundos traumatismos do organismo moral sob a influência de crises desapoderadas. Assim o homem, na magnificência do retrato. O escritor, o romancista, completam-lhe a pincelada insigne. Emergem da pintura com as suas aptidões singulares e uma rara energia individual exercida com a experiência de vocações e tendências instáveis, mal aparelhadas para as vicissitudes da contingência. A luta pela vida, ardente e desenfreada, opera-se em movimentos contínuos, tangidos por uma força motriz, que é, na circunstância, para o seu espírito, reagente e derivativo: o talento. (MORAES, P. 1925a)

O artista, sobretudo, deve ter talento. Talento, para Péricles Moraes (1925a), é a característica principal para produção da arte que, por sua vez, é compreendida como o produto de uma habilidade espiritual de representação do mundo real. Essa representação, contudo, deve ser resultado de uma sensibilidade individual presente em um pequeno e exclusivo número de pessoas. O segundo é o conhecimento estético, onde o artista tem por objetivo a perfeição. Perfeição construída através do conhecimento pleno da história estética a fim de estar teoricamente munido dos recursos da língua, pois, mesmo a língua brasileira, segundo Péricles Moraes, deve ser capaz de levar ao requinte e à beleza do texto. O terceiro é a sensibilidade social, onde o valor da arte estaria em agregar o requinte da língua a uma reflexão sobre o estado moral da sociedade, o que, de certa forma, podemos associar à brasilidade de Clóvis Barbosa. O artista deveria comunicar através da arte a realidade em si. Péricles Moraes compreendia que o papel do artista estava em semear e fecundar o campo da arte com a beleza, contemplando o mundo em suas vicissitudes a partir do acúmulo teórico e da reflexão, instrumentos ideais para o desenvolvimento da arte no Brasil. Fernando de Azevedo tornou-se para Péricles Moraes (1925c) o reflexo do intelectual capaz de contemplar o mundo em suas vicissitudes, pois ele possuía características fundamentais, tal como pudemos perceber no artigo de crítica literária *Um artista clássico: Fernando de Azevedo*.

Tal é a impressão que nos empolga à sua leitura. Depois, ao contato de sua curiosidade, de sua ânsia de conhecer e divulgar, de suas faculdades de análise e de observação, de sua técnica reconstrutiva, depara-se-nos o historiador, os largos horizontes de seu descortino ao serviço do artista, intimamente colaborando nas suas ideias e trajetórias. Também o moralista, conjuntamente o psicólogo dos sentimentos, simultaneamente o crítico, aí se alternam, prolongando-se e completando-se num esforço prodigioso. (MORAES, P. 1925c)

Fernando de Azevedo, segundo Péricles Moraes (1925c), era ao mesmo tempo historiador, moralista, psicólogo dos sentimentos e crítico, numa sintonia entre estética e ciência. Assim procedendo, o intelectual assumiria o papel de relatar como o indivíduo reagia aos acontecimentos, de que forma o poder se expunha e, à medida que relatasse os acontecimentos, procuraria analisar os fatores da ação social, tais como religião, instituições, as artes e a filosofia a partir de uma linguagem sóbria e eloquente.

Portanto, conforme Péricles Moraes (1925a), como o Brasil não garantia aos “homens de letras” uma carreira artística e literária autônoma e livre, sendo o talento, a princípio, a única força motriz capaz de dotar o artista/literato de certo fôlego para uma sobrevivência material sempre precária. O escritor via-se obrigado a comercializar a sua produção artística e literária em periódicos, tornando-se um “operário da arte” e, como tal, transformando-se em uma peça da engrenagem própria do mundo moderno de mecanização do trabalho intelectual, afastando-se, de certa forma, da antiga e tradicional concepção do artista/literato como um observador “desenraizado socialmente” da realidade.

O debate sobre o perfil do intelectual na revista *Redenção* constrói-se, como pudemos perceber, a partir da reflexão sobre a possibilidade de constituição de uma linguagem nacional. De um lado estariam aqueles defensores de um estilo literário tradicional e passadista, ainda muito afetados pelos galicismos típicos da influência francesa na intelectualidade nacional, e, de outro, se posicionariam aqueles adeptos de uma linguagem inspirada em um vocabulário oriundo da cultura popular, apresentando uma crítica ao fazer literário tradicional e fornecendo, ao mesmo tempo, uma nova temática para a representação da beleza e dos acontecimentos sociais. No âmbito do modernismo, o foco dessa representação deveria ser o próprio homem nacional/regional; já na seara tradicionalista, o ambiente no qual o homem encontrava-se inserido é que ganhou mais destaque. Podemos afirmar, dessa forma, que Clóvis Barbosa, ao colocar-se em defesa da brasilidade, compreendeu que o ambiente intelectual, apesar das divergências entre o uso de uma estética mais tradicional e o uso de uma estética modernista, era propício para buscar uma convergência entre as duas posturas.

No conto *Carnaval do homem-mulher*, então escrito especialmente para Benjamin Lima, Clóvis Barbosa (1931h) apresenta as condições da efetivação do modernismo no campo intelectual amazonense, pontuando o vínculo, consciente ou inconsciente, entre os intelectuais catequizados em uma estética parnasiana e os ideais modernistas. Possivelmente a intenção de Clóvis Barbosa, não somente em relação a Benjamin Lima, mas em relação a outros intelectuais, foi de destacar que, apesar do ainda não reconhecimento da estética modernista como modo de expressão artística adequada por parte dos autores locais, já se podia perceber a presença de alguns literatos e intelectuais adeptos aos ideais modernistas.

O contexto e ambiência do conto *Carnaval do homem-mulher* é, evidentemente, a própria festa carnavalesca, mas como uma alegoria a representar o momento político-social enfrentado pela sociedade amazonense em torno da Revolução de 1930. Naquele momento

havia a necessidade de um posicionamento por parte dos intelectuais no sentido de proporcionar à sociedade um diagnóstico do seu estado psicológico e material. Neste conto encontramos quatro personagens. O pai, também chamado de patrão, pode ser interpretado como uma figuração dos intelectuais atrelados à visão passadista em termos literários. Serafim do Espírito-Santo, por sua vez, representa aqueles autores adeptos do modernismo e, como podemos perceber por conta de suas adjetivações e certo maniqueísmo, Clóvis Barbosa tende a figurá-lo como um representante do bem. Susana Suspiro pode ser relacionada a um pequeno cenáculo de intelectuais que compartilhavam dos ideais modernistas. E, finalmente, Gracinha, uma figuração a representar aquele intelectual vinculado a uma tradição estética consolidada que, em determinado momento, inspira-se nos ideais modernistas. Mas, ao mesmo tempo, apresenta certo receio dessa aproximação por conta de uma possível perda de uma posição mais legítima no âmbito do campo intelectual. O trecho do conto relata que,

A paisagem desta história é Susana, uma café-com-leite da **fuzarca**. Um cartaz permanente do carnaval. Seu corpo é um jazz de músculos rijos, tinindo flexuosamente. Anda sempre maxixando trejeitos melosos aos olhares beliscadores do patrão, do caixeiro da venda e do soldado **patriota**, que tem os sentidos claros para a sua brasilidade. Mas a diaba é arisca. Abstêmia... Desabafa-se apenas para o esplendor desbragado dos trópicos, que cozinham, muito cedo, sua puberdade (BARBOSA, 1931h) [grifos do autor].

O elemento de movimentação do trecho do conto é Susana Suspiro. Susana é como uma projeção da própria atividade intelectual desempenhada por Clóvis Barbosa fortemente marcada por uma crítica à administração política que prejudicava a população. Uma necessária exposição da vida cultural moderna inevitavelmente vinha junto. Não sendo integrante do polo dominante de um ainda incipiente campo intelectual local, retinha a atenção de leitores ora preocupando-os com o discurso denunciador, ora transformando visões de mundo.

Até gente de circo pensava que Susana estivesse enrabichada pelo Serafim. O patrão, um viúvo gaiteiro, mas respeitador do lar, quando lhe sopraram isso nos ouvidos teve uma atitude de pai. Preveniu a mulata que Serafim não era homem... pra ela (BARBOSA, 1931h).

O alerta por parte do pai de Gracinha acerca da proximidade entre Susana e Serafim pode ser interpretado no trecho do conto como a preocupação por parte dos adeptos de uma literatura passadista em assegurar a tradição estética e temática, além de ser uma ação preventiva.

Na hora da estripulia Serafim do Espírito-Santo fazia o bonito. No campo de futebol garantia a vitória do seu time. Era um caboclo fornido, reverencioso com uma cara masculiníssima. Dentro dessa trincheira muscular a viola tirava o mel dos dengues mais ambíguos. A viola, o carnaval...
Serafim frequentava, às escondidas, a casa colonial de maior tradição na cidade.

Serafim tapearia o velho com uma fantasia qualquer. Serafim assanhou-se em uma ansiedade louca. Erguia-se todo para a magia do ensejo desconhecido. Convidado numa festa de gente decente. Iria vestido de mulher. Estava treinado. Era assim que ele triunfava sempre, na gandaia de 2\$000 a entrada, nos subúrbios. Suspiro cedera-lhe uma saia vermelha. Quando conseguiu intrometer-se na folia familiar no casarão colonial, já o jazz havia rasgado suas paredes pesadas com os bestialógicos sonoramente enganiçados (BARBOSA, 1931h).

Naquele momento histórico do Brasil, e especificamente do Amazonas, Clóvis Barbosa compreendia que a estética modernista seria um instrumento eficaz para a percepção das transformações culturais ocasionadas pela modernidade. No conto, é possível identificar tal proposição no que diz respeito à conquista de Gracinha.

As propriedades de Gracinha mereciam a galantaria assídua dos poetas, dos médicos, dos advogados solteiros da cidade. As propriedades ou sua cabecinha embaraçada de vontades esquisitas. Mas a garota da baratinha maluca não gostava de madrigais pernósticos, nem de costeletas de paletós cintados, nem de imbecis com rótulos pomposos. Sua alma estava embalsamada pelos nervos retesos do atleta, que enchia a maré das suas emoções vertiginosas. Ficava louquinha de prazer quando o Serafim metia um gol ou amassava o árbitro que apitava contra suas faltas. Esses episódios coloriam-lhe melhor a sensibilidade do que as reticências amorosas, bolinadas no varão pelos arroubos das serenatas. (BARBOSA, 1931h)

Os ideais modernistas eram disseminados por meio de suas criações e da boa receptividade por parte da população. No entanto, os intelectuais que utilizavam os preceitos modernistas sofriam com a insegurança de uma ilegitimidade do ponto de vista da produção simbólica. Assim, a revista *Redenção* assumia, nesse sentido, o possível papel de consagração desses autores divergentes quanto aos padrões hegemônicos da arte e da literatura no âmbito regional. A estratégia de Clóvis Barbosa foi ousada. O trecho do conto salienta as maiores possibilidades de Gracinha, do ponto de vista de suas relações sociais, quando comparada com Susana.

Um desejo de Gracinha vinha sendo burlado. Ainda não se enroscara nos braços coincidentes de Serafim, pelos ritmos felinos do **foxtrot**, do **ragtime**. Ela frequentava uma sociedade fina, que ele não podia, absolutamente, frequentar. Nem mesmo o Club, que lhe devia o título de campeão, lhe facilitava ingresso para suas festas. Mas o carnaval estava aí, com a alcovitice das suas comédias, para apadrinhar o desfecho desses pensamentos. Gracinha manobrou um assalto à casa colonial. Quase que o seu capricho sem freios quebrava a proa na vontade mole do pai. Também seria a primeira vez. (BARBOSA, 1931h) (grifos do autor)

A estratégia para agregar intelectuais vinculados à tradição literária com a vanguarda moderna residida em reclamar maior liberdade para a produção inovadora. Os temas, métodos e linguagens da brasilidade favoreciam a aproximação, bem como o ambiente político e social. No conto, Gracinha, no desempenho do seu papel como protagonista das transformações sociais, vivenciou o impasse entre firmar-se na sua posição social ou arriscar-se em novas experiências propiciadas pelo carnaval. No entanto, Clóvis Barbosa ressalta que, apesar de o modernismo ter sido semeado no campo intelectual amazonense, a despeito dos

representantes de uma literatura e arte passadistas, ainda fazia-se necessário um maior incremento das suas atividades.

A militância intelectual modernista no âmbito do campo intelectual manauara pretendia, em parte, gerar dentre seus pares a visualização da necessidade de representação do mundo moderno. Em *Black-bottom*, Clóvis Barbosa (1931m) tenta transfigurar o ambiente vivenciado pelos intelectuais amazonenses a partir da constatação de uma modernidade a impulsionar a transformação de temáticas e linguagens. O *jazz*, para Clóvis Barbosa, foi uma maneira de insinuar, de alguma forma, a presença da modernidade na sociedade amazonense, tal como apresentado nos contos *Carnaval do homem-mulher* e *Black-bottom*⁴¹.

O conto *Black-bottom* retrata o namoro entre Ajuricaba e Dondozinha. Podemos dizer que o personagem Ajuricaba é a própria figuração do poeta tradicional filiado ao parnasianismo com a sua visão lírica acerca do mundo. No entanto, ele será impelido pela modernidade a entender e presenciar a realidade em seu *frenesi*, apresentando a cultura em todas as suas variantes e interlocuções com o “outro” externo – o estrangeiro – e o “outro” interno – o nativo. Ajuricaba tinha planejado um jantar com Dondozinha e estava ansioso para encontrá-la. Para ele, tudo estava dando errado. Esqueceu os bombons, perdeu o bonde e teve que ir a pé. E ainda encontrou um camarada que entabulou uma conversa interminável. E, quando chegou na casa de D. Guilhermina...

Mas que alarme de luz, de música, de alegria na casa de D. Guilhermina?! Festa natalícia ele tinha certeza que não era. Que acontecimento celebravam?! Fosse qual fosse. Não o convidaram. Nem ao menos preveniram. Estava errado! Reagiria... É, reagiria! (O subconsciente não te farejas o hálito sadio duma surpresa boa! Não vês que aquele pessoal tem o segredo dos imprevistos inebriantes!)

Atônito.

Bloqueado a um canto da sala. A sala é uma promiscuidade de saracoteios nervosos. O jazz, espiritado, vozeia polifonias de estímulos imperativos.

Uma vazante na maré-cheia dos corruptos. Dondozinha acabara de dançar. E indiferente ao Ajuricaba conversava, muito íntima, com o cavalheiro com quem dançara (BARBOSA, 1931m).

Na casa de D. Guilhermina, a princípio, Ajuricaba se sentiu afrontado perante o ritmo do *black-bottom*. Ajuricaba tinha Dondozinha como uma espécie de musa lírica. Quando se deparou com os trejeitos de sua amada, a imagem anteriormente construída foi abalada seriamente. Viu sua alma destruída, digamos assim. O encantamento por Dondozinha, a

⁴¹ “Black-bottom” foi um estilo de dança, predominante nas décadas de 1920 e 1930, embaladas ao ritmo do *jazz*, onde o corpo agita-se freneticamente fazendo uso das articulações do corpo em movimento de sobe e desce de braços e pernas, rodopios, pulos, apresentando a elasticidade e mobilidade do corpo, além, muitas vezes, de um contato corporal entre homens e mulheres, agregando certa sensualidade ao movimento; avesso, portanto, ao moralismo da época. De origem afro-estadunidense, foi considerada por modernistas como Antônio Ferro um remédio de liberdade corporal (FILHO e SANTOS, 2011).

musa, havia minguado. A personalidade provinciana de Ajuricaba não se adequava a um mundo com outros costumes. Mas, ao mesmo tempo, vislumbrou as possibilidades que novos costumes poderiam oferecer em termos de rompimento com a tradição. A dona da casa, no entanto, fez com que Ajuricaba se retirasse, provavelmente para atiçar a sua curiosidade em relação ao que ocorria dentro. Como não poderia compreender os novos estilos encarnados no *black-bottom*, precisaria amadurecer para poder digeri-los. Precisaria querer e despertar o olhar para uma nova maneira de perceber o mundo em que vivia. Ajuricaba, ao sair da casa de D. Guilhermina, vivenciou um confronto mental.

D. Guilhermina chama o Ajuricaba. Oferece-lhe frios e guaraná. “Ele não devia tomar álcool”. Depois convida-o a retirar-se. Já era tarde. Ela não queria que a mãe dele se zangasse. “Eu também sou mãe e sei bem avaliar esses cuidados”.

O poeta resmungou, mas retirou-se.

O poeta saiu tropeçando animosidades mofinas. Um espinho na sua suscetibilidade fazia-lhe pensar coisas tão disparatadas que ele era o primeiro a se escandalizar. Sentia em tudo uma oposição galhofeira. Longe do bafo das essências misturadas com suor e poeira, tufou os pulmões. E viu na umidade pura do ar uma pilhéria. Não pôde conter-se. E permaneceu um tempão esgueirando da esquina a algazarra do jazz cavando fundo a tranquilidade das coisas...

Noite de insônia. Coração sangrando. Cabeça cheia de fogo. Uma crise de reações e desalentos em nevoeiro. Espiralando, espiralando energias decidiu agir prontamente em reprimenda a esses desatinos. Quanto antes! E um assomo firme monologava: - decido a parada... Ora, se decido! ...

Isso era um narcótico para o seu rancor inocente.

A vitrola do Ajuricaba roeu o sossego da vizinhança a noite inteira.

Amanheceu. Na rede das meiguices da alvorada ele afundou a carne viva dos seus nervos quebrantados. E a manhã empertigou-o na transparência duma iniciativa que era uma ilusão de força ativa, serena... (BARBOSA, 1931m).

Ajuricaba, olhando da rua mórbida, a casa de D. Guilhermina, com a “algazarra do jazz”, resolveu reagir. Ele estava ressentido por ter sido retirado da festa; queria contemplar mais. Então ligou sua vitrola e, por toda noite, o poeta experimentou aquela nova perspectiva literária. O impacto do poeta e sua reverência à loucura do *black-bottom* pode ser interpretado como a sua adesão ao moderno.

Clóvis Barbosa pretendia educar o poeta a sentir-se desamarrado do academicismo para aventurar-se na arte como representação das loucuras dos tempos modernos que o Brasil, e principalmente o Amazonas, já experimentava. Clóvis Barbosa pretendia proporcionar ao intelectual uma autonomia para a sua criação, utilizando uma linguagem originariamente brasileira na medida em que é resultado da representação de um ambiente cultural ainda em transição. Para Clóvis Barbosa, o intelectual amazonense deveria ter como objetivo representar o ambiente em transformação que vivenciava, independente das técnicas vinculadas a uma ou outra corrente estética. Na linguagem brasileira de Clóvis Barbosa, que intercrusa técnicas e vocábulos modernos e passadistas, digamos assim, encontramos a

utilização do gênero Escrich, tal como analisado por Péricles Moraes no artigo *Grandeza e decadência de Don Juan*. Segundo Péricles Moraes (1925d), a influência do gênero romanesco Escrich apresenta-se na obra de diversos autores, tais como João Grave e Coelho Neto. Tal denominação é uma referência direta a Enrique Pérez Escrich, romancista espanhol que viveu entre 1829-1897, especialista em novelas dramáticas, onde o bem e o mal não se misturavam e a beleza física estava atrelada à beleza moral. No entanto, o uso predominante era a descrição do mal. No Escrich, a linguagem é lisonjeira e os personagens se repetem em diversas obras, em diferentes histórias. O autor demonstra como o personagem de Fernandez y Gonçalvez, Don Juan Tenório, influenciou a literatura universal ao conferir à personagem três naturezas que ora interagem, ora se distanciavam: o conquistador/homem de ação, o artista/homem de gosto e o filósofo/pensador (VALDÉS, 1878). Na história da literatura universal, segundo Péricles Moraes (1925d), este personagem é utilizado para representar as diferentes faces do homem desde o sacrilégio, passando pelo sedutor ao amante enfeitado pela mulher. A caracterização desse estilo de romance denota uma apropriação da tradição estética dos oitocentistas. Encontramos a utilização dessa técnica nos contos *Black-bottom* e *Minha vizinha é uma mulher das arábias*, quando do reaparecimento das personagens D. Guilhermina e Dondonzinha.

No conto *Minha vizinha é uma mulher das arábias*, Clóvis Barbosa (1931j) relata a história de D. Guilhermina, uma senhora nanica que disfarçava sua idade com o tingimento dos cabelos. Foi chamada de mulher das arábias porque não sabia ouvir nada sem questionar. Mãe de Dondonzinha, após 13 anos de casamento com P. T. Leão de Oliveira, homem sem reação em casa e dissimulado na política, D. Guilhermina carrega o poder da feitiçaria, sua praga para seus conhecidos tinha poder. Ela é em si uma agência de informações sobre o próximo, uma antropofagia, como ressalta o narrador do conto. Dondonzinha, comparada por sua beleza a Greta Nilsen, atriz de cinema famosa nos anos 1930, foi aluna da Escola Normal, obtendo as melhores notas e, por conta disso, se mostrava muito envaidecida. No entanto, foi considerada “vadia” pelo professor Gadelha. “O professor de corografia, porém, implicou com ela. E convenceu-se que ela era uma das alunas mais vadias. Ela soube e danou-se. As colegas souberam e gozaram” (BARBOSA, 1931j).

Por conta do insulto, certo dia agarrou o punho do professor e, assim, acabou por revelar que ele escrevia a cola da aula no punho. Não passou de ano. A mãe soltou uma praga sobre o professor, o qual, tempos depois, sofreu acidente de bonde. A partir daí ficou sendo considerada leviana, mas, para a mãe, era a pessoa mais civilizada da cidade. D. Guilhermina

visitou de surpresa as moças do *chalezinho*, moças direitas que gostavam de cantar enquanto trabalhavam. Usavam *rouge* discretamente, não ligavam para moda, eram pobres e passivas. Quando comentou o casamento de uma das filhas – Rosália –, ressaltou que não deveria casar se não fosse para mudar de vida. A moça, por seu turno, e com muita passividade, até por conta do medo que a praga de D. Guilhermina gerava, não reagiu. O conto pode ser interpretado como uma figuração do próprio artista modernista frente a um mundo marcado pela tradição. D. Guilhermina e Dondozinha encarnariam o próprio papel do artista modernista em seus embates com uma ordem literária passadista representada na figura do professor Gadelha, aferrado em simplesmente copiar e reproduzir a tradição. As moças do *chalezinho*, por seu turno, referem-se aos próprios leitores na medida em que vivem suas vidas no conformismo de uma tradição, não percebendo as mudanças que ocorrem ao redor. O conto pode ainda ser interpretado como uma referência aos motivos que levam a uma necessidade de produção artística e literária em novos termos. O marido e pai P. T. Leão de Oliveira, quando mostra a forma com que D. Guilhermina o despreza, pois não reagia aos acontecimentos, adotava uma postura dissimulada quanto aos acontecimentos políticos. A arte modernista, diferentemente, pretendia servir de porta-voz das reivindicações sociais e eliminar os joguetes políticos a fim de melhorar a condição da sociedade brasileira.

A repetição das personagens D. Guilhermina e Dondozinha nos dois contos citados são para Clóvis Barbosa, podemos dizer, a representação do intelectual moderno dentro da esfera de abrangência da tradição passadista em termos literários. D. Guilhermina encarna em si mesma o papel do articulador e do protetor da arte moderna, mas que não a expressava diretamente. Assim, ela representa, em última instância, a própria militância intelectual de Clóvis Barbosa na defesa e incentivo da arte moderna. Dondozinha, por conta da sua audácia e entusiasmo frente ao mundo moderno, representa esse intelectual moderno que assume o modernismo enfrentando os estigmas e certa rejeição por parte de setores atrelados ao tradicionalismo.

É a partir desse ambiente de embate entre forças antagônicas quanto à aceitação ou não do modernismo que a revista *Redenção* pode ser interpretada como uma instância de consagração para um campo intelectual manauara ainda incipiente nos anos 1920 e 1930. Em princípio, revelando divergências e disputas quanto à linguagem literária mais adequada e destinada a representar o processo de transformação política em curso naquele período. Depois o processo de transformação das novas visões de mundo proporcionadas pelos movimentos artísticos advindos de outros países e então traduzidos e reconvertidos pela

intelectualidade brasileira para o entendimento da nação dentro de um cenário de crise da dominação tradicional das oligarquias.

CONCLUSÃO

A pesquisa em torno da revista *Redempção* foi promovida sob a hipótese de que ela se inscrevia na história da cultura e do desenvolvimento intelectual amazonense como uma instância de consagração intelectual erigida em um momento de transformações sociais no Amazonas e no Brasil, tanto na ordem política quanto na ordem econômica e, sobretudo, cultural.

A revista *Redempção* reuniu um grupo de intelectuais com perfis diferenciados e díspares. Os integrantes desse grupo partilhavam da ideia acerca da necessidade de formulação de um diagnóstico para aquele momento de transição política e cultural vivenciado pelo Brasil, momento este caracterizado como de declínio das tradicionais oligarquias agrárias e emergência de novas forças políticas oriundas do ambiente urbano. O grupo de intelectuais da revista *Redempção*, composto por políticos, literatos, críticos literários, jornalistas, enfim, intelectuais polígrafos, acabou por delinear ou esboçar um campo intelectual local na medida em que a atividade propriamente intelectual começou a reclamar seus próprios critérios de legitimidade em detrimento de eventuais ingerências políticas, muito embora o elemento político jamais possa ser desconsiderado enquanto fator crucial para o próprio entendimento da natureza dos intelectuais no Brasil. Dessa forma, a revista *Redempção* se inscreve na história da cultura e do desenvolvimento intelectual amazonense porque se transformou em um espaço de registro dos debates e ações intelectuais e políticas do momento. Esses intelectuais, por meio da revista *Redempção*, transmitiam aos leitores e aos seus pares uma interpretação acerca das mudanças sociais em curso, atizando, de alguma forma, o embate em torno de tais interpretações. Enquanto produto de um ambiente em transformação, não tinha condições de realizar uma interpretação sem eventuais deslizos e enganos, mas, de certa forma, potencializou o debate político e, sobretudo, viabilizou a introdução do modernismo como tema de debate entre os intelectuais amazonenses.

A revista *Redempção*, dessa forma, pode ser considerada a expressão de um momento de culminância de formação de um espaço público em Manaus na medida em que se converte em uma instância propriamente intelectual para o debate político e a formação de uma opinião pública capitaneada pelos intelectuais de diferentes filiações ideológicas e estéticas (acerca dos intelectuais e a formação de uma opinião pública ver MANNHEIM, 1974). Uma revista recreativa e literária como *Redempção* tendia a estabelecer um vínculo mais estreito entre o debate político e cultural do momento, mesmo que travado entre integrantes da classe

dominante, com um leque mais abrangente de leitores então em expansão nos centros urbanos.

Esse grupo de intelectuais foi impelido a se posicionar como porta-voz de uma sociedade em transformação por conta da incapacidade da oligarquia decadente em interpretar os acontecimentos em prol de uma reprodução do próprio sistema. A partir da reação desse grupo intelectual podemos apontar seu caráter peculiar que se inscreve na capacidade de, ao desvendar a realidade, transformar as visões de mundo sobre o homem e a sociedade, revelando seu estado de transição rumo a uma sociedade moderna. O intelectual, ao pretender desvelar a realidade, critica as ideologias então operantes como forma de protesto contra a sua própria condição de fração de classe dominada. Diferente das revistas literárias do sul do Brasil, a revista *Redempção* reuniu intelectuais tanto de uma linha passadista quanto modernista, como reflexo direto do estado da sociedade amazonense que não poderia ser caracterizada, naquele momento, como uma sociedade moderna, embora não alijada dos debates políticos e estéticos já disseminados pelo país. Esse ambiente de transição, portanto, foi o responsável pela formação de uma ideologia da *brasilidade*, uma linguagem que reunia elementos estéticos oriundos de uma linha tradicional e moderna. É importante salientar que a configuração dessa linguagem literária e artística tal como estampada na revista *Redempção* tende mais a uma arte moderna do que passadista.

Enquanto instância de consagração intelectual, a revista *Redempção* representa um marco na cultura amazonense por conta de um delineamento de um campo intelectual local. Clóvis Barbosa, o editor e organizador da revista *Redempção*, era adepto dos ideais modernistas enquanto meio de expressão da realidade, ideais estes que nasciam do estado de transformação da sociedade brasileira e da necessidade de formação dos conceitos de nacionalismo e brasilidade, [t]ermos que se construiriam a partir da exposição das peculiaridades culturais de cada região do Brasil. O Amazonas, com todas as suas riquezas naturais, sociais e míticas, não poderia deixar de enredar-se por essa trilha. Dessa forma, o papel do intelectual na revista *Redempção* foi o de retirar o debate cultural regional das amarras do tradicionalismo passadista atrelado a uma discussão provinciana acerca da Amazônia. A arte literária, por sua vez, deveria expressar o movimento de transformação. Na revista *Redempção*, Clóvis Barbosa buscou uma forma de revelar aos intelectuais passadistas a necessidade de transformação da linguagem por conta do mundo moderno que já vivenciavam. E, enquanto editor, encontrou uma forma de reunir literatos já consagrados, em sua maioria ainda atrelados à tradição passadista, e intelectuais modernistas. Assim, em sua

expertise, visualizando a possibilidade de consagração no mundo intelectual, e não abrindo mão dos seus ideais, compreendeu que seria necessário reunir em um mesmo espaço as duas linhas estéticas extremas e, de certa forma, fazer algumas concessões para poder viabilizar o seu projeto. A façanha deste editor não deve ser esquecida. Clóvis Barbosa, ao fazer tais concessões, não só viabilizou o debate em torno do modernismo e uma nova forma de se pensar a região, mas também delineou, em função disso, um campo intelectual local.

Não podemos deixar de considerar Clóvis Barbosa como o protagonista dentro desse campo intelectual. O jovem de vinte e poucos anos, com posicionamentos políticos claros e, associado a isso, a necessidade de ascender socialmente e de buscar um reconhecimento fora da arena política, foram ingredientes para que um investimento no mundo intelectual fosse antevisto como mais viável.

A estratégia de Clóvis Barbosa para conferir aos intelectuais um papel no processo de reorientação da sociedade consistiu em construir uma teia de relações com os setores dominantes de um mundo político em mutação e, assim, viabilizar a publicação da revista a atizar o debate intelectual. A rede de relações desenvolvida por Clóvis Barbosa envolvia tanto intelectuais consagrados quanto políticos em evidência. Acreditava o jornalista que moldar um relacionamento entre a esfera política e o grupo de intelectuais na *Redenção* proporcionaria maior aceitação dos intelectuais então engajados em denunciar as mazelas sociais. A questão da validação da palavra não estava, portanto, no eventual “despreparo” do intelectual, mas na credibilidade que tais atores sociais poderiam reivindicar a partir de seus próprios parâmetros. A linha estética, dessa forma, estava manietada frente ao *devoir* do intelectual em diagnosticar as patologias sociais. Contudo, esse *devoir* estava relacionado a um posicionamento modernista onde o intelectual, através da arte, deveria tratar de assuntos pertinentes à realidade do homem e a linguagem moderna se revelava uma maneira ideal para esse objetivo.

A análise dessa instância de consagração nos levou a perceber que Clóvis Barbosa é um personagem fundamental na história da cultura amazonense e, por conta disso, identificamos a necessidade de analisarmos outras revistas recreativas e literárias então organizadas pelo jornalista. A revista *Redenção* marca o início de um posicionamento mais efetivo do intelectual na vida social local e, sobretudo, a própria introdução do modernismo no Amazonas como meio expressivo específico. As demais revistas podem nos indicar o desenvolvimento e os eventuais entraves então encontrados pelo campo intelectual local, tendo em vista os desdobramentos políticos em escala nacional e regional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José Vicente de Souza de. **Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60**. Manaus: Valer, 2002.

BASTOS, Abguar. **História política revolucionária no Brasil: 1900-1932**. V.1. Rio de Janeiro: Conquista, 1969.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BITTENCOURT, Agnello. **Dicionário amazonense de biografias: vultos do passado**. Rio de Janeiro: Conquista, 1973.

BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Poder Simbólico. In. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 149-168.

_____. Campo de Poder, Campo Intelectual e *Habitus* de Classe. In. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 183-202.

MANNHEIM, Karl. O problema da “Intelligentsia”: Um estudo de seu papel no passado e no presente. **Sociologia da Cultura**. Trad. Roberto Gambini. São Paulo: Perspectiva. Ed. Universidade de São Paulo, 1974. Pág. 69-139.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em Revista: Imprensa e práticas culturais em tempos de República**. São Paulo: EDUSP, 2008.

MICELI, Sergio. **Poder, Sexo e Letras na República Velha: estudo clínico dos anatolianos**. São Paulo: Perspectiva. Col. Elos. 1977.

_____. Mario de Andrade: A invenção do moderno intelectual brasileiro. In. **Vanguardas em Retrocesso: Ensaios de história social e intelectual do modernismo latino-americano**. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Pág. 106-122.

SANTOS, Eloína Monteiro de. **A Rebelião de 1924 em Manaus**. Manaus: Valer, 2001.

Artigos da revista *Redempção*

BARBOSA, Clovis. Benjamin Lima: paradigma do jornalismo sadio. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, número especial. Ago/1926.

_____. Exceto. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.14. Nov/1927.

_____. Retrospecto político de um farsante. **Redempção**. Seção Câmara Ardente. Manaus: Velho Lino, f.2, n.1,01/Jan.1931a.

_____. Grandeza e decadência dum macaco de circo. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n. 2, 08/Jan. 1931b.

_____. Adeus São Luiz. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n. 3, 15/Jan. 1931c.

_____. Voos vertiginosos duma curica. **Redempção**. Seção Câmara Ardente. Manaus: Velho Lino, f.2, n. 4, 24/Jan. 1931d.

_____. Veronica. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n. 5, 31/Jan. 1931e.

_____. A gloria do violão. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.6, 07/Fev.1931f.

_____.Um fraque: Novela dum deprimido. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n. 6, 07/Fev. 1931g.

_____. Carnaval do homem mulher. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.7, 14/Fev. 1931h.

_____. Festa da Brasilidade. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.8, p.2, 21/Fev. 1931i.

_____. Minha vizinha é uma mulher das arábias. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.12, p. 12, 21/Mar. 1931j.

_____. Beleza. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.13, 28/Mar.1931k.

_____. Pessimismo. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.13, 28/Mar.1931l.

_____. Black-Bottom. Seção Uma página realista de Clovis Barbosa. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2. n.16, 18/Abr. 1931m.

_____. A poetisa de Manaós. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f., n.25, 20/Jun. 1931n.

BASTOS, Abguar. Projecção de heroismo e talento. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.9, p.2, 29/fev.1931a. Editorial.

_____. Rítmos do coração. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.14. 04/Abr.1931b.

_____. A sucuri que tinha cabeça de ouro. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.17. 25/Abr.1931c.

_____. Sentido real de brasilidade. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.20. 16/Mai.1931d.

_____. Uiara. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.23. 06/Jun.1931e.

DURAND, Coriolano. Zacheu Snuk: Episódio trágico em um ato, em verso. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.2, Dezembro. 1924.

_____. O morto que riu. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n. 7, Maio. 1925a.

_____. Para ler e escrever números. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n. 9 - 10, Novembro/Dezembro. 1925b.

_____. Sonho de Criança, magoa de velho. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.11, Jul/1926a.

_____. O meu aniversário. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.12, Dez/1926b.

_____. O carriça. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.14, p.2, Nov/1927. Editorial.

LEDA, João. Ortografia de Ruy Barbosa. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.4, Fev/1925.

LIMA, Benjamin. nota. **Redempção**. [transcrito de O Paiz, seção A feira do livro]. Manaus: Velho Lino, f.1, n.4. Fev/1925.

MAIA, Álvaro. Em Campo Aberto. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.1, p.5, nov.1924.

_____. Uma ressurreição da hellade. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.4. Fev/1925.

_____. A buzina. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.11. Jul/1926.

_____. Jangada de cedros. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.14. Nov/1927.

_____. Realidade afflictiva: capítulo da exposição do Interventor a Juarez. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.10, p.2, 7/mar.1931a. Editorial.

_____. Pontas de fogo: capitulo da conferência, as responsabilidades revolucionárias da juventude. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.17, p.2, 25/abr.1931b. Editorial.

MARQUES, Santanna. Cruel dilema. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.2, n.11, p. 2, 14/mar.1931. Editorial.

MONTEIRO, Raymundo. As horas lentas. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, n.1. Nov/1924.

_____. Elegia Pagã. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1,n.3.Jan/1925a.

_____. Álbum Infantil. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, n. 5-6. Mar-Abr/1925b.

_____. Penthesilia. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, n. 5-6. Mar-Abr/1925c.

_____. Andromacha. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, n.8.

Jun/1925d. _____. Flamas. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, número especial. Mar/1926a.

_____. Os problemas do Amazonas. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1., n.11.Jul/1926b.

_____. No rio negro. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, número especial.Ago/1926c.

_____. Noel. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, n.12. Dez/1926d.

_____. Amanhecer no Amazonas. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.1, n. 14.Nov/1927.

_____. De volta. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.2, n.7.Jan/1931.

_____. Para o Hanibal Theofilo. **Redempção**. Manaus: Velho Lino. f.2, suplemento.Nov/1932.

MORAES, Aldo. Clóvis. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.29, p.8, 23/jul. 1931.

MORAES, Péricles. Coelho Netto. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.3. Jan/1925.

_____. Nota de falecimento. [Maria Sylvia Jardim Silva d'Oliveira].
Redempção. Manaus: Velho Lino, f.1, n. 4. Fev/1925.

_____. Um artista clássico: Fernando de Azevedo. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.5-6. Mar-Abr/1925.

_____. Grandeza e decadência de Don Juan. **Redempção**. Manaus: Velho Lino, f.1, n.7.Mai/1925.

REDEMPÇÃO. Redempção. Manaus: Velho Lino, f.1, n.1, p.2, nov. 1924a. Editorial.

_____. Como fomos recebidos. Manaus: Velho Lino, f.1, n.2, p.32, dez. 1924b.

_____. O momento. Manaus: Velho Lino, f.1, n.3, p.1, jan. 1925a. Editorial.

_____. O momento. Manaus: Velho Lino, f.1, n.4, p.11, fev. 1925b. Editorial.

_____. O momento. Manaus: Velho Lino, f.1, n.5-6, p.15, mar/abr.1925c. Editorial.

_____. O momento. Manaus: Velho Lino, f.1, n.7, p. 12, mai.1925d. Editorial.

_____. O momento. Manaus: Velho Lino, f.1, n.8, p.2, out.1925e. Editorial.

_____. nota. [Associação Comercial do Amazonas]. Manaus: Velho Lino, f.1, n.12, dez.1926.

Artigos de demais periódicos

BARBOSA, Clóvis. Contentes e descontentes - Abaixo os Medalhões!..**Jornal do Povo**, Manaus, No. 26, p.1, 22/ago.1924. Editorial.

_____.Adesão. **Diário da Tarde**. Manaus. 18/Mar. 1934.

_____.**Carta ao Santo de Casa**. Recortes de jornal. Distrito Federal, Fev/1953.

_____. **Carta recebida por Mário Ypiranga Monteiro.** Rio de Janeiro em 11 fev. 1976.

_____. **Carta recebida por Ulysses Bittencourt.** em 1984.

_____. **Carta recebida por Emidio.** em 1985.

BASTOS, Abguar. Clóvis Barbosa, um pioneiro. **O escritor.** Jornal da União Brasileira de Escritores (UBE), n.26, Jun/Jul.1984.

BITTENCOURT, Ulysses. Clóvis Barbosa. **A Crítica.** Manaus, 13/set.1984.

C. e COSTA, Herculano. Nota. **A Crítica.** Manaus, ano XII, n. 3409, 16/jul. 1960.

CARVALHO, José. A Lei de Imprensa: conceitos de Antônio Torres. **Gazeta da Tarde.** Ano XI, n.3157, 27/dez.1923.

COELHO, Machado. Nota. **Pará Ilustrado.**[19--]

FILHO, Jair Paulo Labres. SANTOS, Rael Fizon Eugenio dos. Jazz-bands no Brasil: Modernidade, Raça, Nacionalidade e política na década de 1920. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH.** São Paulo, Jun/2011.

LIMA, Araújo. Epistola dum amigo velho a um velho amigo. [19--]

_____. Uma selva nada selvática. **Jornal do Brasil.** 07/jan.1938.

LOBO, Narciso. Entre as décadas de 1920-1930: três momentos da imprensa no Amazonas com Redenção, Equador e A Selva. In. Congresso anual em Ciências da Comunicação, 25. Salvador: **NP02 - Núcleo de pesquisa jornalismo,** 2002.

LYNCH, Christian Edward Cyril. A primeira encruzilhada da democracia brasileira: Os casos de Rui Barbosa e de Joaquim Nabuco. **Revista Sociologia Política.** Curitiba. v.16, número suplementar, Ago/2008. Pág. 113-125.

MALATO, João. Os que bem serviram. **A Crítica.** Manaus, 20/abr. 1961.

MENDONÇA, Djard. Nota. **Jornal Cultura.** Manaus, n.12, p.13, jan/fev/mar.1975.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. Carta recebida por Clóvis Barbosa. **Jornal Cultura.** Manaus, n.11, p.25, out/nov/dez.1974.

_____. Nota. **Estado do Pará.** [19--].

MORAIS, Raymundo. Nota. **O dia.** 1926.

MOTA, Carlos Guilherme. Cultura Brasileira ou cultura republicana?. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.4, No. 8, Jan-Abr. 1990. Pág. 19-38. (online)

NOTA. **Diário da Tarde**. 18/mar. 1934.

_____. **O Jornal**. 1940.

_____. **Folha do Norte**. 19/jun. 1940.

_____. **Pará Ilustrado**. 25/jan. 1941.

_____. **Jornal do Comércio**. 25/mar. 1953.

_____. **Jornal Cultura**. Manaus, n.12, p.13, jan/fev/mar.1975.

REVISTA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS. 1956.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. Às margens da crítica: A crítica de Péricles Moraes e as representações literárias da Amazônia nas décadas de 1920 e 1930. **Semanário Temático 06 - Espaço e território no pensamento brasileiro: história, ciências sociais e questões de pesquisa**. 37º Encontro Anual da ANPOCS.

PINHEIRO, Nonato. Um benemérito das letras. **Jornal A crítica**. 27 de fevereiro de 1985.

TOCANTINS, Leandro. Clóvis Barbosa. **Jornal Cultura**. Manaus, n.11, p.25, out/nov/dez. 1974.

VALDÉS, Armando Palacio. Los novelistas españoles: Enrique Pérez Escrich. **Revista Europea**. AnoV, n. 242. 1878. Pág. 453-458. (online).

APÊNDICE A – CATÁLOGO DAS EDIÇÕES DA REVISTA REDEMPÇÃO						
PRIMEIRA FASE REVISTA REDEMPÇÃO 1924 - 1927						
ANO I						
ITEM	ANO	MÊS	No.	CATEGORIA	TÍTULO	AUTOR
1	1924	NOVEMBRO	1	EDITORIAL	REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
2	1924	NOVEMBRO	1		O REVISIONISMO	ADRIANO JORGE
3	1924	NOVEMBRO	1		EM CAMPO ABERTO	ÁLVARO MAIA
4	1924	NOVEMBRO	1		AS HORAS LENTAS	RAYMUNDO MONTEIRO
5	1924	NOVEMBRO	1		ANÁTOLE, SEMEADOR DE DÚVIDAS	PERICLES MORAES
6	1924	NOVEMBRO	1		ANACREONTE	GENESINO CAVALCANTE
7	1924	NOVEMBRO	1		HYNO AO SOMNO	GENESINO CAVALCANTE
8	1924	NOVEMBRO	1		CENTAURO	GENESINO CAVALCANTE
9	1924	NOVEMBRO	1		ANOITECER NA AMAZONIA	GENESINO CAVALCANTE
10	1924	NOVEMBRO	1		UMA FRANCEZIA TOLENDIA	JOÃO LEDA
11	1924	NOVEMBRO	1	ORNAMENTOS DA ELITE AMAZONENSE	FOTO DE MARIA, ITA E ALTAIR FILHAS DO CORONEL RAYMUNDO RODRIGUES BARBOSA	REDAÇÃO
12	1924	NOVEMBRO	1		A CORRESPONDENCIA DO PROBLEMA ALIMENTAR E DO PROBLEMA ECONOMICO, NO SEIO DAS POPULAÇÕES RURAES DO AMAZONAS	DR. J.F. ARAUJO LIMA
13	1924	NOVEMBRO	1		GENERAL MENNA BARRETO	REDAÇÃO
14	1924	NOVEMBRO	1		ATHLETICO RIO NEGRO CLUB	REDAÇÃO
15	1924	NOVEMBRO	1	CHRONICA FEMININA	CARTA	EDELWEISS
16	1924	NOVEMBRO	1	NOTAS & COMMENTARIOS	POSSIBILITÉS ÉCONOMIQUES DU BRÉSIL	REDAÇÃO

17	1924	NOVEMBRO	1		UM LIVRO DE GRANDE VALOR	REDAÇÃO
18	1924	NOVEMBRO	1		O RIO	FRANCISCO PEREIRA
19	1924	NOVEMBRO	1	ASSUMPTOS ECONOMICOS	PELA SYSTEMATIZAÇÃO DOS NOSSOS VALORES	PAULO ELEUTHERIO
20	1924	NOVEMBRO	1		MATHEMATICA: OS MATHEMATICOS NAS INDIAS ORIENTAES	ABILIO DE BARROS ALENCAR
21	1924	NOVEMBRO	1	ASSUMPTOS COMMERCIAES	IMPOSTOS	ARTHUR FERREIRA
22	1924	NOVEMBRO	1	PHANTASIAS & REALIDADES	O ENXOVAL	JOSÉ GERALDO VIEIRA
23	1924	DEZEMBRO	2	EDITORIAL	O MOMENTO	REDAÇÃO
24	1924	DEZEMBRO	2		ILUSÃO DE NATAL	ÁLVARO MAIA
25	1924	DEZEMBRO	2		FOTO DO DR. ALFREDO SÁ	REDAÇÃO
26	1924	DEZEMBRO	2		O CAMINHO DO PARAISO	JONAS DA SILVA
27	1924	DEZEMBRO	2		POETAS DO AMOR	JONAS DA SILVA
28	1924	DEZEMBRO	2	ASSUMPTOS ECONOMICOS	OURO BRANCO, OURO NEGRO, OURO VERDE	PAULO ELEUTHERIO
29	1924	DEZEMBRO	2		ZACHEU SNUK: EPISODIO TRAGICO EM UM ACTO, EM VERSO	CORIOLANO DURAND
30	1924	DEZEMBRO	2		RETORNO	COSME FERREIRA FILHO
31	1924	DEZEMBRO	2		SCEPTICO...	COSME FERREIRA FILHO
32	1924	DEZEMBRO	2		DESTINOS	COSME FERREIRA FILHO
33	1924	DEZEMBRO	2		ALMA VAZIA	COSME FERREIRA FILHO
34	1924	DEZEMBRO	2		ULTIMO CANTO	COSME FERREIRA FILHO
35	1924	DEZEMBRO	2	CHRONICA FEMININA	CARTA DE PUBLIUS	ANTICLEIA
36	1924	DEZEMBRO	2		ENCHENTE E VAZANTE DO SOLIMÕES: AS PRAIAS	MANOEL ANISIO JOBIM
37	1924	DEZEMBRO	2		O ULTIMO VOO DO CONDOR	REDAÇÃO

38	1924	DEZEMBRO	2		CARTA À PERICLES MORAES	CAMILLE MAUCLAIR
39	1924	DEZEMBRO	2	ESCRITORES AMAZONENSES	FOTO DO DR. HELIODORO BALBI	REDAÇÃO
40	1924	DEZEMBRO	2	NOTAS MUNDANAS	ANIVERSARIO DO DR. LEOPOLDO TAVRES DA CUNHA MELLO	REDAÇÃO
41	1924	DEZEMBRO	2		ANIVERSARIO DO PROFESSOR AGNELLO BITTENCOURT	REDAÇÃO
42	1924	DEZEMBRO	2	NOTAS MUNDANAS	ANIVERSARIO DO MAJOR JOSE NUNES DE LIMA	REDAÇÃO
43	1924	DEZEMBRO	2		NOIVADO ENTRE SENHOR RAYMUNDO PERALES E ADELAIDE DE MAGALHÃES CORDEIRO	REDAÇÃO
44	1924	DEZEMBRO	2		ULTIMA CARTA	JULIO OLYMPIO
45	1924	DEZEMBRO	2		UM LIVRO DE GRANDE VALOR	AGNELLO BITTENCOURT
46	1924	DEZEMBRO	2		GUANABARA	AURELIO LINHARES
47	1924	DEZEMBRO	2	PHANTASIAS & REALIDADES	OS CRIMES DE ANTONIO CANDIDO	AURELIO PINHEIRO
48	1924	DEZEMBRO	2	ASSUMPTOS COMMERCIAES	IMPOSTOS	ARTHUR FERREIRA
49	1924	DEZEMBRO	2	RYTHIMOS & SONORIDADES	HEPTACORDIO DE ORPHEU: A CELEBRE "REVIERE" E GIACOMO PUCCINI	FERNANDO ALEXANDRE E. PIRES
50	1924	DEZEMBRO	2	COMO FOMOS RECEBIDOS	NOTAS	DIÁRIO OFICIAL
51	1924	DEZEMBRO	2			O LIBERTADOR
52	1924	DEZEMBRO	2			A LUCTA SOCIAL
53	1924	DEZEMBRO	2			A LIBERDADE
54	1924	DEZEMBRO	2			O JORNAL DO COMERCIO
55	1924	DEZEMBRO	2			A UNIAO PORTUGUEZA

56	1924	DEZEMBRO	2		UMA ADMINISTRAÇÃO EXEMPLAR	DR. J.F. ARAUJO LIMA
57	1924	DEZEMBRO	2	NOTULAS D'ARTE	FOTO DE LINDALVA DA SILVA CRUZ - PIANISTA AMAZONENSE	REDAÇÃO
58	1924	DEZEMBRO	2		FOTO DE EUNICE CORREA - PIANISTA AMAZONENSE	REDAÇÃO
59	1925	JANEIRO	3	EDITORIAL	O MOMENTO	REDAÇÃO
60	1925	JANEIRO	3		COMO SURGIRAM AS VIOLETAS...	ÁLVARO MAIA
61	1925	JANEIRO	3		O RAIOS VERDE	OCTAVIO SARMENTO
62	1925	JANEIRO	3		ELEGIA PAGAN	RAYMUNDO MONTEIRO
63	1925	JANEIRO	3		COELHO NETTO	PERICLES MORAES
64	1925	JANEIRO	3	ESCRITORES AMAZONENSES	FOTO DE PERICLES MORAES	REDAÇÃO
65	1925	JANEIRO	3		DA CURIOSIDADE	ALOYSIO DE CARVALHO FILHO
66	1925	JANEIRO	3		PÔR-DO-SOL AMAZONICO: FESTA DE AMOR E DE BELLEZA	FRANCISCO PEREIRA
67	1925	JANEIRO	3		POENTES DE BELLO HORIZONTE	SYLVIA G. MORAES
68	1925	JANEIRO	3	REPORTAGEM FOTOGRAFICA	SUMURAI E CAMPONEZAS...N O PALCO	REDAÇÃO
69	1925	JANEIRO	3	PAGINA INFANTIL	FOTOS	REDAÇÃO
70	1925	JANEIRO	3		PAULINO DE BRITO	PAULINO DE BRITO FILHO
71	1925	JANEIRO	3		NOTA DE ANIVERSÁRIO DE AGGEO RAMOS	REDAÇÃO
72	1925	JANEIRO	3		NOTA DE ANIVERSÁRIO DE ILDEFONSO ALMEIDA	REDAÇÃO
73	1925	JANEIRO	3		NOTA DE GRATIDÃO A AGESILAU ARAUJO	REDAÇÃO
74	1925	JANEIRO	3	ASSUMPTOS COMMERCIAES	IMPOSTOS, ETC	ARTHUR FERREIRA

75	1925	JANEIRO	3		PRESENTE DE NUPCIAS	OLIVEIRA GOÉS
76	1925	JANEIRO	3		PARTIDA	OLIVEIRA GOÉS
77	1925	JANEIRO	3		NOTA PÓSTUMA À CAIO CAVALCANTI	REDAÇÃO
78	1925	JANEIRO	3	CHRONICA FEMININA	CARTA	ANTICLEIA
79	1925	JANEIRO	3		NOTAS ODONTOLÓGICAS	ARISTIDES LEITE
80	1925	JANEIRO	3	ASSUMPTOS ECONOMICOS	A AMAZONIA E AS SUAS INDUSTRIAS EXTRACTIVAS	RAYMUNDO NONATO PINHEIRO
81	1925	JANEIRO	3	PHANTASIAS & REALIDADES	ALMA ELEGÍACA	VICENTE ABRANCHES
82	1925	JANEIRO	3	NOTAS & COMMENTARIOS	ESTREIA DE "JESUS DE NAZARÉ" DE PAULO DEMASY NO TEATRO ODEÓN EM PARIS	REDAÇÃO
83	1925	JANEIRO	3		PUBLICAÇÃO DAS PINTURAS DE R. ORTIZ NO PRÓXIMO NUMERODA REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
84	1925	JANEIRO	3		HONRAS AO CAVALO APOLLO QUE VENCE AS CORRIDAS DO PARQUE AMAZONENSE	REDAÇÃO
85	1925	FEVEREIRO	4	EDITORIAL	O MOMENTO	REDAÇÃO
86	1925	FEVEREIRO	4		UMA RESSUREIÇÃO DE HELLADE	ÁLVARO MAIA
87	1925	FEVEREIRO	4		A ANGUSTIA DE DON JOÃO	MENOTTI DEL PICCHA
88	1925	FEVEREIRO	4		PENELOPE	JONAS DA SILVA
89	1925	FEVEREIRO	4		HELENA	JONAS DA SILVA
90	1925	FEVEREIRO	4		A ORTHOGRAFIA DE RUY BARBOSA	JOÃO LEDA
91	1925	FEVEREIRO	4	ESCRITORES AMAZONENSES	FOTO DE JOÃO LEDA	REDAÇÃO
92	1925	FEVEREIRO	4		LENDA E HISTÓRIA	JOÃO LEDA
93	1925	FEVEREIRO	4		UM TERCETO DO "PURGATORIO"	ADRIANO JORGE
94	1925	FEVEREIRO	4		MARIA SYLVIA JARDIM SILVA D'OLIVEIRA	PERICLES MORAES

95	1925	FEVEREIRO	4	REPORTAGEM FOTOGRAFICA	O CARNAVAL DE 1925 NOS SALÕES (ASPECTOS DOS PRINCIPAES SALOES DE MANAÓS	REDAÇÃO
96	1925	FEVEREIRO	4	PARNASO AMAZONENSE	PINHEIRO	RAYMUNDO NONATO PINHEIRO
97	1925	FEVEREIRO	4		MEMENTO MORI...	MIGUEL DUARTE
98	1925	FEVEREIRO	4		OUVINDO BEETHOVEN	SOBREIRA FILHO
99	1925	FEVEREIRO	4		MEU CASTELLO	CARMELITA DE HOLLANDA
100	1925	FEVEREIRO	4		DO NOSSO MEIO ARTÍSTICO, PERICLES MORAES	LUIS RODRIGUES
101	1925	FEVEREIRO	4	OS CONCURSOS DA REDEMPÇÃO	QUAL É O PRINCIPE DOS POETAS AMAZONENSES?	REDAÇÃO
102	1925	FEVEREIRO	4		UM PROFESSOR DE ENTHUSIASMO NACIONAL	ILDEFONSO FALCÃO
103	1925	FEVEREIRO	4		O CARRO DAS MARGARIDAS	PALVINO ROCHA
104	1925	FEVEREIRO	4	ASSUMPTOS ECONOMICOS	SELVA INIMIGA	COSME FERREIRA FILHO
105	1925	FEVEREIRO	4	CHRONICA FEMININA	CARTA	ANTICLEIA
106	1925	FEVEREIRO	4	PHANTASIAS & REALIDADES	PRETO NO BRANCO	VICENTE ABRANCHES
107	1925	FEVEREIRO	4		NOTAS ODONTOLÓGICAS	ARISTIDES LEITE
108	1925	FEVEREIRO	4		NOTA DE ANIVERSARIO DO COMMENDADOR JOAQUIM GONÇALVES DE ARAUJO	REDAÇÃO
109	1925	FEVEREIRO	4	NOTAS MUNDANAS	NOTA DE ANIVERSARIO DE MARIA LUCIA DE LIMA CORRÊA	REDAÇÃO
110	1925	FEVEREIRO	4		NOTA DE ANIVERSARIO DO DR. LEOPOLDO AMORIM DA SILVA NEVES	REDAÇÃO

111	1925	FEVEREIRO	4		FOTO DA FILHA DO DR. OLEGARIO CASTRO	REDAÇÃO
112	1925	FEVEREIRO	4		NOTA RETIRADA DE O DIA: EPINICIO DE UMA VONTADE PROMISSORA (SOBRE O ULTIMO NUMERO DE REDEMPÇÃO)	VICENTE ABRANCHES
113	1925	FEVEREIRO	4		PUBLICAÇÕES	O REPÚBLICA
114	1925	FEVEREIRO	4		REDEMPÇÃO	O LIBERTADOR
115	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	COMO FOMOS RECEBIDOS	BIBLIOGRAFIA	A REPÚBLICA
116	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		JORNAES & REVISTAS	JORNAL DA NOITE
117	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		LIVROS, REVISTAS &	A NOTICIA
118	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		O ESPADAGÃO	MENOTTI DEL PICCHA
119	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	EDITORIAL	O MOMENTO	REDAÇÃO
120	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		UM ARTISTA CLASSICO: FERNANDO DE AZEVEDO	PERICLES MORAES
121	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	NOTULAS D'ARTE	FOTO DE LYDIA SIMOES - PIANISTA	REDAÇÃO
122	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		MANAÓS	AURELIO PINHEIRO
123	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		PENTHESILEIA	RAYMUNDO MONTEIRO
124	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		ATTITUDES DE CRUXIFICAXÃO	FERNANDO DE AZEVEDO
125	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		SYMBOLOS	ALOYSIO DE CARVALHO FILHO
126	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	ALBUM INFANTIL	FOTO DE FLAVINHA FILHA DO DR. EDGARD DE MENEZES CASTRO	RAYMUNDO MONTEIRO
127	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	ESCRITORES AMAZONENSES	FOTO DE JONAS DA SILVA	REDAÇÃO
128	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	ASSUMPTOS ECONOMICOS	ENTRE FLORESTAS E GARÇAES	ÁLVARO MAIA
129	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		PALAVRAS SEMPRE SINCERAS	PONTES DE MIRANDA
130	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PARNASO AMAZONENSE	RENUNCIA	FRANCISCO PEREIRA
131	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		A UM REBELLADO	MIGUEL DUARTE
132	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		MONJA	JOSÉ DE QUINTÉLLA

133	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		INJURIAS AO SOL	JUVENAL ANTUNES
134	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	ORNAMENTOS DA ELITE AMAZONENSE	FOTO DE Mme. FERNANDEZ MARTINEZ	REDAÇÃO
135	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		A ALMA DOS POVOS E SEUS DIVERTIMENTOS	GRAÇA ARANHA
136	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		APHORISMOS ESPARSOS	PONTES DE MIRANDA
137	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PELO COMERCIO (FOTOS)	RAPHAEL S. BENOLIEL - CHEFE DA FIRMA B. LEVY & CA.	REDAÇÃO
138	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PELO COMERCIO (FOTOS)	ISAAC S. BENOLIEL - SOCIO DA FIRMA B. LEVY & CA.	REDAÇÃO
139	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PELO COMERCIO (FOTOS)	PAULO LEVY - CHEFE DA FIRMA PAULO LEVY & CA. , PROPRIETARIA DA "DROGARIA UNIVERSAL"	REDAÇÃO
140	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PELO COMERCIO (FOTOS)	JOSE PINHEIRO VIEIRA - CHEFE DA FIRMA JOSE PINHEIRO VIEIRA & CA. PROPRIETARIA DO "MOINHO DE OURO"	REDAÇÃO
141	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		LAZARD L. KLEIN - PROPRIETARIO DA JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA "KLEIN"	REDAÇÃO
142	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		ANTONIO A. AMADOR - SOCIO DA FIRMA AMADOR & CA. , PROPRIETARIA DA PHARMACIA CENTRAL	REDAÇÃO
143	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		JOSÉ NUNES DE LIMA - DIRECTOR - GERENTE DA FIRMA R. COSTA & CA. LTD.	REDAÇÃO

144	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		JOAQUIM MENDES CAVALHEIRO - CHEFE DA FIRMA MENDES & CA	REDAÇÃO
145	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		COMANDANTE MANOEL BAHIA, SUPERINTENDENT E DA AMAZON RIVER, EM MANAOS	REDAÇÃO
146	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		CICERO SANDOVAL DA COSTA - CHEFE DE TRAFEGO DA CASA J. CARNEIRO DA MOTTA	REDAÇÃO
147	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		JOSE PEREIRA DE LIMA - GUARDA-LIVROS DA FIRMA J.A. LEITE & CA.	REDAÇÃO
148	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		JOSE DE ARAUJO GÓES - PROPRIETARIO DA TINTURARIA YPIRANGA, E SUA ESPOSA , A PROFESSORA D. MARIA DAS NEVES PALMEIRA BASTOS DE GÓES.	REDAÇÃO
149	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PELO COMERCIO (FOTOS)	ANTONIO DE VASCONCELLOS - ESTIMADO E ESFORÇADO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS DO COMMERCIO	REDAÇÃO
150	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		PEDRO BEZERRA - PROPRIETARIO DA ALFAIATARIA "BEZERRA"	REDAÇÃO
151	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	NOTA	O IDOLO DO MADEIRA	REDAÇÃO
152	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	FOTO	ECHOS DO CARNAVAL DE 1925 EM MANAOS	REDAÇÃO

153	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	NOTAS MUNDANAS	ANIVERSARIO DE GEORGINA RAMOS CORDEIRO - FILHA DE DEMETRO CORDEIRO	REDAÇÃO
154	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		ANIVERSARIO DA PROFESSORA NORMALISTA EX. SNRA. D. ARTHEMISIA GONÇALVES LEITE, ESPOSA DO DR. ARISTIDES LEITE	REDAÇÃO
155	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		ANIVERSARIO DO PROFESSOR CARLOS MESQUITA - CATEDRATICO DE INGLES DO GYMNASIO AMAZONENSE	REDAÇÃO
156	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		ANIVERSARIO DE ANTONIO BALBINO DOS SANTOS - CORRETOR DA NOSSA PRAÇA	REDAÇÃO
157	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		DO "O VOCABULARIO DE RUY BARBOSA"	JOÃO LEDA
158	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		O CENTENARIO DA BOLIVIA (OFICIO SOBRE A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL INTERNACIONAL DE LA PAZ AO DIRETOR DA REDEMPÇÃO)	ANTONIO FERNANDEZ MARTINEZ
159	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		COMPANHIA "ALLIANÇA DA BAHIA"	REDAÇÃO
160	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	NOTAS MUNDANAS	FOTO DO CORONEL ALFREDO MARQUES DA SILVEIRA - SUPERINTENDENT E MUNICIPAL DE CARANARY	REDAÇÃO

161	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	NOTAS MUNDANAS	"SEM TITULO", SOBRE O CRITICO DE ARTE	OSCAR WILDE
162	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	DOIS SONETOS	ETERNO THEMA	REMIGIO FERNANDEZ
163	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		MIRAGENS	REMIGIO FERNANDEZ
164	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		TERRA DIVINA OU DE JUPITER	BERNARDO RAMOS
165	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		A HELIODORO BALBI	PAULO ELEUTHERIO
166	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	NOTA DE FALECIMENTO	A MOACYR SOBREIRA DE MENDONÇA - FILHO DO CORONEL SOBREIRA MENDONÇA	REDAÇÃO
167	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		O NOVO GERENTE DE REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
168	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		NÓS	BERENICE PRATES
169	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	CHRONICA FEMININA	A MODA	OLIVIA CANUTO TORRES
170	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		O SITIO DE JULIAO - ALLEGORIA	OLIVEIRA GOÉS
171	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	REPORTAGEM FOTOGRAFICA	CARNAVAL NA CIDADE NO SÃO DOMINGOS DO PRATA	REDAÇÃO
172	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	FOTO	EM CARAUARY - SENHORINHA DJANIRA MARQUES	REDAÇÃO
173	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	REDEMPÇÃO INFANTIL	PAULO AFONSO - FILHO DE MANOEL AFONSO SANTOS JUNIOR	REDAÇÃO
174	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	SOCIEDADE PORTOVELHENSE	CAROLINA CANTANHEDE	REDAÇÃO
175	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	OS CONCURSOS DA REDEMPÇÃO	QUAL É O PRINCIPE DOS POETAS AMAZONENSES?	REDAÇÃO
176	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		AS GREVES	ARTHUR FERREIRA
177	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	APOLOGOS	O CÃO E O HOMEM	OLEGARIO CASTRO
178	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		SEXO TRAGICO	GRAÇA ARANHA
179	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		NOTAS ODONTOLÓGICAS - CONSULTORIO	ARISTIDES LEITE

180	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		POEIRA NAS AZAS...	FERNANDO DE AZEVEDO
181	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		O ROMANTISMO DE BEETHOVEN	GRAÇA ARANHA
182	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6	PHANTASIAS & REALIDADES	O MILAGRE DO GESSO	JOSÉ GERALDO VIEIRA
183	1925	MARÇO/ ABRIL	5,6		EVA, FUNCIONARIA	BERILO NEVES
184	1925	MAIO	7	CONTO AMAZONICO	O JAPIIM - PARTE 1	PAULINO DE BRITO FILHO
185	1925	MAIO	7	EDITORIAL	O MOMENTO	REDAÇÃO
186	1925	MAIO	7		GRANDEZA E DECADENCIA DE DON JUAN	PERICLES MORAES
187	1925	MAIO	7		SOBRE AS AGUAS BARRENTAS...	ÁLVARO MAIA
188	1925	MAIO	7		LENDA E HISTÓRIA	JOÃO LEDA
189	1925	MAIO	7	DOIS SONETOS	O SINO	JONAS DA SILVA
190	1925	MAIO	7		VICTORIA-REGIA	JONAS DA SILVA
191	1925	MAIO	7		AVE, APOLLO	HENRIQUE RUBIM
192	1925	MAIO	7	CHRONICA FEMININA	CARTA	ANTICLEIA
193	1925	MAIO	7	PHANTASIAS & REALIDADES	O MORTO QUE RIU	CORIOLANO DURAND
194	1925	MAIO	7	ESCRITORES AMAZONENSES	FOTO DE RAUL DE AZEVEDO	REDAÇÃO
195	1925	MAIO	7	OS CONCURSOS DA REDEMPÇÃO	QUAL É O PRINCIPE DOS POETAS AMAZONENSES? QUAL É O PRINCIPE DOS JORNALISTAS AMAZONENSES?	REDAÇÃO
196	1925	MAIO	7	REPORTAGEM	O PREMIO AO MERITO (SOBRE ÁLVARO MAIA)	REDAÇÃO
197	1925	MAIO	7		A MORTE DE PLACIDO DE CASTRO	JOSÉ MAIA
198	1925	MAIO	7	PAGINA INFANTIL	FOTOS	REDAÇÃO
199	1925	MAIO	7		NO PAIZ DAS AMAZONAS: A FALTA DE TRANSPORTE É UMA DAS CAUSAS DA DEPRESSÃO NA GLEBA COLOSSAL	VICENTE ABRANCHES

200	1925	MAIO	7		LIRIOS DE FLORENÇA: BALLADAS E SONETES (SOBREIRA FILHO)	MIGUEL DUARTE
201	1925	MAIO	7	ASSUMPTOS ECONOMICOS	A CAPACIDADE PRODUCTORA DO AMAZONAS EXIGE UM MUSEO COMMERCIAL	PAULO ELEUTHERIO
202	1925	MAIO	7		BEMDITO SCEPTISMO	ANTENOR VILLELA
203	1925	MAIO	7	ASSUMPTOS COMMERCIAES	O AMAZONAS RESURGIU E VENCEU PELO HEROISMO DO SEU COMMERCIO	MERCURIO
204	1925	MAIO	7		NOTAS ODONTOLOGICAS	ARISTIDES LEITE
205	1925	MAIO	7		FOTO DA COMITIVA DO ACRE	REDAÇÃO
206	1925	MAIO	7		NOTA SOBRE JOÃO LEDA	O PAIZ
207	1925	MAIO	7	NOTULAS D'ARTE	MARIA ANGELA - PIANISTA	REDAÇÃO
208	1925	MAIO	7	FOTO	PELO TERRITORIO DO ACRE - DR. BENTO GHIGLIONE	REDAÇÃO
209	1925	MAIO	7	SOCIEDADE AMAZONENSE	NAIR MARQUES - FILHA DO SNR. PEDRO MARQUES DE SOUZA	REDAÇÃO
210	1925	MAIO	7	FOTO	PELO TERRITORIO DO ACRE	REDAÇÃO
211	1925	MAIO	7	PAGINA INFANTIL	FOTOS	REDAÇÃO
212	1925	MAIO	7	NOTULAS D'ARTE	LUIZ MASCZARG	REDAÇÃO
213	1925	MAIO	7	FOTO	PELO COMMERCIO - GIUSEPPE DE BIASE	REDAÇÃO
214	1925	MAIO	7	SOCIEDADE AMAZONENSE	JURACY CORREA - FILHA ULYSSES PINTO CORREA	REDAÇÃO
215	1925	MAIO	7		APHORISMOS ESPARSOS	PONTES DE MIRANDA
216	1925	MAIO	7		REPRESENTANTES DE REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
217	1925	MAIO	7	NOTA	"SEM TITULO", SOBRE ARTE	OSCAR WILDE

218	1925	MAIO	7	FOTO	J.O. ROCHA - AGENTE DA CAIXA DO POVO	REDAÇÃO
219	1925	MAIO	7	REPORTAGEM	UM AUCTOR DRAMATICO CONSAGRADO - DR. BENJAMIN LIMA	REDAÇÃO
220	1925	MAIO	7	NOTA	MANAOS É ACCESSIVEL Á PLANTAÇÃO DO CAFÉ	REDAÇÃO
221	1925	MAIO	7	NOTA	DR. MAREILIO BASTO - SECRETARIO GERAL DO GOVERNO DO TERRITORIO DO ACRE	REDAÇÃO
222	1925	MAIO	7		O MOVEL E O IMMOVEL NA PHYSIONOMIA HUMANA	GRAÇA ARANHA
223	1925	OUTUBRO	8	EDITORIAL	O MOMENTO	REDAÇÃO
224	1925	OUTUBRO	8		FUTURISMO	JOÃO LEDA
225	1925	OUTUBRO	8	DUAS OBRAS PRIMAS DE RAYMUNDO MONTEIRO	FOTO DA SENHORINHA ELZA MONTEIRO	REDAÇÃO
226	1925	OUTUBRO	8		ANDROMACHA	RAYMUNDO MONTEIRO
227				REDEMPÇÃO INFANTIL	FLORA- SOBRINHA DE SIMAO LIFSICH PROPRIETARIO DO AU BON MARCHE	REDAÇÃO
228	1925	OUTUBRO	8		TRADIÇÕES DA CIDADE	CARLOS CHIACCHIO
229	1925	OUTUBRO	8		À MOCIDADE	RUY BARBOSA
230	1925	OUTUBRO	8		AS TUAS MÃOS	ARGEMIRO JORGE
231	1925	OUTUBRO	8	ARTES	O CANTO DO ROUXINOL	J.L.
232	1925	OUTUBRO	8		CHRONICA PESSIMISTA	AUREO BARCELOS
233	1925	OUTUBRO	8		AS ORCHIDEAS	GEORGE HUEBNER
234	1925	OUTUBRO	8		AMOR QUE PASSA	JULIO OLYMPIO
235	1925	OUTUBRO	8		A CABOCLA	JULIO OLYMPIO
236	1925	OUTUBRO	8		O BANCO DE CORAL (HEREDIA)	JULIO OLYMPIO
237	1925	OUTUBRO	8		FIM	JULIO OLYMPIO
238	1925	OUTUBRO	8	PAGINA FEMININA	RUSTICO	MYRIAN MORAES

239	1925	OUTUBRO	8		LAGRIMAS DE OIRO	OLIVEIRA GOÉS
240	1925	OUTUBRO	8		A GERENCIA DE REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
241	1925	OUTUBRO	8		REDEMPÇÃO INFANTIL - NANCY, MYNTYL E LELIAN FILHAS DO DR. GEORGE CAVALCANTE DA DELEGACIA FISCAL DO THESOURO NACIONAL DO ESTADO	REDAÇÃO
242	1925	OUTUBRO	8	ASSUMPTOS ECONOMICOS	DEVANEIOS ECONOMICOS	ALVES DE SOUZA
243	1925	OUTUBRO	8	PHANTASIAS & REALIDADES	ORAÇÃO	JOÃO LUSO
244	1925	OUTUBRO	8	REPORTAGEM	EXPOSIÇÃO DE BALTHAZAR CÂMARA	REDAÇÃO
245	1925	OUTUBRO	8	CONTO AMAZONICO	O JAPIIM - PARTE 2	PAULINO DE BRITO FILHO
246	1925	OUTUBRO	8	REPORTAGEM	A VOLTA A ESTA CAPITAL: DR. ASTROLÁBIO PASSOS	REDAÇÃO
247	1925	OUTUBRO	8	NOTAS MUNDANAS	SARAH BENAION ESSUCY E SIMY BENAION - FILHAS, RESPECTIVAMENT E DE JACOB ESSUCY E JOSÉ BENAION DA CASA B. LEVY & CA.	REDAÇÃO
248	1925	OUTUBRO	8		A EDUCAÇÃO DO POVO	A. SAMPAIO DORIA
249	1925	OUTUBRO	8		CINCO DE OUTUBRO -1910-1925 - TEIXEIRA GOMES	REDAÇÃO
250	1925	OUTUBRO	8	FOTO	FIGURAS DA INTERVENÇÃO - CORONEL JOSE REZENDE - INSPETOR DO THESOURO	REDAÇÃO
251	1925	OUTUBRO	8	FOTO	ASPECTO DE MANAOS	REDAÇÃO

252	1925	OUTUBRO	8	SOCIEDADE AMAZONENSE	FRANCISCA ALVES DE OLIVEIRA - FOTO	REDAÇÃO
253	1925	OUTUBRO	8	A SÃ MAGISTRATURA	DESEMBARGADOR BONIFACIO DE ALMEIDA - FOTO	REDAÇÃO
254	1925	OUTUBRO	8	FOTO	Mme. CUNHA MELLO	REDAÇÃO
255	1925	OUTUBRO	8	NOTA	REDEMPÇÃO	O DIA
256	1925	OUTUBRO	8	REDEMPÇÃO EM O CEARÁ	FOTO DE SOCORRO DE ALENCAR ARARIPE - IRMA DE ANTONIO ALENCAR ARARIPE	REDAÇÃO
257	1925	OUTUBRO	8	REDEMPÇÃO INFANTIL	DINARAY - FILHA DE MANOEL DIAS BARROSO - FOTO	REDAÇÃO
258	1925	OUTUBRO	8	NOTA	REDEMPÇÃO	REVISTA DA SEMANA
259	1925	OUTUBRO	8	REDEMPÇÃO INFANTIL	GELCYMAR - FILHA DE ARMANDO MIRANDA - SOCIO DA PHARMACIA PASTEUR	REDAÇÃO
260	1925	OUTUBRO	8	MOCIDADE ESTUDIOSA	OYAMA DE ALENCAR VINHAS - FILHO DO PROFESSOR ANSELMO VINHAS	REDAÇÃO
261	1925	OUTUBRO	8	OS CONCURSOS DA REDEMPÇÃO	OS CONCURSOS DA REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
262	1925	OUTUBRO	8	REPORTAGEM	O DR. ALFREDO SÁ VISITA, EM COMPANHIA DOS SEUS AUXILIARES DA INTERVENÇÃO, O CAMPO EXPERIMENTAL DA SOCIEDADE AMAZONENSE DE AGRICULTURA	REDAÇÃO
263	1925	OUTUBRO	8	FOTO	MARIA DE MIRANDA LEÃO - DIRETORA DO HOSPITAL DE CREANÇAS, CASA DR. FAJARDO	REDAÇÃO

264	1925	OUTUBRO	8	NOTA	REDEMPÇÃO	O ESTADO DO PARÁ
265	1925	OUTUBRO	8	PUBLICAÇÕES ESPECIAIS	UMA AUTORIDADE EXEMPLAR	JOSÉ MENEZES
266	1925	OUTUBRO	8			CICERO CORREA DE MELLO
267	1925	OUTUBRO	8			CICERO CORREA DE MELLO
268	1925	OUTUBRO	8			J. ARAUJO ZAKY
269	1925	OUTUBRO	8			RODRIGO PIRES DE FIGUEIREDO
270	1925	OUTUBRO	8	NOTA	REDEMPÇÃO	A LIBERDADE
271	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10	PAGINAS SADIAS DA LITERATURA AMAZONICA	A VICTORIA-REGIA	ALFREDO LADISLAU
272	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10	ACTUALIDADES	UMA FIGURA DE UM GUERREIRO: ABD-EL-KRIM	PERICLES MORAES
273	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10	REPORTAGEM	DR. ALFREDO DA MATTA	REDAÇÃO
274	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10	ESCRITORES AMAZONENSES	ALFREDO AUGUSTO DA MOTTA	REDAÇÃO
275	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		CARCERE VIRGEM	ÁLVARO MAIA
276	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		A UM FRACO	ÁLVARO MAIA
277	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		NARCISA	ÁLVARO MAIA
278	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		PARA LER E ESCREVER NUMEROS	CORIOLANO DURAND
279	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		HERALDICO	SOBREIRA FILHO
280	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		ULTIMO RELATORIO DO DR. HUGO CARNEIRO	DR. HUGO CARNEIRO
281	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		SAUDADES DE TIMBAUBA	OLIVEIRA GOÉS
282	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10	REPORTAGEM	COLLABORAÇÃO - O REFLORIR DA GRAÇA	DORNELLAS CAMARA
283	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10		NOTAS ODONTOLÓGICAS	ARISTIDES LEITE
284	1925	NOVEMBRO/DEZ EMBRO	9,10	PHANTASIAS & REALIDADES	A FLOR DOS TARUMÃS: CONTO SOBRE UM EPSODIO REAL	ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

285	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	REPORTAGEM	UMA FIRMA HONRADA E LABORIOSA	REDAÇÃO
286	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	NOTA	ENLACE MARIA JOSE - MORAES TEIXEIRA	REDAÇÃO
287	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	FOTO	DR. HUGO CARNEIRO NO SEU GABINETE DE TRABALHO, TENDO AO LADO O SEU DIGNO SECRETARIO	REDAÇÃO
288	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	AMAZONENSES QUE PROMETEM	HAMILTON NELSON, DEOCLIDES CARVALHO LEAL E DIOGO BELFORT DOS SANTOS - ACADEMICOS DE MEDICINA NA ACADEMIA DO RIO DE JANEIRO	REDAÇÃO
289	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	NOTA	"DR. ARISTIDES LEITE PARTICIPOU DO 2o. CONGRESSO ODONTOLOGICO LATINO AMERICANO	REDAÇÃO
290	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	FOTO	DR. DORNELLAS CAMARA - PROMOTOR PUBLICO EM VILLA SEABRA	REDAÇÃO
291	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	FOTO	Mme. HUGO CARNEIRO	REDAÇÃO
292	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	FOTO	MEMBROS DA SUB-CONTROLADORIA SECCIONAL DA DELEGACIA FISCAL DO AMAZONAS E ACRE	REDAÇÃO
293	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	NOTULAS D'ARTE	SENHORINHA EMILIA COUTINHO	REDAÇÃO
294	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10		HAMILTON RAMOS	REDAÇÃO

295	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10		MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE - POETISA	REDAÇÃO
296	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10		CORONEL ANTONIO ALEIXO - CHEFE DA FIRMA ANTONIO ALEIXO & CA EM BORBA	REDAÇÃO
297	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	REDEMPÇÃO INFANTIL	YOLANDA- FILHA DE PRUDENCIO BARREIRO GARCIA	REDAÇÃO
298	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	CREANÇAS CARIOCAS	DULCINHA	REDAÇÃO
299	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	FOTO	JARDIM DA PRAÇA PRESIDENTE BERNARDES, A CATHEDRAL E O PROPRIO MUNICIPAL DA PRAÇA D. PEDRO II	REDAÇÃO
300	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	SOCIEDADE AMAZONENSE	SENHORINHA MARIA MARTINS - ENTEADA DO DR. JOAQUIM DE BARROS CORREA - PROCURADOR DA REPUBLICA NA SECÇÃO DO AMAZONAS	REDAÇÃO
301	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	NOTA DOLOROSA	MORTE DE JOSE PEREIRA DE LIMA	REDAÇÃO
302	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	NOTA	ERNESTO PINTO	REDAÇÃO
303	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	OS CONCURSOS DA REDEMPÇÃO	ANUNCIA A EDIÇÃO DE JANEIRO COM O RESULTADO DO CONCURSO, 1. ALVARO MAIA (QUE ESTARIA NA CAPA), 2. RAYMUNDO MONTEIRO, 3. JONAS DA SILVA	REDAÇÃO
304	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	NOTA	REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
305	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	REDEMPÇÃO INFANTIL	ESMERALDO - FILHO DO SNR. ALFREDO ALVES DA SILVA	REDAÇÃO

306	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	REPORTAGEM	OS NOSSOS ESTABELECIMENTOS PARTICULARES DE INSTRUÇÃO	REDAÇÃO
				FOTOGRAFICA		
307	1925	NOVEMBRO/DEZEMBRO	9,10	MILITARES DIGNOS	CORONEL PEDRO HENRIQUE CORNEIRO JUNIOR - CHEFE DO SERVIÇO DE RECRUTAMENTO NO AMAZONAS E ACRE	REDAÇÃO
308	1926	MARÇO	ESPECIAL	EDITORIAL	SEM TITULO	REDAÇÃO
309	1926	MARÇO	ESPECIAL		FLAMAS	RAYMUNDO MONTEIRO
310	1926	MARÇO	ESPECIAL	A CATASTROFE DE CAMARÁ	INFORMES COMPLETOS SOBRE A TRAGEDIA	REDAÇÃO
311	1926	MARÇO	ESPECIAL		HEROE	CLOVIS BARBOSA
312	1926	MARÇO	ESPECIAL		A HECATOMBE NARRADA, PELAS SUAS TESTEMUNHAS	REDAÇÃO
313	1926	MARÇO	ESPECIAL		OS QUE MORREM NO SEU POSTO	REDAÇÃO
314	1926	MARÇO	ESPECIAL		SOFRIMENTO E LUTO	REDAÇÃO
315	1926	MARÇO	ESPECIAL		O MAIS PULGENTE EPSODIO DO DRAMA	REDAÇÃO
316	1926	MARÇO	ESPECIAL	NOTAS	REDEMPÇÃO - SOBRE A PUBLICAÇÃO DA CATASTROFE PAES DE CARVALHO	REDAÇÃO
317	1926	MARÇO	ESPECIAL	CROQUIS	REGIAO ONDE SE VERIFICOU O GRANDE DESASTRE PAES DE CARVALHO	REDAÇÃO
318	1926	JULHO	11		A BUZINA	ÁLVARO MAIA
319	1926	JULHO	11	RELIGIÃO	PHARISEUS DA SCIENCIA	PE. NOE GUALBERTO DE LIMA
320	1926	JULHO	11		A FIANDEIRA	ARGEMIRO JORGE
321	1926	JULHO	11		AUTO DE FÉ	RAYMUNDO NONATO PINHEIRO

322	1926	JULHO	11		MATER AMANS	PAULINO DE BRITO FILHO
323	1926	JULHO	11		PERFIS EPHEMEROS I	AUREO BARCELOS
324	1926	JULHO	11	NOTA	ANIVERSARIO DE CLOVIS BARBOSA	REDAÇÃO
325	1926	JULHO	11	CHRONICA FEMININA	CARTA	YVONE
326	1926	JULHO	11	PHANTASIAS & REALIDADES	SONHO DE CRIANÇA, MAGUA DE VELHO	CORIOLANO DURAND
327	1926	JULHO	11		S	ALBERTO OLIVEIRA
328	1926	JULHO	11		O DESPOVOAMENTO DO AMAZONAS EM FACE DO PROBLEMA IMMIGRAÇÃO	DR. J.F. ARAUJO LIMA
329	1926	JULHO	11	REPORTAGEM	ÁRGEL	FLAVIO RUBIM
330	1926	JULHO	11		DR. WASHINGTON LUIZ	REDAÇÃO
331	1926	JULHO	11	ESCRITORES AMAZONENSES	BENJAMIN LIMA	REDAÇÃO
332	1926	JULHO	11	ASSUMPTOS ECONOMICOS	OS PROBLEMAS DO AMAZONAS	RAYMUNDO C. MONTEIRO DA COSTA
333	1926	JULHO	11	FOTO	Mme. DR. FLAVIO DE CASTRO	REDAÇÃO
334	1926	JULHO	11		A EMBAIXADA JAPONEZA QUE VISITOU O AMAZONAS ESTE ANNO E O ILUSTRE CONSUL ACREDITADO NESTE ESTADO	REDAÇÃO
335	1926	JULHO	11	NOTA	DR. ANTONIO DRUMMOND DA COSTA	REDAÇÃO
336	1926	JULHO	11	FOTO	SNR. ASCENDINO OLIVEIRA BASTOS E SUA EXMA. CONSORTE D. LUCILLA BERFORD DOS SANTOS	REDAÇÃO
337	1926	JULHO	11	NOTA	ARTE	REDAÇÃO
338	1926	JULHO	11	FOTO	SENADOR WASHINGTON LUIS DE 1907 A 1926	REDAÇÃO

339	1926	JULHO	11	NOTA	UM LIVRO DE VERSOS	COELHO CAVALCANTE
340	1926	JULHO	11	NOTA DE FALECIMENTO	CORONEL MANOEL JOSÉ DE ANDRADE FILHO	REDAÇÃO
341	1926	JULHO	11		PRECOCIDADE RADIOSA	REDAÇÃO
342	1926	JULHO	11	NOTA	SENHORA EPHIGENIO DE SALLES	REDAÇÃO
343	1926	JULHO	11	NOTA DE FALECIMENTO	TENENTE JULIO CHISTOVAM DE AQUINO	REDAÇÃO
344	1926	JULHO	11	NOTA	O NUMERO ESPECIAL - ANUNCIA A PUBLICAÇÃO DE "NA PLANICIE AMAZONICA" - DR. ADRIANO JORGE; "O OUTRO" - BENJAMIN LIMA; E "PARADIGMA DO JORNALISMO SADIO" - CLOVIS BARBOSA	REDAÇÃO
345	1926	JULHO	11	NOTA	ENLACE SERRA-BOTELHO	REDAÇÃO
346	1926	JULHO	11	REPORTAGEM FOTOGRAFICA	O CONGRESSO ODONTOLOGICO DE BUENOS AIRES E O DR. ARISTIDES LEITE , ENVIADO ESPECIAL DE REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
347	1926	JULHO	11	FOTO	COMANDANTE BENICIO TRURY - DELEGADO GERAL DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO DOS INDIOS E O CAPITAO MESSIAS DA TRIBO DOS MUNDURUCUS	REDAÇÃO
348	1926	JULHO	11	NOTA DE FALECIMENTO	DR. ATABYRIO BELLEZA DE AZEVEDO	REDAÇÃO

349	1926	JULHO	11	EXPRESSÕES FURGURANTES E GRACIS DA SOCIEDADE AMAZONENSE	SENHORINHAS RAYMUNDA BOLLNEILL, LUCIA DE M. DE CORDEIRO E LULISA PERDIGÃO	REDAÇÃO
350	1926	JULHO	11	REDEMPÇÃO NO ACRE	FOTO DO CORONEL ANTONIO SABOYA E FAMILIA	REDAÇÃO
351	1926	AGOSTO	ESPECIAL	PAGINAS SADIAS DA LITERATURA AMAZONICA	PARAISO VERDE...	ÁLVARO MAIA
352	1926	AGOSTO	ESPECIAL		A MENSAGEM DO PRESIDENTE DO ESTADO DO AMAZONAS (VARIOS CAPITULOS)	DR. EPHIGENIO FERREIRA DE SALLES
353	1926	AGOSTO	ESPECIAL		TARDE AMAZONICA	THEOPHILO MARINHO
354	1926	AGOSTO	ESPECIAL	NOTA	VIDA AMAZONICA - SUPLEMENTO SEMANAL DE REDEMPÇÃO (brevemente)	REDAÇÃO
355	1926	AGOSTO	ESPECIAL		UMA ORAÇÃO DO DR. ARAUJO LIMA	DR. J.F. ARAUJO LIMA
356	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	SENHORA LUCINA SOEIRO - SOPRANO LIRICO	REDAÇÃO
357	1926	AGOSTO	ESPECIAL	REPORTAGEM	ALVORADO DUM GOVERNO	REDAÇÃO
358	1926	AGOSTO	ESPECIAL		OS CANTOS BARBAROS DO MEU DESLUMBRAMENTO	FRANCISCO PEREIRA
359	1926	AGOSTO	ESPECIAL	REPORTAGEM FOTOGRAFICA	OS NOSSOS ESTABELECIMENTOS DE EDUCAÇÃO ARTISTICA	REDAÇÃO
360	1926	AGOSTO	ESPECIAL		PERFIS EPHEMEROS II	AUREO BARCELOS
361	1926	AGOSTO	ESPECIAL		VIAS FLUVIAES DE COMUNICAÇÃO E TRANSPORTE	AGNELLO BITTENCOURT
362	1926	AGOSTO	ESPECIAL		BENJAMIN LIMA	CLOVIS BARBOSA

363	1926	AGOSTO	ESPECIAL		A IMMIGRAÇÃO JAPONESA	REDAÇÃO
364	1926	AGOSTO	ESPECIAL		DR. WASHINGTON LUIZ	REDAÇÃO
365	1926	AGOSTO	ESPECIAL		OS SURTOS DE UMA OPEROSIDADE RENOVADORA E INTELIGENTE	REDAÇÃO
366	1926	AGOSTO	ESPECIAL	NOTA	CIRCULAÇÃO DE NA PLANICIE AMAZONICA	REDAÇÃO
367	1926	AGOSTO	ESPECIAL		NA PLANICIE AMAZONICA	ADRIANO JORGE
368	1926	AGOSTO	ESPECIAL	SOCIEDADE AMAZONENSE	UM GRUPO DE FORMOSOS E ELEGANTES ELEMENTOS DE NOSSA SOCIEDADE	REDAÇÃO
369	1926	AGOSTO	ESPECIAL		NO RIO NEGRO	RAYMUNDO MONTEIRO
370	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	SENHORA EUCLIDES DIAS	REDAÇÃO
371	1926	AGOSTO	ESPECIAL		PEROLAS GEMEAS	RAYMUNDO NONATO PINHEIRO
372	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	PROFESSOR ALFREDO GARCIA	REDAÇÃO
373	1926	AGOSTO	ESPECIAL	REDEMPÇÃO INFANTIL	MARIA DE LOURDES DOS REMEDIOS CANGALHAS - FILHA DE JOAO PEREIRA CANGALHAS - ARTISTA-GRAPHICO DA PAPELARIA VELHO LINO	REDAÇÃO
374	1926	AGOSTO	ESPECIAL		ZOZO - FILHA DO SR. MANOEL IGREJAS LOPES - MANAOS TRAMWAYS	REDAÇÃO
375	1926	AGOSTO	ESPECIAL	CHRONICA FEMININA	CARTA	FOLHA CORTADA
376	1926	AGOSTO	ESPECIAL	NOTA	MANAOS ARTISTICA - BRANCO SILVA	REDAÇÃO

377	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	YOLANDA E HELENA - FILHAS DE PRUDENCIO BARREIRO GARCIA - COMMERCIO DE MANAOS	REDAÇÃO
378	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	VALERIA - FILHA DE JOAO FACUNDO DO VALLE - GUARDA-LIVROS NOS ARMAZENS PALACIO REAL	REDAÇÃO
379	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	MANAOS - EDIFICIO DO GYMNASIO AMAZONENSE D. PEDRO II	REDAÇÃO
380	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	DIRETOR DO GYMNASIO AMAZONENSE D. PEDRO II	REDAÇÃO
381	1926	AGOSTO	ESPECIAL	ASSUMPTOS COMMERCIAES	CAMBIO, BORRACHA... E CRISE	COSME FERREIRA FILHO
382	1926	AGOSTO	ESPECIAL	CARTA	DE BENJAMIN LIMA A CLOVIS BARBOSA	BENJAMIN LIMA
383	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	ATRAVES DA HISTORIA - GRUPO POLÍTICO QUANDO DA VISITA DE AFFONSO PENNA	REDAÇÃO
384	1926	AGOSTO	ESPECIAL		O CONGRESSO ODONTOLOGICO DE BUENOS AIRES	ARISTIDES LEITE
385	1926	AGOSTO	ESPECIAL		A IMPRENSA BRAZILEIRA NO CONGRESSO DE WASHINGTON (PARA REDEMPÇÃO)	A ECLETICA
386	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	HOMENAGEM DOS FUNCIONARIOS FEDERAIS AO PRESIDENTE DA REPUBLICA	REDAÇÃO

387	1926	AGOSTO	ESPECIAL	NOTA	ANIVERSARIO DE PRUDENCIO BARREIRO GARCIA	REDAÇÃO
388	1926	AGOSTO	ESPECIAL		AMAZONAS FOR EVER!	CARLOS MESQUITA
389	1926	AGOSTO	ESPECIAL	REDEMPÇÃO ESPORTIVA	PRIMEIRA DIVISÃO DO CLUB NEGRO	REDAÇÃO
390	1926	AGOSTO	ESPECIAL	PHANTASIAS & REALIDADES	O FIM DE UMA LOUCURA	ARGEMIRO JORGE
391	1926	AGOSTO	ESPECIAL	NOTA	JORGE ANDRADE	REDAÇÃO
392	1926	AGOSTO	ESPECIAL	AS NOSSAS NORMALISTAS	MARIA LEONOR DE VASCONCELOS DIAS	REDAÇÃO
393	1926	AGOSTO	ESPECIAL		OS ULTIMOS EXAMES DO "CURSO DE DACTYLOGRAPHIA ROYAL"	REDAÇÃO
394	1926	AGOSTO	ESPECIAL	FOTO	GABRIEL CLEMENTE PEREIRA	REDAÇÃO
395	1926	AGOSTO	ESPECIAL		A MENSAGEM DO PREFEITO DE MANAÓS (VARIOS CAPITULOS)	DR. J.F. ARAUJO LIMA
ANO III						
396	1926	DEZEMBRO	12		CONTO DE NATAL	JOÃO LUSO
397	1926	DEZEMBRO	12		NATAL	MANOEL BANDEIRA
398	1926	DEZEMBRO	12		NATAL DOS POBRESINHOS	HERMES FONTES
399	1926	DEZEMBRO	12		A FESTA DAS AGUAS	RAYMUNDO MORAES
400	1926	DEZEMBRO	12		ARVORE DE NATAL	RAUL LEONI
401	1926	DEZEMBRO	12		NOITE DE NATAL	ALOYSIO DE CASTRO
402	1926	DEZEMBRO	12		NOEL	RAYMUNDO MONTEIRO
403	1926	DEZEMBRO	12		NATAL	ADRIANO JORGE
404	1926	DEZEMBRO	12		O MEU ANNIVERSARIO (PARA ADRIANO JORGE)	CORIOLANO DURAND
405	1926	DEZEMBRO	12		NATAL NAS SELVAS	FRANCISCO PEREIRA
406	1926	DEZEMBRO	12		RECOMPENSA	FOLHA CORTADA
407	1926	DEZEMBRO	12		PERFIS EPHEMEROS III	AUREO BARCELOS
408	1926	DEZEMBRO	12		NATAL	ARGEMIRO JORGE

409	1926	DEZEMBRO	12	CHRONICA FEMININA	SOCIEDADE MANAUENSE E SOCIEDADE ITACOATIARENSE	MULATINHA COELHO
410	1926	DEZEMBRO	12		SIN SABER POR QUÉ...	MARGOT GUEZÚRAGA
411	1926	DEZEMBRO	12	PHANTASIAS & REALIDADES	O ULTIMO PRESENTE DE PAPA E NATAL	MEDEIROS E ALBUQUERQUE
412	1926	DEZEMBRO	12	UMA LINDA FESTA	AFEIÇÃO E ARTE (HOMENAGEM A ADRIANO JORGE)	CLOVIS BARBOSA
413	1926	DEZEMBRO	12			DR. J.F. ARAUJO LIMA
414	1926	DEZEMBRO	12			ÁLVARO MAIA
415	1926	DEZEMBRO	12	ESCRITORES AMAZONENSES	AURELIO PINHEIRO	REDAÇÃO
416	1926	DEZEMBRO	12	NOTA	SOBRE A REDEMPÇÃO	ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO AMAZONAS
417	1926	DEZEMBRO	12	FOTO	REDEMPÇÃO EM PERNAMBUCO CONTRA LAMPEÃO	REDAÇÃO
418	1926	DEZEMBRO	12	NOTA	REDEMPÇÃO SOBRE A PUBLICAÇÃO DE JANEIRO	REDAÇÃO
419	1926	DEZEMBRO	12	OS NOSSOS COLABORADORES	PE. NOE GUALBERTO DE LIMA	REDAÇÃO
420	1926	DEZEMBRO	12	REDEMPÇÃO INFANTIL	EUNICE E MARIA LYGIA - FILHAS DO SR. ANTONIO FERNANDEZ MARTINES - CONSUL DA BOLIVIA	REDAÇÃO
421	1926	DEZEMBRO	12	FOTO	MARIA AMELIA LOYAZA - POETIZA E POLYGLOTA	REDAÇÃO

422	1926	DEZEMBRO	12	FUNCCIONARIOS FEDERAES	DRS. SEBASTIAO CAVALCANTE DE ALBUQUERQUE - DELEGADO FISCAL DO THESSOURO NACIONAL E JORNALISTA E RAYMUNDO BORBA - SECRETARIO DA DELEGACIA FISCAL E ADVOGADO	REDAÇÃO
423	1926	DEZEMBRO	12	SOCIEDADE AMAZONENSE	SENHORITAS MARIA ANTONIETA E LUCIMAR LEAL DE OLIVEIRA - FILHAS DE SR. ANTONIO LEAL DE OLIVEIRA - COMERCIANTE	REDAÇÃO
424	1926	DEZEMBRO	12	NOTA	ANIVERSARIO DO JORNALISTA AGGEU DA COSTA RAMOS	REDAÇÃO
425	1926	DEZEMBRO	12	FOTO	ALFREDO MARQUES DA SILVEIRA	REDAÇÃO
426	1926	DEZEMBRO	12	NOTA	MANOEL ORTIZ EM MANAOS	REDAÇÃO
427	1926	DEZEMBRO	12	NOTA TRISTE	FALECIMENTO DE LINDALVA BASTOS - CANTORA	O.V.
428	1926	DEZEMBRO	12	FOTO	PE. ANANIAS CAMARA - VIGARIO DA CATHEDRAL N.S. DA CONCEIÇÃO	REDAÇÃO
429	1926	DEZEMBRO	12	FOTO	DR. JOÃO RODRIGUES COELHO	REDAÇÃO
430	1927	JANEIRO	13		O SALTO DA CACHOEIRA GRANDE	Maria Sabina
431	1927	JANEIRO	13	DA MENSAGEM DO PREFEITO DE MANAOS	PROBLEMA AGRICOLA	DR. J.F. ARAUJO LIMA
432	1927	JANEIRO	13		SENTENÇA CONTRA EDWARD BINGHAM KIRK I	DR. ARTHUR CARVALHO DO PASSO

433	1927	JANEIRO	13		AS SOLTEIRONAS I	BARBOSA LIMA SOBRINHO
434	1927	JANEIRO	13		SENTENÇA CONTRA EDWARD BINGHAM KIRK II	DR. ARTHUR CARVALHO DO PASSO
435	1927	JANEIRO	13	NOTA	SUSPENSÃO DAS PROPAGANDAS DO AU BON MARCHÉ	REDAÇÃO
436	1927	JANEIRO	13		BALADA ROMANTICA (MARIA SADINA)	ADRIANO JORGE
437	1927	JANEIRO	13	QUATRO SONETOS DE DA COSTA E SILVA	SAUDADE	DA COSTA E SILVA
438	1927	JANEIRO	13		NATUREZA SOFREDORA	DA COSTA E SILVA
439	1927	JANEIRO	13		SYMBOLO	DA COSTA E SILVA
440	1927	JANEIRO	13		ADEUS À VIDA	DA COSTA E SILVA
441	1927	JANEIRO	13		O ESPIRITO MODERNO	ANGELO GUIDO
442	1927	JANEIRO	13		O MARISCADOR	RAYMUNDO MORAES
443	1927	JANEIRO	13	NOTA	SOBRE ALVES DE SOUZA	REDAÇÃO
444	1927	JANEIRO	13		O "ALIO"	MARIO DE ANDRADE
445	1927	JANEIRO	13	NOTA	SOBRE ADRIANO JORGE	REDAÇÃO
446	1927	JANEIRO	13	NOTA	SOBRE MARIO DE ANDRADE	GRAÇA ARANHA
447	1927	JANEIRO	13	NOTA	INCLUSAO DE WALDEMAR PEDROSA AO QUADRO DE REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
448	1927	JANEIRO	13	NOTA	NOMEAÇÃO DE CLOVIS BARBOSA	REDAÇÃO
449	1927	JANEIRO	13		FORMATURA NO SOLON DE LUCENA E NO GYMNASIO AMAZONENSE	REDAÇÃO
450	1927	JANEIRO	13	NOTA	REDEMPÇÃO - NA PROXIMA EDIÇÃO ARTIGOS DE ARTHUR COELHO (ASSUNTOS CINEMATOGRAFICOS)	REDAÇÃO
451	1927	JANEIRO	13		ANCIA INUTIL	REMIGIO FERNANDEZ
452	1927	JANEIRO	13		BANDEIRANTE	REMIGIO FERNANDEZ

453	1927	JANEIRO	13		UNE PAGE	WALDEMAR PEDROSA
454	1927	JANEIRO	13	PHANTASIAS & REALIDADES	WU MENG	FRANCISCO A. LOYAZA
455	1927	JANEIRO	13		AS SOLTEIRONAS II	BARBOSA LIMA SOBRINHO
456	1927	JANEIRO	13	NOTA	SOLICITANDO QUE OS ASSINANTES QUE TIVEREM RECLAMAÇÕES, ENVIEM CARTA AO GERENTE DA REVISTA	REDAÇÃO
457	1927	JANEIRO	13	NOTA	PROPAGANDA DO JORNAL AMAZONIDA	REDAÇÃO
458	1927	JANEIRO	13	FOTO	MANAOS	REDAÇÃO
459	1927	JANEIRO	13	FOTO	ZULMIRA MENEZES	REDAÇÃO
460	1927	JANEIRO	13	FOTO	VISITA A CACHOEIRA DO TARUMA-MIRY	REDAÇÃO
461	1927	JANEIRO	13	AS GRANDES FIGURAS DAS LETRAS PARAENSES	ALFREDO LADISLAU (FOTO)	REDAÇÃO
462	1927	JANEIRO	13	NOTA	BOLETIM AGRICOLA	REDAÇÃO
463	1927	JANEIRO	13	NOTA	VIAGEM A ESPANHA DE ANTONIO FERNANDEZ MARTINEZ	REDAÇÃO
464	1927	JANEIRO	13		ANGELO GUIDO, SUMMO INTERPRETE DA COR AMAZONICA	DR. J.F. ARAUJO LIMA
465	1927	JANEIRO	13	NOTA	SOBRE DR. ARTHUR CARVALHO DO PASSO QUE CUIDA DO PROCESSO DE DESACATO AO DR. EPHIGENIO SALLES	REDAÇÃO
466	1927	JANEIRO	13	NOTA	SOBRE RAYMUNDO MORAES	REDAÇÃO
467	1927	JANEIRO	13	FOTO	COMENDADOR MATTOS AREOSA	REDAÇÃO

468	1927	JANEIRO	13	FOTO	ENLACES NA ESCOLA MANAUENSE	REDAÇÃO
469	1927	JANEIRO	13	FOTO	PIC NIC NO TARUMÃ	REDAÇÃO
470	1927	JANEIRO	13		SENTENÇA CONTRA EDWARD BINGHAM KIRK III	DR. ARTHUR CARVALHO DO PASSO
471	1927	JANEIRO	13		HA-TCHIM	HUMBERTO DE CAMPOS
472	1927	NOVEMBRO	14	EDITORIAL	O CARRIÇA	CORIOLANO DURAND
473	1927	NOVEMBRO	14		EXCERPTO	CLOVIS BARBOSA
474	1927	NOVEMBRO	14		DESOBSTRUÇÃO DOS RIOS DA ALTA REGIÃO ACREANA	FELIPE DUARTE
475	1927	NOVEMBRO	14	UM CONTO	MARTYRIOS IGNORADOS	ERNESTA V. WEBER DE CASTRO
476	1927	NOVEMBRO	14		O GUARANÁ	LUCANO ANTONY
477	1927	NOVEMBRO	14		BROCHE	RUBEM DARIO
478	1927	NOVEMBRO	14		UMA CARTA DE ANGELO GUIDO	ANGELO GUIDO
479	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	SEM VALOR PARA TROCO	REDAÇÃO
480	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	A BIBLIA DO THIBET	REDAÇÃO
481	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	SOBRE DR. RAUL LEITE	REDAÇÃO
482	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	NOVO FORMATO DA REDEMPÇÃO	REDAÇÃO
483	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	ROSALIA BEATRIZ	REDAÇÃO
484	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	DIONISIO BENTES	REDAÇÃO
485	1927	NOVEMBRO	14	POEMA	SEM TITULO	HEITOR VERIDIANO
486	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	UMA FIGURA QUERIDISSIMA NA AMAZONIA	REDAÇÃO
487	1927	NOVEMBRO	14	DA CIDADE DA BELLEZA E DA AMARGURA	OS HOSPITAES	CAMPOS RIBEIRO
488	1927	NOVEMBRO	14		SIGNO	OSWALDO SANTIAGO
489	1927	NOVEMBRO	14	UM CAPITULO INEDITO DO NOVO LIVRO DE RAYMUNDO MORAES: CARTAS DA FLORESTA	O PUTIRUM	RAYMUNDO MORAES
490	1927	NOVEMBRO	14	REPORTAGEM	MONSTRO BOTANICO	REDAÇÃO
491	1927	NOVEMBRO	14		O PAU DARCO	SEVERINO SILVA
492	1927	NOVEMBRO	14	GRAVURA	CHOPIN	REDAÇÃO

493	1927	NOVEMBRO	14		GEOGENIA AMAZONICA	ALFREDO LADISLAU
494	1927	NOVEMBRO	14		SONETO	DJARD MENDONÇA
495	1927	NOVEMBRO	14	FOTO	DRA. SARAH BENOLIEL	REDAÇÃO
496	1927	NOVEMBRO	14	ELITE AMAZONENSE	SENHORA ALFREDO DA MOTTA	REDAÇÃO
497	1927	NOVEMBRO	14		SENHORA PAULO ELEUTHERIO	REDAÇÃO
498	1927	NOVEMBRO	14		SENHORA LUCANO ANTONY	REDAÇÃO
499	1927	NOVEMBRO	14		O M DAS MÁOS	I. XAVIER DE CARVALHO
500	1927	NOVEMBRO	14	CAPITULO DO LIVRO EM PREPARAÇÃO: PHILOSOFIA BIOLOGICA	À MARGEM DO CONCEITO DE EVOLUÇÃO	ADRIANO JORGE
501	1927	NOVEMBRO	14		AS BORBOLETAS DA LUA	AMERICO ANTONY
502	1927	NOVEMBRO	14		AS BORBOLETAS DO SOL	AMERICO ANTONY
503	1927	NOVEMBRO	14		JANGADA DE CEDROS	ÁLVARO MAIA
504	1927	NOVEMBRO	14		CARTA ABERTA SOBRE A LITTERATURA E O ALCOOL - PARTE 1	SANTANNA MARQUES
505	1927	NOVEMBRO	14		A GRANDE AMAZONIA: TRANSPORTES E COLONIZAÇÃO	FRAN PACHECO
506	1927	NOVEMBRO	14		CAMPO SECCO	JULIO OLYMPIO
507	1927	NOVEMBRO	14		REZA DOS SINOS	BRUNO DE MENEZES
508	1927	NOVEMBRO	14	NOTA DE FALECIMENTO	DR. CICERO COSTA	REDAÇÃO
509	1927	NOVEMBRO	14		UM BILHETE	CICERO COSTA
510	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	REDEMPÇÃO EXPLICA O ATRASO DAS PUBLICAÇÕES	REDAÇÃO
511	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	ANIVERSARIO DO JORNAL O DIA	REDAÇÃO
512	1927	NOVEMBRO	14		PERFIS EPHEMEROS IV	HUASCAR DE FIGUEIREDO
513	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	CLAUDIO DE ARAUJO LIMA	REDAÇÃO
514	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	SOBRE HENRY FORD	REDAÇÃO

515	1927	NOVEMBRO	14	FOTO	ERNESTA V. WEBER DE CASTRO	REDAÇÃO
516	1927	NOVEMBRO	14		SAMAUMEIRA MORTA	FRANCISCO PEREIRA
517	1927	NOVEMBRO	14		OS DISPENSARIOS MEDICOS DA HYGIENE ESCOLAR	DR. ALFREDO DA MATTÁ
518	1927	NOVEMBRO	14	UM SONETO INEDITO DE RAYMUNDO MONTEIRO	AMANHECER NO AMAZONAS	RAYMUNDO MONTEIRO
519	1927	NOVEMBRO	14	REDEMPÇÃO INFANTIL	CISINO - FILHO DE ISAIAS SALLES DE FARIAS	REDAÇÃO
520	1927	NOVEMBRO	14		MARIETA - FILHA DE OSWALDO VIANNA	REDAÇÃO
521	1927	NOVEMBRO	14		VIVI - FILHA DE FRANCISCO DE MATTOS GRANGEIRO	REDAÇÃO
522	1927	NOVEMBRO	14		BELEM VOS QUERO!	MARIO DE ANDRADE
523	1927	NOVEMBRO	14		POEMA DO CARROUSSEL-PHANTASMA	DA COSTA E SILVA
524	1927	NOVEMBRO	14		EMOÇÕES DO TOCANTINS	PAULO ELEUTHERIO
525	1927	NOVEMBRO	14		ORAÇÃO DO MEU ORGULHO	ENEIDA MORAES
526	1927	NOVEMBRO	14		UM DISCURSO MAGNIFICO DO COMENDADOR ANTONIO FACIOLA	ANTONIO FACIOLA
527	1927	NOVEMBRO	14	NOTA	ENLACE AGUIAR-LORETTI	REDAÇÃO
528	1927	NOVEMBRO	14	FOTO	ESTRELAS DE PRIMEIRA GRANDEZA DA SCENA MUDA	REDAÇÃO
529	1927	NOVEMBRO	14		CARTA ABERTA SOBRE A LITTERATURA E O ALCOOL - PARTE 2	SANTANNA MARQUES
ANO I						
SEGUNDA FASE REVISTA REDEMPÇÃO 1931 - 1932						
529	1931	1.JANEIRO	1	FOTO	ÁLVARO MAIA - INTERVENTOR FEDERAL	REDAÇÃO
530	1931	1.JANEIRO	1	ILEGÍVEL	Sinos do anno bom	Huascar de Figueiredo

531	1931	1.JANEIRO	1	FOTO	FRANCISCO PEREIRA DA SILVA- JORNALISTA	REDAÇÃO
532	1931	1.JANEIRO	1	FOTO	JOSÉ HENRIQUES CORDEIRO JUNIOR - TENENTE CORONEL	
533	1931	1.JANEIRO	1		DR. JOSÉ ALVES DE SOUZA BRASIL - PROFESSOR DE DIREITO	
534	1931	1.JANEIRO	1	NOTA	FRANCISCO TAVARES - CHEFE DE POLÍCIA	REDAÇÃO
535	1931	1.JANEIRO	1	NOTA	TENENTE CORONEL FLORIANO MACHADO - HEROI	REDAÇÃO
536	1931	1.JANEIRO	1	NOTA	ANTONIO PALHANO	REDAÇÃO
537	1931	1.JANEIRO	1		Em Campo aberto	ÁLVARO MAIA
538	1931	1.JANEIRO	1		A contricção de um monstro	Ferreira sobrinho
539	1931	1.JANEIRO	1	CAMARA ARDENTE	Retrospecto politico de um farçante	A.C.
540	1931	1.JANEIRO	1		Uma hora de palestra com o projenitor do general Juarez Tavora	Desconhecido
541	1931	1.JANEIRO	1		Retrospecto politico de um farçante (conclusão)	A.C.
542	1931	1.JANEIRO	1	NOTA	SOBRE AS CIRCUNSTANCIAS IMPREVISTAS QUE DETERMINARAM A MA IMPRESSÃO DA REVISTA.	REDAÇÃO
543	1931	1.JANEIRO	1	PARTITURA	Hymno a Joao de Pessoa - o Proto - Martyr da Revolução	EDUARDO SOUTO
544	1931	8. JANEIRO	2	EDITORIAL	Romance	Annibal Machado
545	1931	8. JANEIRO	2	NOTA	SOBRE O EXITO DA PUBLICAÇÃO DA SEGUNDA FASE.	REDAÇÃO
546	1931	8. JANEIRO	2	NOTA	SOBRE O ANIVERSARIO DE 27 ANOS DO JORNAL DO COMERCIO	REDAÇÃO
547	1931	8. JANEIRO	2	JORNALISTAS DA REVOLUÇÃO	FOTO DE AFFONSO JUSTO CHERNONT - GERENTE PROPRIETARIO DO ESTADO DO PARÁ	REDAÇÃO

548	1931	8. JANEIRO	2	NOTA	SANTANNA MARQUES, PROFESSOR E SECRETARIO DE O ESTADO DO PARÁ, FOI NOMEADO INSPETOR DO GYMNASIO PAES DE CARVALHO	REDAÇÃO
549	1931	8. JANEIRO	2	NOTA	NOMEAÇÃO A PREFEITO DE PARINTINS, O DR. LEOPOLDO AMORIM DA SILVA NEVES	REDAÇÃO
550	1931	8. JANEIRO	2		Os heróes da grande marcha: A columna prestes	REDAÇÃO
551	1931	8. JANEIRO		FOTO	ELVETTE PEREIRA - CRIANÇA	REDAÇÃO
552	1931	8. JANEIRO	2		Meu Budha	Myriam Moraes
553	1931	8. JANEIRO	2	PARTITURA	AMAZONIDA: FROK TROT, HOMENAGEM À MAGNIFICA REVISTA DE CARLOS MESQUITA	HORMISDAS OLIVEIRA
554	1931	8. JANEIRO	2		Grandeza e decadencia dum macaco de circo	A.C.
555	1931	8. JANEIRO	2		Pamphleto	Renato Vianna
556	1931	8. JANEIRO	2		DISCURSO: QUANDO O POVO DE MANAÓS INAUGURAVA A AVENIDA JUAREZ TAVORA	Francisco Pereira
557	1931	8. JANEIRO	2		À MARGEM DO ORÇAMENTO PARA 1931	ÁLVARO MAIA
558	1931	15. JANEIRO	3	EDITORIAL	Heliana	SANTANNA MARQUES
559	1931	15. JANEIRO	3	NOTA	RESPOSTA À NOTA	GASTÃO DE CASTRO
560	1931	15. JANEIRO	3	JORNALISTAS DA REVOLUÇÃO	FOTO DE DR. CARLOS DE LIMA CAVALCANTI	REDAÇÃO
561	1931	15. JANEIRO	3	FOTOS: O SUPERIOR	DESEMBARGADOR ARTHUR VIRGILIO	REDAÇÃO
562	1931	15. JANEIRO	3	TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO AMAZONAS	DESEMBARGADOR RAYMUNDO PESSOA	REDAÇÃO
563	1931	15. JANEIRO	3	APÓS A REVOLUÇÃO	DESEMBARGADOR GASPAR ANTONIO VIEIRA GUIMARÃES	REDAÇÃO

564	1931	15. JANEIRO	3	FOTOS: O SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO AMAZONAS APÓS A REVOLUÇÃO	DR. ANDRÉ VIDAL DE ARAÚJO - JUIZ DE DIREITO DE MANACAPURÚ, SERVINDO COMO PROCURADOR GERAL DO ESTADO	REDAÇÃO
565	1931	15. JANEIRO	3		As horas lentas	Huascar de Figueiredo
566	1931	15. JANEIRO	3	CAMARA ARDENTE	O CONTÍNUO QUE AQUI FOI DOUTOR (início)	Jornal do Commercio
567	1931	15. JANEIRO	3		Ritual politico com exorcismos publicos	Aldo Moraes
568	1931	15. JANEIRO	3	Palestra	Sobre Hygiene dentaria	ARISTIDES LEITE
569	1931	15. JANEIRO	3		ADEUS, SÃO LUIZ	CLOVIS BARBOSA
570	1931	15. JANEIRO	3	UM CONTO	A hora da morte de Margarida Loria (inicio)	Abguar Bastos
571	1931	15. JANEIRO	3	CAMARA ARDENTE	O CONTÍNUO QUE AQUI FOI DOUTOR (continuação)	Jornal do Commercio
572	1931	15. JANEIRO	3	FIM DE UM CONTO	A hora da morte de Margarida Loria (fim)	Abguar Bastos
573	1931	24.Janeiro	4	Editorial	A gloria do cangaço	Huascar de Figueiredo
574	1931	24.Janeiro	4	Editorial	A terceira república (inicio)	Abguar Bastos
575	1931	24.Janeiro	4	ALTA SOCIEDADE	FOTO DA SENHORA HAMILTON MOURÃO	REDAÇÃO
576	1931	24.Janeiro	4	POEMA E ILUSTRAÇÃO	A ORAÇÃO DA ULTIMA IÇAMIABA	Francisco pereira
577	1931	24.Janeiro			ILUSTRAÇÃO DE BRANCO SILVA	BRANCO SILVA
578	1931	24.Janeiro	4		O milagre das estrellas	Kilde Veras
579	1931	24.Janeiro	4	CAMARA ARDENTE	Voos vertiginosos duma curica	A.C.
580	1931	24.Janeiro	4		FOTOS: ASPECTOS DE MANAOS	REDAÇÃO
581	1931	24.Janeiro	4	Palestra	Sobre Hygiene dentaria	ARISTIDES LEITE
582	1931	24.Janeiro	4		Perplexidade	Manoel Bandeira
583	1931	24.Janeiro	4		A terceira república (continuação)	Abguar Bastos
584	1931	24.Janeiro	4	UM CONTO	A morte do alegre Fulgencio (continuação)	Luiz da Camara Cascudo
585	1931	24.Janeiro	4	CAMARA ARDENTE	Voos vertiginosos duma curica (continuação)	A.C.
586	1931	24.Janeiro	4		O POKER NÃO É JOGO DE ASAR,	PITIGRILLI

587	1931	24.Janeiro	4	UM CONTO	A morte do alegre Fulgencio (inicio)	Luiz da Camara Cascudo
588	1931	31. Janeiro	5	Editorial	Flores de papoula	Huascar de Figueiredo
589	1931	31. Janeiro	5	Editorial	Eleita da Belleza: VOTO DO CONCURSO	J. Ferreira Sobrinho
590	1931	31. Janeiro	5	ALTA SOCIEDADE	FOTO DA SENHORITA LOLITA PERDICÃO	REDAÇÃO
591	1931	31. Janeiro	5	UMA AUTORIDADE, UMA SOCIAL, UM AMIGO DA	TENENTE ENGENHEIRO ARNALTA MATTA - DELEGADO AUXILIAR	REDAÇÃO
592	1931	31. Janeiro	5	"REDEMPÇÃO" E A NOTA ARTISTICA DA SEMANA	FOTO DA SENHORITA DINORALIA MACHADO - FILHA DO SNR. CARLOS MACHADO	REDAÇÃO
593	1931	31. Janeiro	5	UMA AUTORIDADE, UMA SOCIAL, UM AMIGO DA	FOTO DA MENINA ELVETTE AFFONSO PEREIRA - DECLAMADORA	REDAÇÃO
594	1931	31. Janeiro	5	"REDEMPÇÃO" E A NOTA ARTISTICA DA SEMANA	NOTA SOBRE O CORONEL ALFREDO MARQUES DA SILVEIRA- APONTA QUE A REVISTA REDEMPÇÃO TEVE A PAUSA ENTRE 1927 A 1931 POR CONTA DO DESGOSTO COM O GOVERNO EPHIGENIO SALLES E COM A SEGUNDA REPÚBLICA TEVE FORÇAS PARA RESSUSCITAR.	REDAÇÃO
595	1931	31. Janeiro	5		Refrão do trem Nocturno	Da Costa e Silva
596	1931	31. Janeiro	5		Veronica	Clovis Barbosa
597	1931	31. Janeiro	5	FOTO	MANAÓS: AVENIDA EDUARDO RIBEIRO	REDAÇÃO
598	1931	31. Janeiro	5	Palestra	Sobre Hygiene dentaria (CONCLUSÃO)	Aristides Leite
599	1931	31. Janeiro	5	NOTA	REDEMPÇÃO VAE HOMENAGEAR AS CRIANÇAS LINDAS E ROBUSTAS DO AMAZONAS. PUBLIQUE NESTE SEMANARIO, O CLICHÉ DO SEU FILHINHO	REDAÇÃO
600	1931	31. Janeiro	5	Uma obra prima do conto brasileiro	O segredo de mauer (conclusão)	Roquette Pinto

601	1931	31. Janeiro	5	FOTO	ATRAVÉS DOS ARREDORES DA CIDADE	REDAÇÃO
602	1931	31. Janeiro	5	O CLUB DE SORTEIO MAIS ACREDITADO EM MANÓS	"A LUCTA SOCIAL" ENTREVISTA O REPRESENTANTE DA "CASA PAULISTA", NESTA CAPITAL	JORNAL LUCTA SOCIAL
603	1931	31. Janeiro	5	PROPAGANDA	O SEU SNOBISMO É DUM RIDICULO LASTIMAVEL. VOCÊ PREFERE OS PRODUCTOS DE FÓRA, QUANDO SE TEM A MESMA COUSA PRODUZIDA NA SUA CIDADE, A PREÇOS MENORES. POR QUE VOCÊ NÃO CONSOME APENAS A CERVEJA AMAZONENSE?	REDAÇÃO
604	1931	31. Janeiro	5	Um Conto	O segredo de mauer (inicio)	Roquette Pinto
605	1931	07.FEVEREIRO	6	NOTA	AVISO DE ABERTURA DE CONCURSO: QUAES SÃO AS CRIANÇAS MAIS FORMOSAS, MAIS ROBUSTAS DO AMAZONAS? - " PATRICIO VENERAVEL PELO PATRIOTISMO COM QUE POVOA SUA TERRA SEM FIM! PATRICIO ADMIRÁVEL QUE APERFEIÇO A RAÇA BRASILEIRA! TRAGA O CLICHÉ DO SEU FILHINHO PARA O ENCANTAMENTO DOS LEITORES DE REDEMPÇÃO.	REDAÇÃO
606	1931	07.FEVEREIRO	6	Editorial	Jazz-Grotesco	Carlos Chiacchio
607	1931	07.FEVEREIRO	6	EDITORIAL	Cidade de colonos e cabanos	Abguar Bastos
608	1931	07.FEVEREIRO	6	ARTISTAS AMAZONENSES	SENHORITA LINDALZA ORTIZ - PIANISTA	REDAÇÃO
609	1931	07.FEVEREIRO	6		A GLORIA DO VIOLÃO	CLOVIS BARBOSA
610	1931	07.FEVEREIRO	6	NOTA	FALECIMENTO DE BERNARDO DE AZEVEDO DA SILVA RAMOS	REDAÇÃO

611	1931	07.FEVEREIRO	6		CONTRA O ANALFABETISMO - 5/2/31	André Araujo
612	1931	07.FEVEREIRO	6		UM FRAQUE : NOVELLA DUM DEPRIMIDO - MAIO 1930 (PARA ABGUAR BASTOS)	Clovis Barbosa
613	1931	07.FEVEREIRO	6	FOTO	MANAÓS: PRAÇA SANTOS DUMONT - CONSTRUIDA NA ADMINISTRAÇÃO ARAUJO LIMA	REDAÇÃO
614	1931	07.FEVEREIRO	6		Navio perdido	Huascar de Figueiredo
615	1931	07.FEVEREIRO	6		Um fraque (continuação)	Clovis Barbosa
616	1931	07.FEVEREIRO	6		Pelo preparo do dentista	Aristides Leite
617	1931	07.FEVEREIRO	6		REDEMPÇÃO	Ribamar pereira
618	1931	07.FEVEREIRO	6	Os contos dos escriptores novos	O Bôto(inicio)	Braga Montenegro
619	1931	07.FEVEREIRO	6	Os contos dos escriptores novos	O Bôto (continuação)	Braga Montenegro
620	1931	14. FEVEREIRO	7		A exposição dos municipes de Caruary ao Interventor Federal sobre o restabelecimento desse extinto Municipio	Desconhecido
621	1931	14. FEVEREIRO	7	Editorial	Carnaval do homem-mulher	Clovis Barbosa
622	1931	14. FEVEREIRO	7		FOTO DE THEREZINHA - ENCANTO DO CASAL DR. JOSÉ AUGUSTO DE MENEZES CASTRO	REDAÇÃO
623	1931	14. FEVEREIRO	7	OS MAIORES PRESTIGIOS DE CARAUARY	FOTO DE SENHORA HERMIGIO BARBOSA - UMA DAS MAIS BRILHANTES ALUMNAS DA ESCOLA DE PINTURA PEDRO AMÉRICO. DESTINGUI-SE NA PINTURA A OLEO. TEM CRIAÇÕES DE MESTRE	REDAÇÃO

624	1931	14. FEVEREIRO	7		FOTO: ESTE RUY BARBOSA COMPROMETEU-SE A GLORIFICAR O CASAL CLOVIS BRASIL	REDAÇÃO
625	1931	14. FEVEREIRO	7		FOTO DE IGNEZ FILHINHA DO CASAL JOSÉ SANTANNA BARROS	REDAÇÃO
626	1931	14. FEVEREIRO	7		FOTO DE RUTH - FILHINHA DO CASAL ANTONIO RODRIGUEZ	REDAÇÃO
627	1931	14. FEVEREIRO	7		FOTO- FILHOS DO MEDICO PARAENSE DR. RAYMUNDO CRUZ MOREIRA	REDAÇÃO
628	1931	14. FEVEREIRO	7		A faceta por que te olho, carnaval	Myriam Moraes
629	1931	14. FEVEREIRO	7		De volta	Raymundo Monteiro
630	1931	14. FEVEREIRO	7	FOTOS	FOTO DE EDNA FRAZÃO RIBEIRO - TYPO CLASSICO DA BELLEZA AMAZONENSE	REDAÇÃO
631	1931	14. FEVEREIRO	7	FOTOS	FOTO PALACIO RIO NEGRO	REDAÇÃO
632	1931	14. FEVEREIRO	7	FOTOS	FOTO POR-DE-SOL NA BAHIA DO RIO NEGRO	REDAÇÃO
633	1931	14. FEVEREIRO	7	FOTOS	FOTO DA FABRICA DE CERVEJA AMAZONENSE	REDAÇÃO
634	1931	14. FEVEREIRO	7	NOTA	MANAÓS- CIDADE ENCANTADA	REDAÇÃO
635	1931	14. FEVEREIRO	7		A arvore que soube morrer	Francisco Pereira
636	1931	14. FEVEREIRO	7		Um livro interessante	Carlos Chauvin
637	1931	14. FEVEREIRO	7	UM CONTO REAL	Tio Joaquim (FIM)	Ferreira sobrinho
638	1931	14. FEVEREIRO	7		Um livro interessante (continuação)	Carlos Chauvin
639	1931	14. FEVEREIRO	7	NOTA	CONCURSO: QUAES SÃO AS CRIANÇAS MAIS FORMOSAS, MAIS ROBUSTAS DO AMAZONAS.	REDAÇÃO
640	1931	14. FEVEREIRO	7		A exposição dos municipes de Caruary ao Interventor Federal sobre o restabelecimento desse extincto Municipio (Conclusão)	REDAÇÃO
641	1931	14.	7	Um conto real	Tio Joaquim (INICIO)	Ferreira sobrinho

		FEVEREIRO				
642	1931	21. FEVEREIRO	8	Uma página de Clovis Barbosa	Festa da Brasilidade	Clovis Barbosa
643	1931	21. FEVEREIRO	8	Editorial	Pensamentos & Paradoxos	FRANCISCO A. LOYAZA
644	1931	21. FEVEREIRO	8	A ALTA SOCIEDADE ATRAVÉS DO ESPLendor DO VIOLÃO	NOTA DE ANIVERSÁRIO DE LIMIRIO DE ARAUJO COSTA	REDAÇÃO
645	1931	21. FEVEREIRO	8		FOTO DA SENHORITA ANGELES GIL - MARAVILHA DA RIMA ARTISTICA DE GIL RUIZ	REDAÇÃO
646	1931	21. FEVEREIRO	8		FOTO DA SENHORITA MARIA ENIO LYRA - FILHA DE MANOEL LYRA	REDAÇÃO
647	1931	21. FEVEREIRO	8		Castanheiras Floridas (INICIO)	Huascar de Figueiredo
648	1931	21. FEVEREIRO	8	O CARNAVAL AGORA É UMA SAUDADE	O carnaval agora é uma saudade	REDAÇÃO
649	1931	21. FEVEREIRO	8		FOTO DA SOCIEDADE DO IDEAL CLUB, NO SABBADO GORDO	REDAÇÃO
650	1931	21. FEVEREIRO	8		FOTO DE THEREZINHA - FILHA DO CASAL MARTIN ARAUJO	REDAÇÃO
651	1931	21. FEVEREIRO	8		FOTO DAS ESTRELLAS NACIONALINAS NO DOMINGO -GORDO	REDAÇÃO
652	1931	21. FEVEREIRO	8		FOTO DA SOCIEDADE DO ATHLETICO RIO NEGRO, NA SEGUNDA-FEIRA-GORDA	REDAÇÃO
653	1931	21. FEVEREIRO	8		Eu	SIFERICIRA
654	1931	21. FEVEREIRO	8		Castanheiras Floridas (CONTINUAÇÃO I)	Huascar de Figueiredo
655	1931	21. FEVEREIRO	8	CORTINAS	NOTA: AS NOVAS TAXAS TELEGRAFICAS	REDAÇÃO
656	1931	21. FEVEREIRO	8		NOTAS: O CONCURSO DA ESCOLA NORMAL	REDAÇÃO

657	1931	21. FEVEREIRO	8		APESAR DE TUDO... REDEMPÇÃO DIVULGA-SE: Os escriptoress Rachel de Queiroz, Francisco Galvão e Mario de Andrade representam este semanario em Fortaleza, Rio e São Paulo, respectivamente	REDAÇÃO
658	1931	21. FEVEREIRO	8		NOTA: DE CHAPEU NA MÃO	REDAÇÃO
659	1931	21. FEVEREIRO	8		NOTA : SAUDADE	REDAÇÃO
660	1931	21. FEVEREIRO	8		NOTA: A CAPA DESTE NUMERO	REDAÇÃO
661	1931	21. FEVEREIRO	8		CASTANHEIRAS FLORIDAS (CONTINUAÇÃO II)	Huascar de Figueiredo
662	1931	21. FEVEREIRO	8	Phantasias & Realidades	O Bloco das mimosas borboletas	Ribeiro Couto
663	1931	28. FEVEREIRO	9	Editorial	Projecção de heroismo e talento	Abguar Bastos
664	1931	28. FEVEREIRO	9		Angustia de voos	Myriam Moraes de Campos Ribeiro
665	1931	28. FEVEREIRO	9		OS ARRABALDES	Myriam Moraes de Campos Ribeiro
666	1931	28. FEVEREIRO	9		Os garotos do meu bairro	Myriam Moraes de Campos Ribeiro
667	1931	28. FEVEREIRO	9		FOTO DA SENHORITA AMELIA ARCHER PINTO - FILHA DE ARCHER PINTO	REDAÇÃO
668	1931	28. FEVEREIRO	9		FOTO DE SENHORITA MAGNÓLIA CAVALCANTE - UMA PESSOA OTIMISTA	REDAÇÃO
669	1931	28. FEVEREIRO	9		Revolução e economia	Carlos Chauvin
670	1931	28. FEVEREIRO	9		PHILOSOFIA POPULAR BRASILEIRA - REPORTAGEM	LEONARDO MOTTA
671	1931	28. FEVEREIRO	9	Amaldiçoada Maternidade	Um Crime hediondo	REDAÇÃO
672	1931	28. FEVEREIRO	9		O typo criminal de Cydalia Maria (inicio)	Socrates Bonfim
673	1931	28.FEVEREIRO	9	Suplemento do Jornal futil	Artigo de fundo: De elegancia	REDAÇÃO

674	1931	28.FEVEREIRO	9		NOTA: Á mulher bonita que se veste na harmonia irreprehenível da elegancia, ninguem pergunta quantas cruces marca o seu sangue	Clovis Barbosa
675	1931	28.FEVEREIRO	9		CARICATURA: A MOÇA PRENDADA	REDAÇÃO
676	1931	28.FEVEREIRO	9		CARICATURA: O RAPAZ DISTINTO	REDAÇÃO
677	1931	28.FEVEREIRO	9		EXPEDIENTE DO SUPLEMENTO: ACEITAMOS CLICHÉS DE GENTE BONITA E SÓ PUBLICAREMOS COLLABORAÇÃO DE MOÇA FEIA	REDAÇÃO
678	1931	28.FEVEREIRO	9	Suplemento do Jornal futil	RIMA	HERCULANO
679	1931	28.FEVEREIRO	9		RIMA	CAMPOAMOR
680	1931	28.FEVEREIRO	9		NOTA	REDAÇÃO
681	1931	28.FEVEREIRO	9		CRITICA	REDAÇÃO
682	1931	28.FEVEREIRO	9		O BEIJO DA INNOCENCIA	REDAÇÃO
683	1931	28.FEVEREIRO	9	FOTOS	ANA THEREZA - FILHA DO CASAL MESQUITA	REDAÇÃO
684	1931	28.FEVEREIRO	9		SEBASTIÃO R. HENRIQUES	REDAÇÃO
685	1931	28.FEVEREIRO	9		PAULO- FILHO DE CAMILO CANDAL	REDAÇÃO
686	1931	28.FEVEREIRO	9		O typo criminal de Cydalia Maria (continuação)	Socrates Bonfim
687	1931	28.FEVEREIRO	9	Phantasias & Realidades	Menina falada	Aldo Moraes
688	1931	7.Março	10	Editorial	Realidade Afflictiva - CAPITULO DA EXPOSIÇÃO DO INTERVENTOR A JUAREZ	ÁLVARO MAIA
689	1931	7.Março	10		MYRZA - FILHA DO CASAL OSCAR BRAGA	REDAÇÃO
690	1931	7.Março	10		GRACE - FILHA DO CASAL GEORGE BROWNE	REDAÇÃO
691	1931	7.Março	10		MARIA DE NAZARETH - FILHA DO CASAL VICTOR SANTOS	REDAÇÃO

692	1931	7.Março	10		O bôto	J. Ferreira Sobrinho
693	1931	7.Março	10		Soneto	Hemeterio Cabrinha
694	1931	7.Março	10	NOTA	MARIA GONÇALVES DE OLIVEIRA - FILHA DE JOSÉ GONÇALVES DE OLIVEIRA	REDAÇÃO
695	1931	7.Março	10		"Opus 135 - No.16"	Adriano Jorge
696	1931	7.Março	10	DEPOIS DO CARNAVAL... DEPOIS DA C? ALIA... ANTES DO SABBADO DA ALLELUIA: O ENGRAÇADISSIMO CONCURSODE HISTORIA NA ESCOLA NORMAL: PARECE QUE VAI HAVER UMA REVOLUÇÃO CONTRA A "BASTILHA" DOS MEDALHÕES LITERARIOS	CRITICA ÀS THESES DOS TRES CAPISTRANOS QUE PRETENDIAM ENSINAR HISTORIA ÀS NORMALISTAS (INICIO)	SOCRATES BONFIM
697	1931	7.Março	10	CORTINAS	NOTAS	REDAÇÃO
698	1931	7.Março	10		O CONCURSO DA ESCOLA NORMAL (CONCLUSÃO)	Socrates Bonfim
699	1931	7.Março	10		L'eternelle chanson	Peregrino
700	1931	7.Março	10	Suplemento do Jornal futil	Arre, bem feito!	Jacques Flores
701	1931	7.Março	10		Bilhete	Mary
702	1931	7.Março	10	Suplemento do Jornal futil	Os romances dos melhores "partidos" da cidade	REDAÇÃO
703	1931	7.Março	10	Suplemento do Jornal futil	EXPEDIENTE DO SUPLEMENTO: Faz composição às suas [redempção] paginas de literatura pesada.	REDAÇÃO
704	1931	7.Março	10		FOTO DE ROSALINA COELHO LISBOA	REDAÇÃO
705	1931	7.Março	10	Conto Regional	Natal no tapery do Chico Brabo	Francisco Pereira
706	1931	14.Março	11	Editorial	Cruel Dilema	SANTANNA MARQUES

707	1931	14.Março	11	As crianças e os poetas	Versos em chamus	Myriam Moraes
708	1931	14.Março	11		Serenata	Aristophano Antony
709	1931	14.Março	11		FOTO DE ALMIRA - FAMILIA ALMIR NEVES	REDAÇÃO
710	1931	14.Março	11		FOTO DE KILDINHA BENAYON - VESTIDA DE CIGANA	REDAÇÃO
711	1931	14.Março	11		FLAVINHO - Já está se equilibrando para a terceira republica...	REDAÇÃO
712	1931	14.Março	11		FOTO DE THEREZINHA - BEBÊ	REDAÇÃO
713	1931	14.Março	11		Andorinhas da tarde	Huascar de Figueiredo
714	1931	14.Março	11	Para enganar as afflicções da crise, bem hajam escandalo e o ridiculo dos concursos estereis	O engraçadinho concurso de historia da Escola Normal ainda ferve na imprensa regional	Socrates Bonfim
715	1931	14.Março	11	Suplemento do Jornal futil	Os tre aneis	Alvaro Moreyra
716	1931	14.Março	11		EXPEDIENTE DO SUPLEMENTO	REDAÇÃO
717	1931	14.Março	11		Felicidade	H.
718	1931	14.Março	11		CHARGE	REDAÇÃO
719	1931	14.Março	11		Amor?	Menotti del Picchia
720	1931	14.Março	11		NOTA: ANIVERSARIO DE GABRIEL MACHADO	REDAÇÃO
721	1931	14.Março	11	Retratos a 3\$ a duzia	A moça mais leviana da minha provincia, posando para posteridade...	CLOVIS BARBOSA
722	1931	21.Março	12	Editorial	Um rumor de passos...	Plinio Salgado
723	1931	21.Março	12	FOTO	ALGUNS MEMBROS DA COLONIA BRASILEIRA EM LIVERPOOL	REDAÇÃO
724	1931	21.Março	12	FOTO	RUTH MORAES	REDAÇÃO
725	1931	21.Março	12		Crepusculo Amazonico	J. Ferreira Sobrinho
726	1931	21.Março	12		Nova esthetica	Charles Varnier
727	1931	21.Março	12		Outro cigarro, poeta?	Aldo Moraes
728	1931	21.Março	12		trovas do meu amor triste	Herculano
729	1931	21.Março	12	Folk-lore	O natal em Camiranga	Jorge Hurley
730	1931	21.Março	12	A semana gorda... do concurso de Historia	As provas foram uma pilheira. Nas contraprovas argumenta a logica das bengaladas	Socrates Bonfim

731	1931	21.Março	12		SUICIDIO DE AMERICO JORDÃO	REDAÇÃO
732	1931	21.Março	12	Retratos a 3\$ a duzia	Minha vizinha é uma mulher das arabias	CLOVIS BARBOSA
733	1931	28.Março	13	A criancinha que ainda não nasceu...	A criancinha que ainda não nasceu...	Benjamim Costallat
734	1931	28.Março	13	nasceu...	Syndicancias, probidade	Dr. Linhares de Albuquerque
735	1931	28.Março	13	Editorial	Oswaldo Aranha	Alvaro moreyra
736	1931	28.Março	13	O NOSSO CONCURSO INFANTIL	VOTAÇÃO ATÉ AGORA RECEBIDA	REDAÇÃO
737	1931	28.Março	13		Bertholetia Excelsa	Jonas da Silva
738	1931	28.Março	13		Poema	Mario de Andrade
739	1931	28.Março	13	FOTO	THEREZINHA - FILHA DA ATHANAGILDO DE MELLO	REDAÇÃO
740	1931	28.Março	13	NOTA	TRECHO DE UMA CARTA	JOÃO NEVES DA FONTOURA
741	1931	28.Março	13	NOTA	ANIVERSÁRIO DE CARLOS MESQUITA - CATHEDRATICO DE INGLES NO GYMNASIO AMAZONENSE	REDAÇÃO
742	1931	28.Março	13		Entre o amor e o flirt	Aristophano Antony
743	1931	28.Março	13	MEMORIA E ESTHETICA	Memoria e Esthetica	Martins Santana
744	1931	28.Março	13		FOTO DA SENHORITA YOLANDA MORAES	REDAÇÃO
745	1931	28.Março	13		FOTO DA SENHORITA RUTH VEIGA	REDAÇÃO
746	1931	28.Março	13	MEMORIA E ESTHETICA	FOTO DA SENHORITA JURACY CESAR DE OLIVEIRA	REDAÇÃO
747	1931	28.Março	13		FOTO DA SENHORITA ITAGUASSÚ GUIMARAES	REDAÇÃO
748	1931	28.Março	13		FOTO DA SENHORITA MARIA DE LOURDES LANGBECK	REDAÇÃO
749	1931	28.Março	13		PESSIMISMO	CLOVIS BARBOSA
750	1931	28.Março	13		BELLEZA	CLOVIS BARBOSA
751	1931	28.Março	13	Malandrinha	Um oasis na minha vida	Herculano
752	1931	28.Março	13		A voz da raça	Hemeterio Cabrinha
753	1931	28.Março	13		MARIDOS POETAS... (FIM)	Castro Menezes
754	1931	28.Março	13		FOTO DE ESABELZINHA - FILHA DO CASAL ROCHA DE CARVALHO	REDAÇÃO
755	1931	28.Março	13		FOTO DE CYRO - FILHO DO CASAL JOÃO LUNA	REDAÇÃO

756	1931	28.Março	13		CARTAO DE VOTAÇÃO DO CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
757	1931	28.Março	13	Phantasias & Realidades	Maridos poetas...	Castro Menezes
758	1931	4.Abril	14	Editorial	Juarez Tavora	Alvaro moreyra
759	1931	4.Abril	14	NOTA	PRIMEIRO PREMIO DE ROMANCE DA FUNDAÇÃO GRAÇA ARANHA : RAQUEL DE QUEIROZ	REDAÇÃO
760	1931	4.Abril	14		Telha de vidro	Raquel de Queiroz
761	1931	4.Abril	14		Rythimos do coração: ULTIMA CARTA DO POETA ABGUAR AO NOSSO CLOVIS	Abguar Bastos
762	1931	4.Abril	14	NOTA	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
763	1931	4.Abril	14		MORTO E DEPOSTO	Mario de Andrade
764	1931	4.Abril	14		Jesus, o sociólogo	Martins Santana
765	1931	4.Abril	14		Estrellas	Kilde Veras
766	1931	4.Abril	14		Página de Judas	Huascar de Figueiredo
767	1931	4.Abril	14		VISTA AEREA DE MANAOS	REDAÇÃO
768	1931	4.Abril	14	FOTO	ROBINSON RAMOS E SILVA - ALUNO DA ESCOLA DE AVIAÇÃO MILITAR DO RIO DE JANEIRO	REDAÇÃO
769	1931	4.Abril	14		A BANCA DE JOGO NA POLÍTICA	RAYMUNDO NONNATO DE CASTRO
770	1931	4.Abril	14		Pôncio Pilato (fim)	João do Rio
771	1931	4.Abril	14	Phantasias & Realidades	Pôncio Pilato (inicio)	João do Rio
772	1931	Indefinido1931	15		Guerra do Silencio	Abguar Bastos
773	1931	Indefinido1931	15	FOTO	CYRENA COELHO - FILHA DE ABDON COELHO	REDAÇÃO
774	1931	Indefinido1931	15	NOTA	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
775	1931	Indefinido1931	15		Comadre Zefinha	Bruno de Menezes
776	1931	Indefinido1931	15		Impressoes do Ceará mental (INICIO)	Socrates Bonfim
777	1931	Indefinido1931	15	A MELHOR FESTA DESTE ANNO, EM MANAÓS	FOTO DO GRUPO SELETO DE CONVIVAS AO CHÁ DO CONSUL DA COLOMBIA	REDAÇÃO
778	1931	Indefinido1931	15		FOTO DE ASPECTO DA FESTA NO IDEAL CLUB	REDAÇÃO

779	1931	Indefinido1 931	15	A MELHOR FESTA DESTE ANNO, EM MANAÓS	FOTO DE D. LUIS HUMBERTO SALAMANCA - CONSUL GERAL DA COLOMBIA EM MANAOS E ADJUNTO DA LEGAÇÃO DO RIO DE JANEIRO	REDAÇÃO
780	1931	Indefinido1 931	15		FOTO DA ALTA SOCIEDADE	REDAÇÃO
781	1931	Indefinido1 931	15		FOTO DA COMISSÃO DEMARCADORA DOS LIMITES ENTRE COLOMBIA E BRASIL.	REDAÇÃO
782	1931	Indefinido1 931	15		NOTA IDENTIFICANDO OS MEMBROS DA COMISSÃO	REDAÇÃO
783	1931	Indefinido1 931	15		Arte, Bellesa e Graça	Aristophano Antony
784	1931	Indefinido1 931	15	NOTA	ANIVERSARIO DO JORNAL O ESTADO DO PARÁ	REDAÇÃO
785	1931	Indefinido1 931	15	FOTO	ANIVERSARIO DE ARNALDO DE BITTENCOURT CANTANHEDE	REDAÇÃO
786	1931	Indefinido1 931	15	FOTO	DR. DEMETRIO HERMES DE ARAUJO - CHEFE DE ESPORTE	REDAÇÃO
787	1931	Indefinido1 931	15	NOTA	PARABENIZA RACHEL DE QUEIROZ POR SUA CONSCIENCIA MODERNISTA	REDAÇÃO
788	1931	Indefinido1 931	15		A arte de fazer inimigos	Peregrino
789	1931	Indefinido1 931	15		O quinze	Raquel de Queiroz
790	1931	Indefinido1 931	15		Impressoes do Ceará mental (FIM)	Socrates Bonfim
791	1931	18.Abril	16	Editorial	Assis Brasil	Alvaro Moreyra
792	1931	18.Abril	16		Era assim: O accendedor de lampeoes... FICOU ASSIM: essa nega fulô	Jorge de Lima
793	1931	18.Abril	16		Probidade Intellectual	Martins Santana
794	1931	18.Abril	16	Um pagina realista	Black-bottom	Clovis Barbosa
795	1931	18.Abril	16		A voz do charco: a quem couber a carapouça	Tenente Arnaldo Matta
796	1931	18.Abril	16	NOTA	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
797	1931	18.Abril	16		Moinho de Vento	Remigio Fernandez
798	1931	18.Abril	16		Rosa	Genesino Braga

799	1931	18.Abril	16		Black-bottom (continuação)	Clovis Barbosa
800	1931	18.Abril	16	FOTO	CAPA DA REVISTA AMAZONIDA DE CARLOS MESQUITA	REDAÇÃO
801	1931	18.Abril	16		CARTAO DE VOTAÇÃO DO CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
802	1931	18.Abril	16	Uma página de Leonardo Motta	Prosas de Matutos	Leonardo Motta
803	1931	25.Abril	17	Editorial	Pontas de Fogo	ÁLVARO MAIA
804	1931	25.Abril	17		D.BOSCO (incompleto)	Desconhecido
805	1931	25.Abril	17		A lenda das mulheres feias	Malba Tahan
806	1931	25.Abril	17		O primeiro medico e naturalista brasileiro no amazonas (inicio)	Dr. Alfredo da Matta
807	1931	25.Abril	17		O primeiro medico e naturalista brasileiro no amazonas (continuação)	Dr. Alfredo da Matta
808	1931	25.Abril	17	FOTO	MISS AMAZONAS 1930	REDAÇÃO
809	1931	25.Abril	17		Benedicite	Ard Mendonça
810	1931	25.Abril	17	NOTA	A NOTA ELEGANTE (sobre a Redempção)	FAZIL
811	1931	25.Abril	17		Inquietação	Myriam Moraes
812	1931	25.Abril	17		O primeiro medico e naturalista brasileiro no amazonas (conclusão)	Dr. Alfredo da Matta
813	1931	25.Abril	17		A sucuri que tinha a cabeça de oiro (inicio)	Abguar Bastos
814	1931	25.Abril	17	Phantasias & Realidades	A sucuri que tinha a cabeça de oiro (fim)	Abguar Bastos
815	1931	25.Abril	17	Prosa de Matuto	Pra que casou	Leonardo Motta
816	1931	2.Maio	18	Editorial	Manaos porta- do- eldorado	Abguar Bastos
817	1931	2.Maio	18	REPORTAGEM	UM CANTO DO ATELIER DE BRANCO SILVA	REDAÇÃO
818	1931	2.Maio	18		seis mezes de vida...	Huascar de Figueiredo
819	1931	2.Maio	18	FOTO	VISTA AEREA DE MANAOS	REDAÇÃO
820	1931	2.Maio	18		Equador	Tasso da Silveira
821	1931	2.Maio	18		Salve Maio!	J. Monteiro Junior
822	1931	2.Maio	18	FOTO	AIROHITO - IMPERADOR DOS JAPONESES	REDAÇÃO
823	1931	2.Maio	18		AMANHÃ - horário dos filmes	REDAÇÃO
824	1931	2.Maio	18		Equador (conclusao)	Tasso da Silveira

825	1931	2.Maio	18		A lenda da Yara (CONTINUAÇÃO)	Affonso Arinos
826	1931	2.Maio	18	NOTA	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
827	1931	2.Maio	18	Lenda amazonica, versao de Manaus	A Yara	Affonso Arinos
828	1931	9.Maio	19	Editorial	Na categhese	ÁLVARO MAIA
829	1931	9.Maio	19	FOTO	SYLVIO - FILHO DO CASAL VICENTE CINQUE	REDAÇÃO
830	1931	9.Maio	19	NOTA	NASCIMENTO DO FILHO DO SR. MARIO TORRES MELLO - FIGURA DO ALTO COMMERCIO	REDAÇÃO
831	1931	9.Maio	19	FOTO	MARIA ROSA- FILHA DO CASAL ALUYSIO BRASIL	REDAÇÃO
832	1931	9.Maio	19	NOTA	ANIVERSARIO DO FILHO DE RAYMUNDO N. DE CASTRO	REDAÇÃO
833	1931	9.Maio	19		CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
834	1931	9.Maio	19		Sonho bucolico	J. Ferreira Sobrinho
835	1931	9.Maio	19		Da decadencia da attitude	Herculano
836	1931	9.Maio	19	Festa de 1o. De Maio	Francisco Pereira, revolucionario de vanguarda, fallou assim ao operariado amazonense: (inicio)	Francisco Pereira
837	1931	9.Maio	19	Suplemento do Jornal futit	Alegria	Alvaro moreyra
838	1931	9.Maio	19		Cae a chuva la fora...	Rosaura Marilia (Marysa Correa)
839	1931	9.Maio	19		Cartas a Elle para quando elle vier...	Elóra Possólo
840	1931	9.Maio	19	Festa de 1o. De Maio	(continuação)	Francisco Pereira
841	1931	9.Maio	19	NOTA	A POPULARIDADE DE DEMITRI KOSAKAWITZ (foi suspeito pela sociedade de ser comunista)	REDAÇÃO
842	1931	9.Maio	19	FOTO	IDALINA CUNHA - ALUNA DO PROFESSOR DE MUSICA AVELINO TELLO.	REDAÇÃO
843	1931	9.Maio	19	FOTO	SENHORITA MAGNOLIA PAES BARRETO	REDAÇÃO
844	1931	9.Maio	19		Hospitalidade (inicio)	Alberto Hangel
845	1931	9.Maio	19	Contos Amazonicos	Hospitalidade (continuação)	Alberto Hangel

846	1931	16.Maio	20	CONVITE À POPULAÇÃO DE MANAOS	HOMENAGEM AO INTERVENTOR ALVARO MAIA E AO SECRETARIOGERAL DO ESTADO FRANCISCO PEREIRA DA SILVA	REDAÇÃO
847	1931	16.Maio	20	Editorial	Francisco Campos	Alvaro Moreyra
848	1931	16.Maio	20		Visão Pantheista	Americo Antony
849	1931	16.Maio	20	VOTOÇÃO	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
850	1931	16.Maio	20		Meu desejo	ENEIDA MORAES
851	1931	16.Maio	20		SENTIDO REAL DE BRASILIDADE	Abgvar Bastos
852	1931	16.Maio	20		O pagé	Jorge Hurley
853	1931	16.Maio	20	Suplemento do Jornal futil	A moda do Rio	Morena
854	1931	16.Maio	20		CARICATURA DE DEMITRI DAM KOSAKAWITZ	BENTEVI
855	1931	16.Maio	20	Suplemento do Jornal futil	COLABORAÇÃO	MARY
856	1931	16.Maio	20		UM FURO SENSACIONAL	REDAÇÃO
857	1931	16.Maio	20		VERSO	JACOB PASSARINHO
858	1931	16.Maio	20		O Valor do "Rouge"	Brasil Gerson
859	1931	16.Maio	20		A aliança	Maria José Aragão
860	1931	16.Maio	20		Quando ella passou	Mithridates Corrêa
861	1931	16.Maio	20	NOTAS	ANIVERSARIO DE AMÉRICO RUIVO	REDAÇÃO
862	1931	16.Maio	20		PROMESSA DE COLABORAÇÃO NA REDEMPÇÃO DE CARLOS MESQUITA	REDAÇÃO
863	1931	16.Maio	20		OS MELHORES FILMES DA SEMANA SÃO DA EMPRESA FONTENELLE & COMP.	REDAÇÃO
864	1931	16.Maio	20		PUBLICAÇÃO DE ROMANCE DE HUMBERTO DE CAMPOS	REDAÇÃO
865	1931	16.Maio	20		ANIVERSARIO DA UNIÃO DOS MOÇOS CATHOLICOS	REDAÇÃO
866	1931	16.Maio	20		DEMITRI KOSAKAWITZ NÃO ESTÁ MAIS EM MANAUS	REDAÇÃO
867	1931	16.Maio	20	FOTO	JULIETA - NETA DE JOSÉ COSTA NOVO	REDAÇÃO
868	1931	16.Maio	20		PUBLICAÇÃO DO LIVRO OS 18 DE COPACABANA DE PASCHOAL CARLOS	REDAÇÃO
869	1931	16.Maio	20		A professora (inicio)	Castro Menezes
870	1931	16.Maio	20		A professora (continuação)	Castro Menezes

871	1931	23.Maio	21	Editorial	ARAUJO FILHO	Adriano Jorge
872	1931	23.Maio	21		Os Rios	Maria Sabina
873	1931	23.Maio	21	Uma pagina de Araujo Filho		Araujo Filho
874	1931	23.Maio	21		Esturros na serra	Aldo Moraes
875	1931	23.Maio	21		Anchieta	Washington Mello
876	1931	23.Maio	21	Na Baiuca	The Tourist	RECLUSO No. 7
877	1931	23.Maio	21		Uma sapeca	Elóra Possólo
878	1931	23.Maio	21		Baixinho	Perillo Doliveira
879	1931	23.Maio	21	NOTAS	ANIVERSARIO DE ANNETTE - NETA DE JULIO OLYMPIO	REDAÇÃO
880	1931	23.Maio	21	NOTAS	PROMESSAS DE COLABORAÇÃO DE ANNA AMELIA CARNEIRO DE MENDONÇA E ADHEMAR TAVARES	REDAÇÃO
881	1931	23.Maio	21		NO PROXIMO NUMERO SAIRÁ O PROGRAMA DO CONCERTO DAS ARTISTAS AURORA SARAIVA E ZULMIRA BARROS	REDAÇÃO
882	1931	23.Maio	21		SOBRE A PUBLICAÇÃO DO RESULTADO DO CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
883	1931	23.Maio	21	NOTAS	MARISA DE LIMA CORREA FOI SOLICITADA EM CASAMENTO A SEU PAI PARA PLACIDO SERRANO FILHO	REDAÇÃO
884	1931	23.Maio	21		CORRESPONDENCIA PARA CLOVIS BARBOSA DE BERNARDINO JOSÉ DE SOUZA	REDAÇÃO
885	1931	23.Maio	21		CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
886	1931	23.Maio	21		Anchieta (continuação)	Washington Mello
887	1931	23.Maio	21	VOCAÇÃO PARA COROINHA	Vocação para coroinha	Ribeiro Couto
888	1931	23.Maio	21		O primeiro dente	Valentim Magalhaes
889	1931	30.Maio	22	Editorial	João Neves da Fontoura	Alvaro moreyra
890	1931	30.Maio	22		Doidices de mim mesma	Myriam Moraes
891	1931	30.Maio	22		Mestres sem livro	Aldo Moraes
892	1931	30.Maio	22	RAUL BOPP	Brasil, choca o teu ovo... (versiculos antropofagicos)	RAUL BOPP

893	1931	30.Maio	22		TRECHO DE Cobra Norato - NHEENGATU DA MARGEM ESQUERDA DO AMAZONAS	Raul Bopp
894	1931	30.Maio	22	Na Baiuca	Sarrona	RECLUSO No. 7
895	1931	30.Maio	22	TELEGRAMA	O general izidorio dias lopez no cartaz	REDAÇÃO
896	1931	30.Maio	22	DUAS ARTISTAS AMAZONENSES	AURORA SARAIVA E ZULMIRA BARROS: PROGAMAÇÃO DO CONCERTO	REDAÇÃO
897	1931	30.Maio	22		SENSACIONAL	O JORNAL
898	1931	30.Maio	22		A IX symphonia (CONCLUSÃO)	José Geraldo Vieira
899	1931	30.Maio	22	NOTA	A PROXIMA EDIÇÃO É DEDICADA À ANTROPOFAGIA DE RAUL BOPP	REDAÇÃO
900	1931	30.Maio	22	NOTA	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
901	1931	30.Maio	22	Conto	A IX Symphonia (inicio)	José Geraldo Vieira
902	1931	06.Junho	23	Editorial	Raul Bopp	Oswald de Andrade
903	1931	06.Junho	23	Os poetas modernistas da Amazonia	uiara	Abguar Bastos
904	1931	06.Junho	23		Paisagem sentimental	ENEIDA MORAES
905	1931	06.Junho	23		unibue dos cauhib	Francisco Pereira
906	1931	06.Junho	23		A fogueira do moquem politico	Aldo Moraes
907	1931	06.Junho	23		Lampeao	SANTANNA MARQUES
908	1931	06.Junho	23		Moquem	Oswaldo costa
909	1931	06.Junho	23		TRECHO DE Cobra Norato - NHEENGATU DA MARGEM ESQUERDA DO AMAZONAS	Raul Bopp
910	1931	06.Junho	23		Yperungaua	Raul Bopp
911	1931	06.Junho	23		Bilhetes do Rio	Francisco Galvão
912	1931	06.Junho	23		Yperungaua (continuação)	Raul Bopp
913	1931	06.Junho	23		Laurindo da Barra	Ferreira sobrinho
914	1931	06.Junho	23		MARAPATÁ	FRANCISCO PEREIRA
915	1931	06.Junho	23	NOTA	CONCURSO INFANTIL	REDAÇÃO
916	1931	06.Junho	23		Um relógio de noite... (impressionismo)	Brasil Pinheiro Machado
917	1931	13. Junho	24	Editorial	À PROCURA DO ABSOLUTO	Bezerra de Freitas
918	1931	13. Junho	24		Dentro da noite enorme	Anna Amelia de Queiroz Carneiro Mendonça
919	1931	13. Junho	24		Veneno que a gente já bebeu	Aldo Moraes
920	1931	13. Junho	24		Lindolfo Collor	Alvaro moreyra
921	1931	13. Junho	24	NOTA	SOBRE A ANTROPOFAGIA	OSWALD DE ANDRADE

922	1931	13. Junho	24	NOTA	SOBRE O CATHOLICISMO BRASILEIRO	RAUL BOPP
923	1931	13. Junho	24		Pelo ensino religioso	Adriano Jorge
924	1931	13. Junho	24		TRECHO DE Cobra Norato - NHEENGATU DA MARGEM ESQUERDA DO AMAZONAS	Raul Bopp
925	1931	13. Junho	24	A página dos universitarios	Legitima defesa subjectiva (INICIO)	Leoncio de salignac e Souza
926	1931	13. Junho	24		Legitima defesa subjectiva (continuação)	Leoncio de salignac e Souza
927	1931	13. Junho	24	CONCURSO INFANTIL	RESULTADO FINAL	REDAÇÃO
928	1931	13. Junho	24	INAUGURA-SE AMANHA, A VILA DE HANSEN, EM PARICATUBA	FOTO DE ÁLVARO MAIA - INTERVENTOR, TANCREDO VIEIRA DE MELLO - TENENTE-CORONEL, COMANDANTE DO 27o. B.C. E O CAPITAO FISCAL DO 27o. B.C.	REDAÇÃO
929	1931	13. Junho	24		FOTO DAS AUTORIDADES FEDERAIS E ESTADUAIS AO LEPROSARIO	REDAÇÃO
930	1931	13. Junho	24	NOTA	O THESOIRO DO AMAZONAS ESTÁ DE PARABENS	REDAÇÃO
931	1931	13. Junho	24	NOTA	NO NUMERO 25, COLABORAÇÕES DE ESTHER SILVA E SILVA FILHO	REDAÇÃO
932	1931	13. Junho	24	NOTA	NESTE MES NUMERO DEDICADO À INFANCIA AMAZONENSE	REDAÇÃO
933	1931	13. Junho	24		Os pianos de Lenine	Henrique Pongetti
934	1931	20. Junho	25	Editorial	A poetiza de Manaós	Clovis Barbosa
935	1931	20. Junho	25	Dois poetas gauchos	Ao que vae para vida...	Esther squeff
936	1931	20. Junho	25		quando fores feliz...	Esther squeff
937	1931	20. Junho	25		Extremo	Silva filho
938	1931	20. Junho	25		Silencio	Silva filho
939	1931	20. Junho	25		A logica da ingratidão	SANTANNA MARQUES
940	1931	20. Junho	25		José Maria Whitaker	Alvaro moreyra
941	1931	20. Junho	25	NOTA	PELO ENSINO RELIGIOSO	REDAÇÃO
942	1931	20. Junho	25	NOTA	ANIVERSARIO DE ABELERDO ARAUJO - DELEGADO-FISCAL E JORNALISTA	REDAÇÃO

943	1931	20.Junho	25	NOTA	HOMENAGEM DO GRUPO BARÃO DO RIO BRANCO À ARVORE DA PRAÇA JOÃO PESSOA	REDAÇÃO
944	1931	20.Junho	25	Uma pagina de Araujo Filho	"A RELAÇÃO ENTRE POESIA, RELIGIÃO E O DIREITO"	ARAUJO FILHO
945	1931	20.Junho	25		Na hora da morte	Ferreira sobrinho
946	1931	20.Junho	25		Fogueiras de Sao Joao	Herculano
947	1931	20.Junho	25		Historia sentimental de Pecegueiro Flores (CONCLUSÃO)	Jorge de rezende
948	1931	20.Junho	25	CONVITE	RECEPÇÃO À CARAVANA DOS LEGIÃO DE OUTUBRO	REDAÇÃO
949	1931	20.Junho	25	Conto	Historia sentimental de Pecegueiro Flores (INICIO)	Jorge de rezende
950	1931	27.Junho	26		A flor que canta (incompleto)	Maria Sabina
951	1931	4.Julho	27	Editorial	O SENTIDO DAS LEJIÕES (página cortada)	Desconhecido
952	1931	4.Julho	27		Affectos esquivosos	Aldo Moraes
953	1931	4.Julho	27		Pronunciou HUASCAR DE FIGUEIREDO NA MATRIZ DA CONCEIÇÃO EM 2 DE JULHO DE 1931	Huascar de Figueiredo
954	1931	4.Julho	27	FOTO	KILDINHA - FILHA DE JOSÉ L. BENAYON	REDAÇÃO
955	1931	4.Julho	27		A RUA IZABEL É ASSIM (CONTINUAÇÃO)	HERCULANO
956	1931	4.Julho	27	NOTA	ANUNCIO DO CONCURSO QUAL É A MOÇA MAIS BONITA DE MANAÓS.	REDAÇÃO
957	1931	4.Julho	27	Um Conto	A prima lucia (inicio)	José Geraldo Vieira
958	1931	11. Julho	28	CONCURSO	QUAL A MOÇA MAIS BONITA DE MANAÓS?	REDAÇÃO
959	1931	11. Julho	28	Editorial	Oração	Myriam Moraes
960	1931	11. Julho	28		Terra de Braza (colaboração do LUX JORNAL)	Manoel Victor
961	1931	11. Julho	28		TRECHO DE Cobra Norato - NHEENGATU DA MARGEM ESQUERDA DO AMAZONAS	Raul Bopp
962	1931	11. Julho	28		Honra de Homem (INICIO)	Ferreira sobrinho
963	1931	11. Julho	28		José Americo de Almeida	Alvaro moreyra

964	1931	11. Julho	28	Bôa Noite, Mestre!	Bôa Noite, Mestre!	Genesio Cavalcante
965	1931	11. Julho	28		FOTO DE ARAUJO FILHO, PERICLES MORAES E O ESCRITOR ESPANHOL EUGENIO NOEL	REDAÇÃO
966	1931	11. Julho	28		NOTA SOBRE O NUMERO ESPECIAL DE 23 DE JULHO	REDAÇÃO
967	1931	11. Julho	28		As quatro mães (INICIO)	Kilde Veras
968	1931	11. Julho	28	FOTO	JORNALISTAS AMÉRICO RUIVO, JORGE ANDRADE E HERCULANO CASTRO E COSTA, ELEMENTOS SADIOS DA LEGIÃO	REDAÇÃO
969	1931	11. Julho	28	FOTO	LEGIONARIAS DE ITACOATIARA NA PARADA DE 5 DE JULHO	REDAÇÃO
970	1931	11. Julho	28		Exortação dum moço que pegou em armas pela "segunda Republica"	Alberto Hangel
971	1931	11. Julho	28	FOTO	JORNALISTAS, AUTORIDADES, COMERCIANTES E ALTOS FUNCIONARIOS DO LOYD BRASILEIRO	REDAÇÃO
972	1931	11. Julho	28		Honra de Homem (continuação)	Ferreira sobrinho
973	1931	11. Julho	28		As quatro mães (continuação)	Kilde Veras
974	1931	11. Julho	28	NOTA	ANIVERSARIO DE JULYO OCTAVIO - FILHO DE ANASTACIO RIBEIRO DE CARVALHO E LEONOR FERNANDES DE CARVALHO	REDAÇÃO
975	1931	11. Julho	28	NOTA	REUNIÃO DO CORPO DOCENTE E PAIS DO GRUPO ESCOLAR BARÃO DO RIO BRANCO	REDAÇÃO
976	1931	11. Julho	28	NOTA	SOBRE A UNIÃO CAIXEIRAL DESPORTIVA	REDAÇÃO
977	1931	11. Julho	28	NOTA	NUMERO ESPECIAL DE 23 DE JULHO - CLICHÉS DAS CRIANÇAS MAIS BONITAS DE MANAÓS	REDAÇÃO
978	1931	11. Julho	28		A Prima Lucia (continuação)	José Geraldo Vieira

979	1931	23.Julho	29	Um conto	O doente	Braga Montenegro
980	1931	23.Julho	29		FOTO DE CODAJÁS	REDAÇÃO
981	1931	23.Julho	29	Editorial	Capitão Barata	Austregesilo de athayde
982	1931	23.Julho	29		Clovis	Aldo Moraes
983	1931	23.Julho	29		Inverno	Myriam Moraes
984	1931	23.Julho	29	As Crianças	AS CRIANÇAS (INICIO)	Benjamim de Souza
985	1931	23.Julho	29	As Crianças	FOTO DE GILDA CECERE - FILHA DE ANTONIO CECERE	REDAÇÃO
986	1931	23.Julho	29		FOTO DE PAULO FRACINNETTE RIBEIRO CUADAL	REDAÇÃO
987	1931	23.Julho	29		FOTO DE FLAVIO AUGUSTO - FILHO DO DR. HYPENOR DE AGUIAR AZEVEDO	REDAÇÃO
988	1931	23.Julho	29		Discurso	Francisco Pereira
989	1931	23.Julho	29		FOTO DO DR. OLEGARIO DE CASTRO - CHEFE DE POLICIA E DO SEU SECRETARIO FRANCISCO PEREIRA	REDAÇÃO
990	1931	23.Julho	29	O leader revolucionari o da Amazonia	O leader revolucionario da Amazonia	R.S.
991	1931	23.Julho	29		FOTO DO CAPITÃO BARATA	REDAÇÃO
992	1931	23.Julho	29		FOTO DO TENENTE ESMAELLINO	REDAÇÃO
993	1931	23.Julho	29	HEROES E VITIMAS DA REVOLUÇÃO AMAZONENS E	FOTO DE CHRYSANTO JOBIM - SECRETARIO GERAL DO ESTADO A 23 DE JULHO	REDAÇÃO
994	1931	23.Julho	29		FOTO DOS OFICIAIS PRESOS NO 26o. B.C.	REDAÇÃO
995	1931	23.Julho	29	HEROES E VITIMAS DA REVOLUÇÃO AMAZONENS E	NOTA NESTA PÁGINA SENTE A AUSENCIA DUMA GRANDE CONSCIENCIA REBELLADA DE 23 DE JULHO - CAPITÃO ALUISIO FERREIRA	REDAÇÃO
996	1931	23.Julho	29	HEROES E VITIMAS DA REVOLUÇÃO AMAZONENS E	FOTO DOS PRESOS POR EXERCER CARGOS PUBLICOS NO PERIODO DA REVOLIUÇÃO	REDAÇÃO
997	1931	23.Julho	29		FOTO DO TENENTE RIBEIRO JUNIOR	REDAÇÃO
998	1931	23.Julho	29	NOTA	TRUPE TRA-LA-LA	REDAÇÃO
999	1931	23.Julho	29	As Crianças	AS CRIANÇAS (continuação)	Benjamim de Souza

1000	1931	23.Julho	29		FOTO DE PAULO FRASSINETTI	REDAÇÃO
1001	1931	23.Julho	29		FOTO DE MERCEDES ESRAEL - FILHA DO COMENDADOR RAPHAEL BENOLIEL	REDAÇÃO
1002	1931	23.Julho	29		FOTO DE SONIA - ALFREDO CASTRO	REDAÇÃO
1003	1931	23.Julho	29		Anna Bruxa	Ferreira sobrinho
1004	1931	23.Julho	29	FOTOS	ENLACE DE MARIA NAZARE COSTA E JOSE AVELINO	REDAÇÃO
1005	1931	23.Julho	29		EMILIO ALMANZOR - JORNALISTA	REDAÇÃO
1006	1931	23.Julho	29		VAVÁ CASTRO - ESCULTORA E O BUSTO DE RIBEIRO JUNIOR	REDAÇÃO
1007	1931	23.Julho	29	NOTA	SICA-PANEDAS	REDAÇÃO
1008	1931	23.Julho	29		TRECHO DE Cobra Norato - NHEENGATU DA MARGEM ESQUERDA DO AMAZONAS	Raul Bopp
1009	1931	23.Julho	29		Duas jovens intelligencias amazonenses atraves do esplendor do carinho bahiano (CARLYLE DE CHEVALIER E MERCEDES RODAMILANS)	REDAÇÃO
1010	1931	23.Julho	29		O doente (conclusão)	Braga Montenegro
1011	1931	23.Julho	29		NUM ALBUM	FELIX VALOIS COELHO
1012	1931	23.Julho	29		LIBERTAS	TOCANDIRA BALBI CARREIRA
1013	1931	23.Julho	29		Almirante Conrado Heck	Alvaro moreyra
1014	1931	23.Julho	29	Um Conto	O doente (inicio)	Braga Montenegro
1015	1932	Agosto	30		A luz dos mortos	Berilo Neves
1016	1932	Agosto	30		O decalogo da base da Constituição Nacional (inicio)	A NAÇÃO - DE FORTALEZA
1017	1932	Agosto	30		O escandalo de Texas Guinan (correspondencia de Paris)	Bricio de Abreu
1018	1932	Agosto	30	Editorial	Ida Souto Uchoa	Martins Santana
1019	1932	Agosto	30	NOTA	ENLACE DE ZAIDA PAULA E ALDO MORAES	REDAÇÃO
1020	1932	Agosto	30	FOTO	COMANDANTE ROGERIO COIMBRA - GOVERNADOR DO AMAZONAS	REDAÇÃO

1021	1932	Agosto	30	FOTO	INTERVENTOR PARAENSE EM 1924 - MAJOR J. MAGALHÃES BARATA	REDAÇÃO
1022	1932	Agosto	30	FOTO	SENHORITA LULITA PERDIGÃO	REDAÇÃO
1023	1932	Agosto	30	NOTA	DR. ALCINDO CACELLA	REDAÇÃO
1024	1932	Agosto	30	FOTO	PIANISTA DARCILLA BARROS LALOR	REDAÇÃO
1025	1932	Agosto	30		Felicidade...	Edgard proença
1026	1932	Agosto	30		Terra do Amazonas	Ida Souto Uchôa
1027	1932	Agosto	30	O leader dos amazonidas	FOTO DE Alvaro Maia	REDAÇÃO
1028	1932	Agosto	30	PARTITURA	REDEMPÇÃO	J. WOLFANGO TEIXEIRA
1029	1932	Agosto	30	Poesia Paraense	Passado	Bruno de Menezes
1030	1932	Agosto	30		O Reino das Náiades (PARTE 1)	Araujo Lima
1031	1932	Agosto	30		O Reino das Náiades (PARTE 2)	Araujo Lima
1032	1932	Agosto	30		ESTÁ EM MANAOS O BARRIOS - UM VIOLÃO MAIOR DO QUE A ROBLEDADO!	REDAÇÃO
1033	1932	Agosto	30		DECALOGO DA CONSTITUIÇÃO NACIONAL (FIM)	A NAÇÃO - DE FORTALEZA
1034	1932	Agosto	30		AGUINALDO ZAMA RIBEIRO	REDAÇÃO
1035	1932	Agosto	30	FOTO E NOTA	DR. ANTONIO JOSÉ DE MENEZES CASTRO	REDAÇÃO
1036	1932	Agosto	30	FOTO	IGNACIO GARCIA DA SILVA	REDAÇÃO
1037	1932	Agosto	30	FOTO	THEREZINHA DO MENINO JESUS - FILHA DE ROBERTO COUTINHO - DA POLICIA CIVIL	REDAÇÃO
1038	1932	Agosto	30	FOTO	SENHORITAS ETVIRA E JANDYRA - SOBRINHA E FILHA DE BARNABÉ GOMES	REDAÇÃO
1039	1932	Agosto	30		O Reino das Náiades (PARTE 3)	Araujo Lima
1040	1932	Agosto	30		uma festa civica em Maues	REDAÇÃO
1041	1932	Agosto	30		O Reino das Náiades (fim)	Araujo Lima
1042	1932	Agosto	30		As gallinhas do delegado	João do Norte
1043	1932	Agosto	30		Leite de Castro	Alvaro moreyra
1044	1932	01. Janeiro	31		Christo, Medico (INICIO)	Araujo Lima
1045	1932	01. Janeiro	31	EDITORIAL	FOTO DE JUAREZ	REDAÇÃO
1046	1932	01. Janeiro	31	NOTAS	SAFRA	REDAÇÃO

1047	1932	01. Janeiro	31		NOVAS REVISTAS	REDAÇÃO
1048	1932	01. Janeiro	31		PROFESSORES	REDAÇÃO
1049	1932	01. Janeiro	31		Catilho França	J. Correia
1050	1932	01. Janeiro	31	Conto	a notavel Bravura do Coronel Clementino (INICIO)	Mucio Leão
1051	1932	01. Janeiro	31	A BELLEZA E A GRAÇA DOS SUBURBIOS	FOTO DE NAIR TORRES DE MORAES- MISS CONSTANTINÓPOLIS 1931	REDAÇÃO
1052	1932	01. Janeiro	31		"VERSO"	JOÃO DO RIO
1053	1932	01. Janeiro	31	Uma vespera de Natal	Uma vespera de Natal (inicio)	Marques Rebello
1054	1932	01. Janeiro	31	DESENHO	Desenho de livro de contos de CLOVIS BARBOSA, <i>As mulheres adivinham</i> , de 1932	REDAÇÃO
1055	1932	01. Janeiro	31	Pagina de Henrique Rubim	A regia flor do eden...	Henrique Rubim
1056	1932	01. Janeiro	31	Henrique Rubim	FOTO DE CENA DO FILME MONOLESCO	REDAÇÃO
1057	1932	01. Janeiro	31	Velhice e Meninice da poesia nacional	O meu noturno	Remigio Fernandez
1058	1932	01. Janeiro	31		Vala Commum	Ismaelino de Castro
1059	1932	01. Janeiro	31		José	J. Ferreira Sobrinho
1060	1932	01. Janeiro	31		Contraste	Raimundo barreto
1061	1932	01. Janeiro	31		Rosas de Santa Luzia	Raquel de Queiroz
1062	1932	01. Janeiro	31		Poema do Sem Trabalho	ENEIDA MORAES
1063	1932	01. Janeiro	31		? De Sodoma	Murilo Mendes
1064	1932	01. Janeiro	31	AS PRINCIPAIS AUTORIDADES DO ESTADO AO DEALBAR DE 1932	FOTO DE WALDEMAR PEDROSA - SECRETARIO GERAL DO ESTADO	REDAÇÃO
1065	1932	01. Janeiro	31		FOTO DO TENENTE EMMANUEL DE ALMEIDA MORAES - PREFEITO DA CAPITAL	REDAÇÃO
1066	1932	01. Janeiro	31		FOTO DO CAPITAO-TENENTE ANTONIO ROGERIO COIMBRA - INTERVENTOR FEDERAL	REDAÇÃO
1067	1932	01. Janeiro	31		A regia flor do eden... (conclusao)	Henrique Rubim
1068	1932	01. Janeiro	31	Ronda de Imagens	Oração	Myriam Moraes
1069	1932	01. Janeiro	31		Critica	Anna Amelia de Queiroz Carneiro Mendonça
1070	1932	01. Janeiro	31		Christo, Medico (continuação)	Araujo Lima

1071	1932	01. Janeiro	31		Uma vespera de Natal (continuação)	Marques Rebello
1072	1932	01. Janeiro	31		RÉO-CONFESSO (INICIO)	CABO LUSTOSA
1073	1932	01. Janeiro	31		RÉO-CONFESSO (FIM)	CABO LUSTOSA
1074	1932	01. Janeiro	31		a notavel Bravura do Coronel Clementino (FIM)	Mucio Leão
1075	1932	01. Janeiro	31	REPORTAGEM	RESURREIÇÃO: UM CASO IMPORTANTE NA CLINICA DO DR. BENEDICTO DE CARVALHO	O JORNAL
1076	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Dia de evocações	Agnello Bittencourt
1077	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		A grande hora das recordações	Huascar de Figueiredo
1078	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Maria Elza	H.
1079	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		INSTANTANEOS	DR. JONATHAS PEDROSA
1080	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		SAUDADES	MATHILDE AREOSA
1081	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		DR. PEDROSA	CORIOLANO DURAND
1082	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO	OS CANTEIROS DE DEUS	VULTOS DA HISTÓRIA: BARÃO DE SANT'ANNA NERY	REDAÇÃO
1083	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		VULTOS DA HISTÓRIA: NUNO ALVES PEREIRA DE MELLO CARDOSO	REDAÇÃO
1084	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO	Medalhas da nossa saudade	Para o annibal theophilo	Raymundo Monteiro
1085	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Durante a febre	H. Balbi
1086	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Soror Thereza	Maranhão sobrinho
1087	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Cabellos Brancos	Octavio Sarmento
1088	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Teu Pedido	TH. Vaz

1089	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO	Imagens da saudade	à memoria de Panteleão José de Lima	Americo Antony
1090	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Homenagem de Araken	J. Ferreira Sobrinho
1091	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		FOTO E NOTA SOBRE PEDRO FREIRE	REDAÇÃO
1092	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		FOTO E NOTA SOBRE Mario Hidemburgo	REDAÇÃO
1093	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Os que não morrem na gratidão dos amazonidas (conclusão)	Arthur Cezar Ferreira Reis
1094	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Os que não morrem na gratidão dos amazonidas (início)	Arthur Cezar Ferreira Reis
1095	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO	FOTO	DR. FRANCISCO DAS CHAGAS AGUIAR	REDAÇÃO
1096	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Ave, apollo	Henrique Rubim
1097	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		Mortos	Rosalina
1098	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO	NOTA	SOBRE INQUERITOS INTIMOS	REDAÇÃO
1099	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO	HOMENAGENS POSTUMAS	RUY BENICIO DE MELLO	REDAÇÃO
1100	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		AGUINALDO RIBEIRO	REDAÇÃO
1101	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		NOTA SOBRE OUTROS	REDAÇÃO
1102	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		ASTROLABIO PASSOS	REDAÇÃO
1103	1932	02. Novembro	SUPLEMENTO		VERSOS A UM COVEIRO	AUGUSTO DOS ANJOS

APÊNDICE B - COLABORAÇÕES ANALISADAS

LITERATO	TÍTULO	LOCALIZAÇÃO	TIPO DE PRODUÇÃO
ABGUAR BASTOS	A hora da morte de Margarida Loria	n.3 1931	Conto
	A terceira republica	n.4 1931	Manifesto
	Cidade de colonos e cabanos	n.6 1931	Poesia
	Projecção de heroismo e talento	n.9 1931	Crítica
	Rythimos do coração	n.14 1931	Carta
	Guerra do silencio	n.15 1931	Poesia
	A sucuri que tinha cabeça de oiro	n.17 1931	Conto
	Manaos porta do eldorado	n.18 1931	Poesia
	Sentido real de brasilidade	n.20 1931	Manifesto
	Uiara	n.23 1931	Poesia
ÁLVARO MAIA	Em campo aberto	n.1 1924	Carta Pública
	Ilusao de Natal	n.2 1924	Cronica
	Como surgiram as violetas	n.3 1925	Cronica
	Uma ressurreição da hellade	n.4 1925	Cronica
	ENTRE florestas e garçaes	n.5,6 1925	Relatório
	Sobre as aguas barrentas	n.7 1925	Poesia
	Paraiso verde...	edição especial de agosto	Crônica
	Carcere virgem	n.9,10 1925	Poesia
	A um Fraco	n.9,10 1925	Poesia
	Narcisa	n.9,10 1925	Poesia
	A buzina	n.11 1926	Poesia
	Afeiçã e arte	n.12 1926	Discurso
	jangada de cedros	n.14 1927	Poesia
	À margem do orçamento para 1931	n.2 1931	Manifesto
Realidade afflictiva	n.10 1931	Relatório	
Pontas de fogo	n.17 1931	Conferência	
Na categhese	n.19 1931	Poesia	
BENJAMIN LIMA	Nota de <i>O Paiz</i> , seção <i>A feira do livro</i> .	n.4 1925	NOTA
	Carta de Benjamin a Clovis Barbosa	Número Especial agosto	CARTA
CLOVIS BARBOSA como A.C.	Retrospecto político de um farçante	n.1 1931	Artigo
	Grandeza e decadencia dum macaco de circo	n.2 1931	Artigo
	Voos vertiginosos duma curica	n.4 1931	Artigo
CLOVIS BARBOSA	Heroe	Número Especial de Março 1926.	Reportagem
	Benjamin Lima: Paradigma do jornalismo sadio	Número Especial agosto de 1926	Crítica Literária
	Afeiçã e arte	n.12 1926	Discurso
	Excerpto	n.14 1927	NOTA
	Adeus são luis	n.3 1931	Discurso

CLOVIS BARBOSA	veronica	n.5 1931	Conto
	um fraque	n.6 1931	CONTO
	A gloria do violão	n. 6 1931	NOTA
	carnaval do homem-mulher	n. 7 1931	CONTO
	festa da brasilidade	n.8 1931	CONFERÊNCIA
	À mulher mais bonita	n.9 1931	NOTA
	A moça mais leviana da minha provincia, posando para a posteridade...	n.11 1931	CONTO
	Minha visinha é uma mulher das arabias	n.12 1931	CONTO
	Belleza	n.13 1931	Crônica
	Pessimismo	n.13 1931	Crônica
	Black-botton	n.16 1931	Conto
A poetisa de manaos	n.25 1931	Crítica	
CORIOLANO DURAND	Dr. pedrosa	Suplemento 1932	NOTA
	O carriça	n.14 1927	Conto
	O meu aniversario	n.12.1926	Crônica
	O morto que riu	n.7 1925	CONTO
	Para ler e escrever números	n.9,10 1925	Artigo
	Sonho de criança, magua de velho	n.11 1926	CONTO
	ZACHEU SNUK EPISODIO TRAGICO EM UM ACTO, EM VERSO	n.2 1924	Novela
PERICLES MORAES	Anatole, sementeiro de dúvidas	n.1 1924	Crônica
	Coelho Netto	n.3 1925	Crítica Literária
	Fernando de Azevedo	n.5,6 1925	Crítica Literária
	MARIA SYLVIA JARDIM SILVA D'OLIVEIRA	n.4 1925	NOTA
	Grandeza e decadencia de Don Juan	n.7 1925	Crítica
	Uma figura de guerreiro: Abd-el-krim	n.9,10 1925	Crrítica
RAYMUNDO MONTEIRO	As horas lentas	n.1 1924	Poesia
	Elegia Pagan	n.3 1925	Poesia
RAYMUNDO MONTEIRO	Álbum infantil	n. 5,6 1925	Poesia
	Penthesiléa	n.5,6 1925	Poesia
	Andromacha	n.8 1925	Poesia
	Flamas	Número Especial de Março 1926	Poesia
	Os problemas do amazonas	n.11 julho de 1926	Artigo
	No rio negro	numero especial agosto de 1926	Poesia
	Noel	n.12 dezembro de 1926	Poesia
	Amanhecer no amazonas	n.14 1927	Soneto
	De volta	n.7 1931	Poesia
	Para o Hannibal Theofilo	Suplemento 1932	Poesia